CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
***CAMPUS* DIVINÓPOLIS**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

MARIA INÊS PASSOS PEREIRA BUENO

A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG) - UNIDADE DIVINÓPOLIS

Divinópolis

2022

MARIA INÊS PASSOS PEREIRA BUENO

A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG) - UNIDADE DIVINÓPOLIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Divinópolis do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a): Prof. Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias
Coorientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Alves dos Santos

Divinópolis

2022

(Catalogação - Biblioteca Universitária – Campus Divinópolis – CEFET-MG)

Bueno, Maria Inês Passos Pereira
B928c A colaboração entre docentes e bibliotecários na educação profissional e tecnológica: um estudo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) - Unidade Divinópolis. / Maria Inês Passos Pereira Bueno. -- Divinópolis, 2022.
181 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias
Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Alves dos Santos

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Campus Divinópolis, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), 2022.

1. Trabalho Colaborativo. 2. Ensino-Aprendizagem 3. Docentes. 4. Bibliotecários. 5. Educação Profissional e Tecnológica. I. Dias, Thiago Magela Rodrigues. II. Santos, Rodrigo Alves dos. III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. IV. Título.

CDU: 377:339.94

Bibliotecária Responsável Maria Inês Passos Pereira Bueno CRB-6:2805

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
***CAMPUS* DIVINÓPOLIS**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

MARIA INÊS PASSOS PEREIRA BUENO

A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG) - UNIDADE DIVINÓPOLIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 13 de julho de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias - CEFET-MG
Orientador

_____
Prof. Dr. Douglas Pauleski Juliani
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

_____
Profa. Dra. Maria Isabel Rios de Carvalho Viana
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
***CAMPUS* DIVINÓPOLIS**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

MARIA INÊS PASSOS PEREIRA BUENO

PLATAFORMA *WEB* DE COMPARTILHAMENTO COLABHORAR

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 13 de julho de 2022

COMISSÃO AVALIADORA

_____
Prof. Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias – CEFET-MG
Orientador

_____
Prof. Dr. Douglas Pauleski Juliani
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

_____
Profa. Dra. Maria Isabel Rios de Carvalho Viana
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

Dedico a meu pai, que
deixando-se ver que lia,
fez abrir em mim os olhos de ler!

AGRADECIMENTOS

É melhor que se fechem os ciclos com gratidão para que os outros que vierem também sejam acolhidos com gratidão. Sendo assim agradeço...

... a Deus, em quem coloco a minha razão de viver;

... à minha família, por serem o esteio de minha construção;

... ao professor Thiago Magela Rodrigues Dias, meu orientador, e ao professor Rodrigo Alves dos Santos, meu coorientador, pelos direcionamentos, ponderações, respeito e valorização das minhas escolhas e entendimentos;

... ao professor Douglas Paulesky Juliani e à professora Ana Elisa Ribeiro, por seu gentil aceite em participar em minha banca de qualificação, ofertando-me sua valiosa e fundamental colaboração; à professora Maria Isabel Rios de Carvalho Viana, por sua participação em minha banca de defesa desta dissertação. Suas considerações tão sábias e generosas, sua gentileza em aceitar o convite para estar junto a mim neste momento tão especial, e sua interação nas atividades colaborativas que já realizamos juntas, só reafirmam a importância daquilo que acredito e que aqui defendo.

... à Coordenação Acadêmica Local do PROFEPT: José Geraldo, Maria Adélia e Matusalém, por sua liderança incansável frente aos desafios de coordenar a implantação deste curso de Mestrado no CEFET-MG Unidade;

... a todos os professores do PROFEPT: Eduardo, Flávio, José Geraldo, Maria Adélia, Matusalém, Rodrigo, Sabina, Thiago e Vandeir que estiveram conosco nesta caminhada, pelos ensinamentos que se tornaram preciosas aprendizagens;

... à Diretoria da Unidade de Divinópolis: Emerson, Elena e Flávio, por todo empenho para que se pudesse ofertar o PROFEPT, corroborando-se assim a vocação do CEFET-MG de ser referência em educação e pesquisa no Brasil;

... aos meus colegas de Mestrado: Aracele, Eliara, Fabiana, Hérika, Henry, Jéssica, Wilson José, Karina, Marcela, Marciana, Rafael, Romero, Samuel, Vânia, Wander e Wilson, pela grata dádiva de estarem presentes em minha jornada, tornando-a inesquecível;

... aos participantes da pesquisa, por sua generosa e essencial contribuição para a efetivação deste estudo;

... a todos os professores, técnicos administrativos e alunos das Unidades de Curvelo e Divinópolis, pois no convívio diário com eles, encontrei-me com a certeza de que a colaboração pode ser sim um caminho para se humanizar cada vez mais as relações de ensino e aprendizagem.

Tecendo Manhã

"Um galo sozinho não tece a manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro: de outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzam
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão."

João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345)

RESUMO

Esta pesquisa investigou as concepções e práticas colaborativas dos docentes e bibliotecários no âmbito do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) - Unidade Divinópolis, Instituição que oferta a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O estudo teve como objetivo geral o desenvolvimento de uma Plataforma *web* de interação, compartilhamento e produção de conteúdo referente ao trabalho colaborativo, com vistas a fomentar a cultura de colaboração entre esses pares e assim favorecer o ensino e a aprendizagem na referida Instituição. Para subsidiar a investigação foram efetivadas pesquisas bibliográficas e documentais, com uso de metodologia essencialmente qualitativa, observação participante, aplicação *on-line* de questionários semiestruturados, análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2011), e da temática, na Teoria da Colaboração (TLC) de Montiel-Overall (2005-2013). Outros estudiosos também embasaram esta pesquisa como Loertscher (2000), Doll (2005), Araújo (2012), Campello e Pereira (2016), Boavida (2002), Blattman (2007), Moran (2007). Participaram do estudo 22 dos 81 servidores da unidade, sendo 2 bibliotecários e 20 docentes. Dentre eles, esteve esta pesquisadora que é bibliotecária na unidade. Os resultados obtidos revelaram o que docentes e bibliotecários compreendem quanto à colaboração e suas práticas e isso permitiu a identificação do nível da mesma entre eles, que neste estudo, foi percebido dentro das duas facetas iniciais do TLC de Montiel-Overall (2005-2013) que são a Coordenação e a Cooperação. Estes são os níveis menos avançados da escala estabelecida por essa estudiosa. Eles englobam ações que, embora aconteçam sem planejamento e objetivos comuns, com pouco ou nenhum compartilhamento de recursos humanos, materiais e de responsabilidades, sendo em sua maioria espontâneas e ocasionais, podem ser consideradas como práticas de cunho colaborativo e que não são menos importantes que as de níveis mais elaborados, pois estão na base do entendimento de que o fomento do trabalho colaborativo pode levar ao alcance dos níveis mais evoluídos de colaboração. Estas ações já apontam que a Instituição pesquisada é um campo fértil para a promoção de práticas colaborativas que podem favorecer o ensino e a aprendizagem. A análise dos dados também fundamentou o desenvolvimento da Plataforma *web* pois possibilitou a identificação das demandas apontadas pelos participantes. Depois da etapa de construção da Plataforma, se deu a disponibilização de seu link para navegação e do link do questionário *on-line* aos participantes para que pudessem experimentar e avaliar a referida ferramenta digital. Os dados coletados nesta avaliação apontaram para a validação da Plataforma como ferramenta de apoio ao fomento da cultura colaborativa e do favorecimento do ensino e da aprendizagem na Instituição. Concluiu-se que no âmbito do CEFET-MG-Unidade Divinópolis, a colaboração entre docentes e bibliotecários acontece, mas ainda não se dá em níveis mais elaborados, o que demanda a implementação de ações no sentido de se alcançá-los. Dentre estas ações sugere-se a implantação da Plataforma *web* de Compartilhamento desenvolvida e validada a partir da realização desta pesquisa.

Palavras-chave: Trabalho Colaborativo. Ensino e Aprendizagem. Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

This research investigated the collaborative conceptions and practices of teachers and librarians within the Federal Center for Technological Education of Minas Gerais (CEFET-MG) - Divinópolis Unit, an institution that offers Vocational and Technological Education (EPT). The study had as its general objective the development of a web platform for interaction, sharing and production of content related to collaborative work, with a view to fostering a culture of collaboration between these pairs and thus favoring teaching and learning in that Institution. To support the investigation, bibliographic and documentary research were carried out, using an essentially qualitative methodology, participant observation, online application of semi-structured questionnaires, content analysis based on Bardin (2011), and thematic analysis, on the Theory of Collaboration (TLC) by Montiel-Overall (2005-2013). Other scholars also supported this research, such as Loertscher (2000), Doll (2005), Araújo (2012), Campello and Pereira (2016), Boavida (2002), Blattman (2007), Moran (2007). Twenty-two of the 81 employees of the unit participated in the study, being 2 librarians and 20 professors. Among them was this researcher who is a librarian at the unit. The results obtained revealed what teachers and librarians understand about collaboration and its practices and this allowed the identification of the level of collaboration between them, which in this study was perceived within the two initial facets of the Montiel-Overall TLC (2005-2013) which are Coordination and Cooperation. These are the less advanced levels of the scale established by this scholar. They encompass actions that, although they happen without planning and common objectives, with little or no sharing of human, material and responsibilities resources, being mostly spontaneous and occasional, can be considered as collaborative practices and that are no less important than those with more elaborate levels, as they are at the base of the understanding that the promotion of collaborative work can lead to the achievement of more evolved levels of collaboration. These actions already indicate that the researched Institution is a fertile field for the promotion of collaborative practices that can favor teaching and learning. Data analysis also supported the development of the web platform as it made it possible to identify the demands identified by the participants. After the Platform construction stage, its link for navigation and the link to the online questionnaire were made available to participants so that they could experience and evaluate the aforementioned digital tool. The data collected in this evaluation pointed to the validation of the Platform as a tool to support the promotion of a collaborative culture and the favoring of teaching and learning in the Institution. It was concluded that within the scope of CEFET-MG-Unit-Divinópolis, collaboration between teachers and librarians takes place, but it still does not take place at more elaborate levels, which demands the implementation of actions in order to achieve them. Among these actions, it is suggested the implementation of the Sharing Web Platform developed and validated from the accomplishment of this research.

Keywords: Collaborative Work between. Teaching and learning. Professional and Technological Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logomarca da Plataforma 141
Figura 2 - Tela Inicial da Plataforma Colaborar 142
Figura 3 - Tela com os botões dos espaços de interação e produção 144

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade 67
Gráfico 2 - Sexo 68
Gráfico 3 - Formação acadêmica superior 69
Gráfico 4 - Tempo de atuação dos colaboradores na Instituição 71
Gráfico 5 - Atuação dos docentes - TPM 73
Gráfico 6 - Atuação dos docentes - TI 73
Gráfico 7 - Atuação dos docentes - TM 74
Gráfico 8 - Atuação dos docentes - TII 75
Gráfico 9 - Atuação dos docentes - TE 75
Gráfico 10 - Atuação dos docentes por série/curso 76
Gráfico 11 - Atuação dos docentes em um ou mais cursos técnicos 77
Gráfico 12 - Atuação dos docentes por nº de cursos técnicos 78
Gráfico 13 - Atuação dos docentes - EC 78
Gráfico 14 - Atuação dos docentes - DM 79
Gráfico 15 - Atuação dos docentes - EM 80
Gráfico 16 - Atuação dos docentes por nº de cursos de graduação 80
Gráfico 17 - Atuação dos docentes por curso de graduação 81
Gráfico 18 - Atuação dos docentes por curso de pós-graduação 82
Gráfico 19 - Atuação dos docentes 84
Gráfico 20 - Cargo de chefia 85
Gráfico 21 - Atuação docente dos bibliotecários 86
Gráfico 22 - Conhecimento prévio sobre a temática da pesquisa 88
Gráfico 23 - Conjunto de tópicos - 1 96
Gráfico 24 - Conjunto de tópicos - 2 96
Gráfico 25 - Conjunto de tópicos - 3 97
Gráfico 26 - Benefícios do trabalho colaborativo 98
Gráfico 27 - Fatores dificultadores do trabalho colaborativo 100
Gráfico 28 - Fatores facilitadores do trabalho colaborativo 101
Gráfico 29 - Promoção das práticas colaborativas - 1 103
Gráfico 30 - Promoção das práticas colaborativas - 2 104
Gráfico 31 - Frequência da ocorrência das práticas colaborativas 107
Gráfico 32 - Caracterização da colaboração quanto à iniciativa para promovê-la 108

Gráfico 33 - Autoavaliação dos docentes e bibliotecários quanto ao trabalho colaborativo entre eles 109
Gráfico 34 - Continuidade da atuação colaborativa 110
Gráfico 35 - Favorecimento do ensino e aprendizagem pelo uso da Plataforma *web* de compartilhamento 116
Gráfico 36 - Relevância do tema da pesquisa para a formação dos colaboradores 120
Gráfico 37 - Envio dos resultados da pesquisa aos colaboradores 123
Gráfico 38 - Aparência visual da Plataforma 126
Gráfico 39 - Navegabilidade 126
Gráfico 40 - Interatividade 127
Gráfico 41 - Usabilidade 128
Gráfico 42 - Eficiência 128
Gráfico 43 - Diversidade e funcionalidades 129
Gráfico 44 - Utilidades 130
Gráfico 45 - Segurança 131
Gráfico 46 - Produtividade e alimentação coletiva 131
Gráfico 47 - Suporte 132
Gráfico 48 - Avaliação da navegação na Plataforma 133
Gráfico 49 - Adequação da Plataforma ao uso proposto 134
Gráfico 50 - Relevância dos conteúdos a serem inseridos na Plataforma para a compreensão da colaboração 135
Gráfico 51 - Pertinência das funcionalidades 136
Gráfico 52 - Uso da Plataforma para fomentar a colaboração 137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos Estudos de Montiel-Overall 25
Quadro 2 - Taxonomia de Loertscher 37
Quadro 3 - As facetas do TCL 39
Quadro 4 - Listagem de disciplinas informadas pelos colaboradores docentes 82
Quadro 5 - Percepções dos colaboradores do grupo 1 sobre trabalho colaborativo 89
Quadro 6 - Percepções dos colaboradores do grupo 2 sobre trabalho colaborativo 91
Quadro 7 - Respostas do Colaborador D8 94
Quadro 8 - Os 4 benefícios mais apontados pelos colaboradores 99
Quadro 9 - Os 5 fatores dificultadores mais apontados pelos colaboradores 100
Quadro 10 - Os 6 fatores facilitadores mais apontados pelos colaboradores 101
Quadro 11 - Respostas da questão 14 - grupo 1 104
Quadro 12 - Respostas da questão 14 - grupo 2 106
Quadro 13 - Respostas da questão 14: justificativas - grupo 2 106
Quadro 14 - Respostas da questão 19 111
Quadro 15 - Níveis de categorização da colaboração entre docentes e bibliotecários 112
Quadro 16 - Respostas da questão 22 - A 117
Quadro 17 - Respostas da questão 22 - B 118
Quadro 18 - Respostas da questão 22 - C 118
Quadro 19 - Respostas da questão 22 - D 118
Quadro 20 - Respostas da questão 22 - E 119
Quadro 21 - Respostas da questão 24 – grupo 1 121
Quadro 22 - Respostas da questão 24 – grupo 2 121
Quadro 23 - Respostas da questão 24 – grupo 3 122
Quadro 24 - Apreciação de colaborador enviada por *app* de mensagem 125
Quadro 25 - Considerações sobre a Plataforma 134
Quadro 26 - Sugestões, críticas, elogios, ou observações 137
Quadro 27 - Espaços colaborativos e suas funções 144

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALA/ACRL	American Librarian Association/Association of College & Research Libraries
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
EAD	Educação à Distância
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
ISP	Information Search Power - (Poder da Pesquisa de Informação)
PE	Produto Educacional
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFEPT	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
PWC	Plataforma *Web* de Compartilhamento
RFEPCT	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SIPAC	Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDIC´s	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TLC	Teacher Librarian Collaboration
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 19
1 INTRODUÇÃO 22
2 REFERENCIAL TEÓRICO 29
2.1 A colaboração entre docentes e bibliotecários: a prática dá o tom 29
2.2 Cultura colaborativa 30
2.3 Vantagens da colaboração 32
2.4 Impedimentos à colaboração 33
2.5 Favorecimentos à colaboração 34
2.6 Modelos de colaboração 36
2.6.1 A taxonomia de Loertscher e o TLC de Montiel-Overall 36
2.6.2 Os níveis de Muronaga e Harada, Zmuda e Doll 40
3 METODOLOGIA DA PESQUISA 43
3.1 Caracterização da Pesquisa 43
3.2 Campo da Pesquisa 45
3.2.1 Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais 45
3.2.2 Unidade Divinópolis 47
3.3 Sujeitos da Pesquisa 48
3.4 Instrumentos de coleta de dados 48
3.5 Instrumento para análise de dados 50
3.6 A ética na pesquisa: processo para obtenção do TCLE 50
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 53
4.1 Notas de campo da pesquisadora 54
4.1.1 Atuação em escolas de educação infantil e fundamental 54
4.1.2 Atuação na Unidade de Curvelo 56
4.1.3 Atuação na Unidade de Divinópolis 59
4.2 Apresentação e análises dos dados dos questionários 66
4.2.1 Primeiro questionário 66
4.2.1.1 Questão 1: idade 67
4.2.1.2 Questão 2: sexo 68
4.2.1.3 Questão 3: formação acadêmica superior 69
4.2.1.4 Questão 4: tempo de atuação na Instituição 71
4.2.1.5 Questão 5: nível de ensino, curso, série e período 72

4.2.1.6 Questão 6: disciplinas lecionadas 82
4.2.1.7 Questão 5 - bibliotecários: cargo de chefia 85
4.2.1.8 Questão 6 - bibliotecários: docência 86
4.2.2 Trabalho colaborativo: concepções e práticas 87
4.2.2.1 Categoria: concepções e percepções dos colaboradores sobre o trabalho colaborativo 88
4.2.2.1.1 Questões 7 e 8: conhecimento prévio dos colaboradores sobre a temática da colaboração 88
4.2.2.1.2 Questão 9: grau de concordância dos colaboradores com os pressupostos do trabalho colaborativo 95
4.2.2.2 Categoria: benefícios advindos da atuação colaborativa, na perspectiva dos colaboradores 98
4.2.2.2.1 Questão 10: benefícios do trabalho colaborativo 98
4.2.2.3. Categoria: dificultadores para a efetivação do trabalho colaborativo 99
4.2.2.3.1 Questão 11: fatores que mais dificultam o trabalho colaborativo 99
4.2.2.4 Categoria: facilitadores para a efetivação do trabalho colaborativo 101
4.2.2.4.1 Questão 12: fatores mais facilitadores do trabalho colaborativo 101
4.2.2.5 Categoria: averiguação das práticas colaborativas promovidas na Instituição 102
4.2.2.5.1 Questão 13: promoção de práticas colaborativas 102
4.2.2.5.2 Questão 14: práticas colaborativas efetivadas pelos colaboradores 103
4.2.2.5.3 Questão 15: frequência de ocorrência das práticas colaborativas 107
4.2.2.5.4 Questão 16: caracterização do tipo de colaboração 108
4.2.2.5.5 Questão 17: avaliação dos docentes quanto a experiência de colaboração com os bibliotecários 109
4.2.2.5.6 Questão 18: Continuidade da atuação colaborativa 110
4.2.2.5.7 Questão 19: Pretensão para participação em ações colaborativas 111
4.2.2.6 Categoria: identificação do nível do trabalho colaborativo na instituição pesquisada segundo modelo TLC de Montiel-Overall(2005-2013) 112
4..2.2.6.1 Questão 20: níveis de colaboração segundo modelo TLC 112
4.2.2.7 Categoria: implantação da Plataforma *web* de compartilhamento

de conteúdos 115
4.2.2.7.1 Questão 21: uso da Plataforma *web* para fomentar a colaboração 115
4.2.2.7.2 Questão 22: justificativa para a resposta da Questão 21 117
4.2.2.8 Categoria: percepções dos colaboradores sobre a pesquisa 119
4.2.2.8.1 Questão 23: relevância da temática da pesquisa para formação profissional dos colaboradores 119
4.2.2.8.2 Questão 24: sugestões, elogios, críticas ou observações 120
4.2.2.9 Categoria: Resultados da Pesquisa 123
4.3 Segundo questionário 124
4.3.1 Questão 1: avaliação dos aspectos da Plataforma 125
4.3.1.1 Aparência visual 125
4.3.1.2 Navegabilidade 126
4.3.1.3 Interatividade 127
4.3.1.4 Usabilidade 127
4.3.1.5 Eficiência 128
4.3.1.6 Diversidade de funcionalidades 129
4.3.1.7 Utilidade 130
4.3.1.8 Segurança 130
4.3.1.9 Produtividade e alimentação coletiva 131
4.3.1.10 Suporte 132
4.3.2 Questão 2: avaliação da experiência de navegação na Plataforma 133
4.3.3 Questão 3: Considerações sobre a experiência de navegação 133
4.3.4 Questão 4: adequação da Plataforma ao uso proposto 134
4.3.5 Questão 5: justificativa para a afirmação de não adequação da plataforma 135
4.3.6 Questão 6: avaliação dos conteúdos se serem tratados na plataforma 135
4.3.7 Questão 7: pertinência das funcionalidades para a produção e interação 136
4.3.8 Questão 8: pretensão de uso da Plataforma 137
4.3.9 Questão 9: sugestão, críticas, elogio e observações 137
5 PRODUTO EDUCACIONAL 139
5.1 Produto educacional: uma Plataforma *web* de compartilhamento 139

5.2 Caracterização da Plataforma Colabhorar **141**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **147**
REFERÊNCIAS **152**
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **158**
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 1: A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS **162**
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 2: A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS **168**
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO: AVALIAÇÃO DA PLATAFORMA *WEB* DE COMPARTILHAMENTO **173**
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP **175**

APRESENTAÇÃO

Como fazer caber um projeto de vida dentro de um Projeto de Mestrado? Foi com esta indagação que esta pesquisadora deu os primeiros passos rumo à construção deste estudo, quando soube da possibilidade de ingressar em um Mestrado Profissional num Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) em agosto de 2019. A temática ela já guardava junto de si: compreender e fomentar o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários em seu ambiente de atuação profissional.

É muito sonho para um único projeto, limitado a um tempo curto para ser materializado, ela pensou! Assim, ela entendeu que precisava fechar o foco no essencial e definir o que melhor coubesse neste Programa de Pós-Graduação. Com isso toda a pesquisa foi pensada e alinhada para se adequar às possibilidades que vislumbrava à sua frente.

Além disso, nesse seu caminhar, foi preciso também adequar tudo ao contexto de pandemia de Covid-19 que repentinamente veio assolar o mundo em 2019 e ao Brasil a partir de março de 2020, fazendo com que as atividades presenciais fossem paralisadas e depois passassem a acontecer no formato *on-line* e posteriormente, já em 2022, voltassem ao modo presencial. Com isso, é claro, mais indagações vieram à tona: como pesquisar em tempos de estudo e trabalho remoto? Como se dará a etapa de coleta de dados junto aos participantes? Como observar os participantes no campo de estudo? Essa temática da colaboração cabe ainda em tempos de isolamento social? Quanto tempo durará esse isolamento? Qual será o desfecho e o impacto da pandemia na vida humana? Não seria impossível efetivar a pesquisa, mas também não seria simples, como não foi.

É claro que a essência da pesquisa não mudou: continuou a ser a busca pela compreensão da colaboração entre docentes e bibliotecários e de como ela poderia ser fomentada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) Unidade Divinópolis, Instituição de ensino na qual atua como bibliotecária.

Logo, esta pesquisadora se viu impulsionada a buscar mais respostas para seus questionamentos sobre a temática da colaboração que se apresentava a ela mais vibrante do que nunca, e que já a inquietava, muito antes de se pensar em tratá-la no contexto de um Programa de Pós-Graduação. Ela passou então a fundamentar suas convicções, para além de sua inquietude, pois foi percebendo que era preciso

conhecer mais profundamente a temática. Assim foi dedicar-se às pesquisas bibliográficas, documentais e *webgráficas.*

Foi sedimentando suas compreensões na literatura mundial e nacional produzida sobre a colaboração na educação descobrindo que são poucos os estudos consolidados sobre essa temática e que esta lacuna é ainda maior no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil. Todavia, seu desejo não se limitou somente em pesquisar sobre a colaboração, buscando entendê-la melhor para contribuir com os estudos sobre ela, mas ir além: identificar em que nível ela se dá com o intuito de ampliá-la para dar-lhe continuidade.

Esta pesquisadora entendeu que sua busca por saber como promover esta cultura passaria inicialmente pela tomada de consciência de suas próprias concepções e entendimentos acerca da temática da colaboração para melhor compreender as dos outros educadores. Só assim poderia analisar com maior clareza os fatores que poderiam estar contribuindo ou não para a efetivação da colaboração ideal no âmbito da Unidade do CEFET-MG em Divinópolis.

Sendo assim, decidida a pesquisar tão importante e instigante temática, norteou esses seus entendimentos, preferencialmente, pelos estudos de Montiel-Overall. Esta estudiosa empreendeu pesquisas aprofundadas entre os anos de 2005 a 2013 que a levaram ao desenvolvimento da Teoria da Colaboração entre docentes e bibliotecários. A partir destes estudos obteve acesso a parâmetros e ferramentas que a auxiliariam na identificação da existência ou não da colaboração no âmbito da educação e na categorização do nível em que ela estaria, se de fato existisse nas instituições pesquisadas. Contudo, outros estudos, além dos de Montiel-Overall também foram consultados como Loertscher, Campello, Casarin, Araújo, Pereira, Dudziak, Blattman, Morunaga, Kulthau, Doll.

Todo esse esforço e dedicação renderam a esta pesquisadora entendimentos, que uma vez construídos, a partir de seus estudos e da coleta de dados que efetivou juntos aos participantes, a levaram ao alcance do objetivo geral a que se propôs de desenvolver uma Plataforma *web* de compartilhamento de conteúdo e práticas acerca da colaboração entre docentes e bibliotecários. Esta Plataforma foi idealizada e construída para ser empregada como ferramenta de suporte ao fomento da cultura da colaboração na Instituição. Ela se configurou nesta pesquisa como sendo o Produto Educacional demandando pelo PROPEPT.

Sendo assim é igualmente importante dizer que os dados aqui reunidos trouxeram luz sobre a temática estudada pois permitiram análises que levaram esta pesquisadora à percepção do nível de entendimento que docentes e bibliotecários do CEFET-MG Unidade Divinópolis têm do que seria a colaboração entre eles, se esta colaboração acontece de fato em seu âmbito, em que nível se dá e de como se poderia ampliá-la. E tudo isso possibilitou o desenvolvimento da Plataforma com base nas respostas apresentadas pelos colaboradores aos questionários e nas notas de campo da pesquisadora, ou seja, esta, na verdade, já seria um fruto de construção coletiva, pois contempla, ferramentas digitais, que foram pensadas e desenvolvidas para possibilitar diferentes tipos de interações e produção coletiva de conteúdo, que podem ser desde um simples agendamento de uso do espaço da biblioteca até a editoração de uma revista sobre a temática da prática colaborativa.

Pode-se afirmar assim que a compreensão e o entendimento conquistados por esta pesquisadora não a descompromissam de continuar pesquisando sobre a temática. Pelo contrário, a instigam a aprofundá-los ainda mais para melhor se dedicar ao cultivo das práticas colaborativas em seu ambiente de trabalho.

Nesta dissertação está relatada toda a trajetória percorrida por esta pesquisadora desde a definição de seu tema, passando-se por sua construção teórica até o momento da idealização, desenvolvimento e posterior validação da Plataforma pelos participantes.

É desejo desta pesquisadora que a Plataforma desenvolvida seja realmente implementada no cotidiano das rotinas de trabalho da Instituição e seja acessada por docentes e bibliotecários cada vez mais, diminuindo-se assim as distâncias entre esses pares, sejam elas de toda sorte, e ampliando-se cada vez mais as possibilidades de uma atuação verdadeiramente colaborativa entre eles, com vistas a favorecê-los em suas atividades de ensino e aos discentes, em suas aprendizagens.

1 INTRODUÇÃO

"Unir-se é um começo; manter juntos é o progresso; trabalhar juntos é sucesso."
– Henry Ford

Colaborar, na atualidade, é imperativo para o êxito das organizações, estejam elas inseridas nos mais diferentes contextos e desenvolvendo atividades, as mais diversificadas. E no âmbito da Educação, com os profissionais que atuam nas instituições de ensino, não seria diferente. É cada vez maior o consenso de que o trabalho colaborativo favorece o ensino e a aprendizagem, e consequentemente aos atores envolvidos nesse processo. Refletir sobre o tema da colaboração no contexto educacional é fundamental para que se possa consolidar a tão necessária cultura colaborativa.

Nesta pesquisa o foco recaiu sobre a colaboração entre dois atores importantes no processo de ensino e aprendizagem: o docente e o bibliotecário. Segundo Pereira; Campello (2016, p. 18) a colaboração entre esses pares tem sido pesquisada por autores como Doll (2005), Howard (2010), Montiel-Overall (2005 – 2013) e Todd; Kuhlthau (1993 – 2005); Mokhtar e Majid (2006); Freire (2007); Ash-Argyle e Shoham (2012); Rodrigues (2010), Santos (2010) e Kimmel (2012) dentre outros. Contudo, em Montiel-Overall é que se encontram os estudos que abordam a colaboração entre esses educadores com maior profundidade, pois suas pesquisas a levaram a estabelecer os parâmetros da Teoria da Colaboração entre docentes e bibliotecários (TLC).

E antes mesmo de Montiel-Overall consolidar seus estudos sobre esta temática, o Manifesto *Internacional Federation of Library Associations and Institutions/United Nations Educactional, Scientific And Cultural Organization* (IFLA/UNESCO) já em 1999 apontava para o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários como sendo consideravelmente impactante no ensino e na aprendizagem dos discentes.

Contudo é muito desafiador para instituições de ensino, bibliotecas, docentes e bibliotecários implementarem práticas verdadeiramente colaborativas em suas rotinas. Na literatura não são numerosos os relatos e estudos que abordam essa temática, para além das questões teóricas, quanto mais das práticas. Portanto, os

estudos que existem contribuem de modo incipiente para o empreendimento de práticas dessa natureza.

Sendo assim decidiu-se por efetivar esta pesquisa desejando-se contribuir para a minimização das lacunas existentes nesses estudos a respeito dessa temática. Para tal delimitou-se o seu foco sobre as concepções e práticas dos docentes e bibliotecários acerca do trabalho colaborativo no âmbito de uma Instituição de ensino da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) que oferta a Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

No contexto da EPT, no Brasil, essa temática demanda ainda mais estudos, pois estes são em número ainda mais reduzido. Neste sentido, a presente pesquisa trouxe em si a possibilidade de colaborar com a ampliação da reflexão sobre o contexto, processos, práticas e relações que envolvem a cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários.

A definição do tema do trabalho colaborativo para esta pesquisa fundamentou-se em sua relevância, pertinência e atualidade para os campos da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Pedagogia e nas demandas desta pesquisadora por conhecê-lo com maior profundidade e dar-lhe maior visibilidade, atraindo assim o interesse de mais pesquisadores, que se debrucem sobre ele e ampliem o volume de estudos sobre ele. Também pretendeu-se atrair o olhar de docentes e bibliotecários que se disponham a promover ações colaborativas nas instituições onde atuam com vistas a favorecer os discentes em suas aprendizagens.

A realização desta pesquisa, no campo científico, justificou-se em sua cooperação na construção do estado do conhecimento existente sobre a temática aqui abordada ao se levantar novas questões e apontar possibilidades de respostas às que tenham sido identificadas em estudos anteriores; no campo educacional, em sua contribuição na busca pelo entendimento e a compreensão do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes e sua influência na aprendizagem dos discentes ao longo de sua vida pessoal e profissional; no campo social, na influência positiva que pode ter nas relações entre esses indivíduos e no campo institucional, no desenvolvimento de uma Plataforma *web* de compartilhamento de conteúdos e práticas no âmbito de uma Instituição de ensino da RFEPCT, o que otimiza a prestação de serviços ofertados pelo setor biblioteca e fomenta a cultura colaborativa entre os setores.

E como todo estudo tem um questionamento que estabelece os limites da abordagem acerca da temática estudada, aponta-se aqui para aquele que orientou esta pesquisa: quais seriam as concepções e práticas dos docentes e bibliotecários do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Unidade Divinópolis quanto ao trabalho colaborativo?

Logo, para buscar então respostas para esta questão investigativa e dar-lhe aplicações práticas, definiu-se como objetivo geral para esta pesquisa o desenvolvimento de uma Plataforma *web* que possibilite o compartilhamento de produção de conteúdo, pesquisas, concepções, reflexões e práticas relacionadas ao trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários, visando-se o fomento da cultura de colaboração entre esses pares e o favorecimento do ensino e da aprendizagem.

Além disso para reunir subsídios sobre a temática e para a materialização da Plataforma proposta foi observado o alcance dos seguintes objetivos específicos:

a) identificar as concepções e práticas dos docentes e bibliotecários;
b) categorizar o nível de práticas colaborativas entre docentes e bibliotecários a partir dos parâmetros definidos no modelo de Montiel-Overall indicado em sua Teoria da Colaboração;
c) planejar e desenvolver uma Plataforma *web* para o compartilhamento e produção de conteúdos, dados e informações, percepções, reflexões, práticas e construção coletiva de conhecimentos sobre a temática abordada nesta pesquisa. Essa Plataforma se configura como o produto educacional inserido nesta pesquisa.
d) averiguar as percepções dos docentes e bibliotecários sobre a experiência de utilização da Plataforma.

E para construir o embasamento teórico para se atingir esses objetivos, tanto o geral como os específicos, definiu-se como referência principal, os estudos efetivados pela pesquisadora americana, professora Emérita da Universidade do Arizona, Patrícia Montiel-Overall, que buscou compreender com maior profundidade a temática da colaboração entre bibliotecários e docentes no período que vai de 2005 a 2013.

Durante esse período, ela desenvolveu a Teoria da Colaboração entre esses pares, estabelecendo as facetas referentes aos níveis que seriam os ideais para uma atuação conjunta e efetiva entre eles no âmbito das instituições de ensino nos Estados Unidos.

No Quadro 1 que se apresenta a seguir podem ser identificadas as fases dos trabalhos de pesquisa de Montiel-Overall. Reitera-se que o conteúdo do Quadro 1 foi retirado na íntegra do estudo de Pereira; Campello (2016, p. 13) tendo sido inseridas tão somente as citações referentes aos estudos, pois estas não haviam sido informadas no quadro original:

Quadro 1 – Características dos Estudos de Montiel-Overall

Ano de publicação/Título	Participantes	Escolas/Nível	Instrumento de Coleta de dados	Análise de dados
Research on teacher and librarian collaboration: an examination of underlying structures of models (MONTIEL-OVERALL, 2007, p. 277-292 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	64 professores 7 bibliotecários 6 diretores 1 vice-diretor. Todos escolhidos propositalmente	7 escolas públicas que atendiam alunos do jardim de infância ao nível médio	2 Questionários, um baseado na taxonomia de Loertscher e outro no TLC, em escala Likert de cinco pontos	Análise factorial exploratória
Teacher and librarian collaboration: a qualitative study (MONTIEL-OVERALL, 2008, p. 145-155 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	18 professores e bibliotecários	3 escolas públicas que atendiam alunos de 4 a 14 anos.	Entrevistas, observação de atividades de planejamento colaborativo, diário de campo	Análise qualitativa por categorias
Teachers' perceptions of teacher and librarian collaboration: instrumentation development and validation (MONTIEL-OVERALL, 2009, p. 182-191 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	194 professores e 11 bibliotecários	11 escolas de ensino fundamental	Questionário TLC II com 16 afirmativas em escala Likert de quatro pontos	Análise factorial exploratória
1ª fase Further understanding of collaboration: a case study with teachers and librarians (MONTIEL-OVERALL, 2010, p. 31-55 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	3 professores e 3 bibliotecários	3 escolas de ensino fundamental	Oficinas, observação, entrevistas antes e depois das oficinas e diários de participação	Análise qualitativa por categorias
Teacher and school librarian collaboration: a preliminary report of teachers' perceptions about frequency and importance to student learning. (MONTIEL-OVERALL, 2011, p. 49-76	Igual ao estudo de 2009	Igual ao estudo de 2009	Igual ao estudo de 2009	SAS 9.1.3 Estatística Descritiva

apud PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).				
The effect of professional development on teacher and librarian collaboration: preliminary findings using a revised instrument, TLC-III (MONTIEL-OVERALL, 2012. p. 1-25 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	30 professores e 6 bibliotecários	6 escolas de ensino fundamental que atendiam alunos de 8 a 10 anos.	Oficinas, questionários TLC III com 24 afirmativas em escala Likert de quatro pontos aplicados antes e depois das oficinas	Análise qualitativa por categorias
2ª fase Teachers and librarians collaborating on inquiry-based science instruction: a longitudinal study (MONTIEL-OVERALL, 2013, p. 41-53 *apud* PEREIRA**;** CAMPELLO, 2016, p. 13).	18 professores e bibliotecários	6 escolas de ensino fundamental	Oficinas mensais, de quatro horas de duração, observações registradas em diário de campo, entrevistas, diários dos participantes	Análise qualitativa por categorias

Fonte: Pereira**;** Campello (2016, p. 13)

E Montiel-Overall, por sua vez, construiu seus estudos baseando-se principalmente na Taxonomia de Loertscher, sem deixar de considerar as relevantes pesquisas de outros autores não menos importantes. Esse estudioso se dedicou a classificar a colaboração, caracterizando-a de acordo com a atuação de docentes, bibliotecários, discentes e gestores da escola.

Paralelamente aos estudos da referida pesquisadora, e até mesmo aplicando os critérios de seu Modelo de Colaboração, o Teacher-Librarian Collaboration (TLC) outros pesquisadores também problematizaram a temática. Dentre eles estão os portugueses:

a) Freire (2007) que buscou compreender como docentes integravam a biblioteca em suas práticas de ensino;

b) Santos (2010) que buscou avaliar o nível de colaboração de bibliotecários em suas práticas;

c) Rodrigues (2010) que buscou desenvolver e possibilitar oportunidades para docentes e bibliotecários participarem de ações que auxiliassem o aprimoramento de habilidades informacionais dos discentes.

Já entre os israelistas estão Dotan e Aharony (2008) que avaliaram o nível de colaboração quanto a participação do bibliotecário nos projetos de ensino e o impacto desta participação no desenvolvimento informacional discente, e Ash-Argyle e

Shoham (2012) que se dedicaram a estudar o preparo dos bibliotecários para o trabalho colaborativo e o seu envolvimento na vida pedagógica da escola. Todos os estudos acima apontados foram acessados por meio de consulta ao Portal CAPES e o Google Acadêmico.

A colaboração entre docentes e bibliotecários é um tema do qual já se tinha notícia na literatura biblioteconômica, e em especial na dos Estados Unidos desde a década de 1940. Mary Peacock Douglas, uma das pesquisadoras pioneiras em biblioteconomia escolar no país, já afirmava a necessidade de docentes e bibliotecários efetivarem ações conjuntas. (MILLER, 2003, p. 46 *apud* PEREIRA; CAMPELLO, 2016, p. 4). Outra pesquisadora da temática, referência para esse projeto é Carol Kulthau (1998), também americana, cujos estudos foram e são de essencial e indiscutível importância, quando se aborda o papel educativo da biblioteca nas instituições de ensino.

No contexto brasileiro das pesquisas sobre a temática abordada aqui, cabe citar a pesquisadora brasileira, Bernadete Campello, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que realizou seus estudos, a partir dos textos de Montiel-Overall, para traçar o perfil da relação entre a colaboração e o ensino e a aprendizagem dos discentes no país. Campello (2009) pesquisou a função educativa do bibliotecário em escolas brasileiras que dispunham de biblioteca. Para tal ela aplicou o modelo TLC. Ela buscou avaliar se os bibliotecários pesquisados desempenhavam ações colaborativas e em que nível isso se dava. Concluiu que essas ações ocorriam em três dos quatro níveis definidos por Montiel-Overall. Neste estudo, encontram-se

Além disso, Campello, aprofundando seus estudos, também identificou que as pesquisas sobre a temática da colaboração no Brasil seriam ainda muito incipientes e limitadas. A partir dos seus entendimentos, o panorama da pesquisa nessa área estaria assim caracterizado:

> [...] o tema da colaboração professor/bibliotecário tem sido abordado de forma superficial (Campello *et al*., 2013). Os poucos estudos brasileiros sobre professor/bibliotecário (Silva, 1984; Alves, 1992; Bessa, 2011) se limitaram a enfatizar a importância da participação do professor nas atividades da biblioteca, chamando atenção para o pequeno número de ações integradas com o bibliotecário. As razões são principalmente a falta de treinamento de bibliotecários e de professores para realizar atividades em colaboração, além de condições precárias de trabalho desses profissionais (jornada dupla de trabalho dos professores, múltiplas tarefas do bibliotecário, falta de tempo, desconhecimento das funções do bibliotecário etc.). Esses estudos analisaram principalmente a maneira como cada profissional percebe o

> trabalho do outro e como ambos trabalham (ou tem potencial para trabalhar) juntos quando os professores entendem a função educativa da biblioteca. São sustentados por referenciais teóricos frágeis e expressões como integração, envolvimento constante, comunhão, união, trabalho em equipe e colaboração são usadas nesses estudos com pouca precisão para nomear o fenômeno, resultando numa análise fraca e inconsistente. Campelo (2013) *apud* Pereira; Campello, (2016, p. 5)

Diante desse cenário, entendeu-se como é de suma importância efetivar estudos cada vez mais elaborados e amplos para se contribuir com a compreensão e o levantamento de questões referentes a essa temática, dadas as fragilidades e limitações apontadas por Campello e outros pesquisadores.

E por fim, concluindo esta introdução elencam-se resumidamente os conteúdos de todas as 6 sessões que compõem esta dissertação, as quais seriam: a introdutória na qual estão apresentados o tema deste estudo, os objetivos, a justificativa, a questão central; a segunda onde encontra-se a fundamentação teórica sobre a qual a pesquisa foi construída; a terceira onde estão descritos os procedimentos metodológicos desenvolvidos para efetivação da pesquisa; a quarta onde estão apresentados os dados obtidos e as análises e discussões sobre eles; a quinta onde está apresentado o Produto Educacional e a sexta e última onde apontam-se as considerações finais. Esta dissertação conta também com listagem de referências consultadas, anexos e apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta sessão foram apontados autores e estudos que fundamentaram a construção desta pesquisa, dando embasamento teórico à apresentação da temática abordada. A seguir elencam-se os tópicos dessa sessão: a colaboração entre docentes e bibliotecários: a prática dá o tom; a cultura colaborativa; vantagens, impedimentos e favorecimentos à colaboração e os modelos de colaboração de Loertscher, Montiel-Overall, Muronaga e Harada e de Zmuda e de Doll.

2.1 A colaboração entre docentes e bibliotecários: a prática dá o tom

A explosão informacional e os avanços tecnológicos têm exigido dos educadores que atuem cada vez mais em conjunto para que o ensino possibilite aos discentes, aprendizagens mais diversificadas e significativas ao longo de sua formação pessoal e profissional. No rol destes educadores estão os docentes e os bibliotecários. Segundo Roldão (2007, p. 27) o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários está fundamentado essencialmente como:

> um processo de trabalho articulado e pensando em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos em colaboração. Implica conhecer estrategicamente a finalidade que orienta as tarefas e organizar adequadamente todos os dispositivos dentro do grupo que permitam: alcançar com mais sucesso o que se pretende; ativar o mais possível as potencialidades de todos os participantes; ampliar o conhecimento construído por cada um pela introdução de elementos resultantes da interação com todos os outros.

Contudo, sabe-se que a colaboração não é uma prática simples de se efetivar. Ela exige de docentes e bibliotecários que eles tenham objetivos em comum, partilhem suas percepções e entendimentos, que estabeleçam um ambiente de respeito e confiança mútuos, que tenham ciência dos valores agregados a ela e que justifiquem sua atuação colaborativa. Além disso, é essencial que eles se sintam seguros quanto à real validade de seus saberes e habilidades para que a parceria alcance êxito.

É preciso entender, entretanto, que não haverá colaboração se ela não for espontânea, convicta, consciente e reconhecida com igual importância por todos os envolvidos em seu processo.

O trabalho colaborativo não exige que todos atuem de maneira exatamente igual. Cada um vai interagir naquilo que sabe que pode contribuir efetivamente e para o qual se sente preparado. Esse trabalho demanda sim, que todos tenham espaço igual para participar das decisões. Na colaboração não podem existir interações demarcadas por disputas de poder. O controle e a responsabilidade têm que ser mútuos, recursos e benefícios devem ser partilhados (ARAÚJO, 2012, p. 2).

É enorme o potencial que a colaboração entre docentes e bibliotecários tem de trazer inovações pois em suas práticas se pode combinar o melhor de cada um desses pares. Com isso, conforme afirma Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 4) os discentes passam a ter a oportunidade de experimentar recursos, opiniões e estilos mais diversificados o que virá a enriquecer suas aprendizagens.

As Diretrizes da IFLA/UNESCO (2006, p. 12) pontuando a real necessidade da atuação conjunta entre bibliotecários e docentes, definiram os objetivos para serem atingidos a partir de sua implementação:

1. desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do curriculum;
2. desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação;
3. desenvolver planificações de atividades letivas;
4. preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais;
5. integrar tecnologias de informação ao curriculum; explicar aos pais a importância da biblioteca escolar.

Todavia, para se tornar uma cultura dentro do contexto das instituições, a prática colaborativa entre docentes e bibliotecários aponta que eles primeiramente rompam com o isolamento no qual atuam.

2.2 Cultura colaborativa

Fullan e Hargreaves (2001) *apud* ARAÚJO (2012, p. 21) definem cultura como “a forma como fazemos as coisas e nos relacionamos no local de trabalho”. Para eles, nas culturas de colaboração acertos e erros são compartilhados, analisados para que todos possam dar suporte e auxílio e os insucessos possam ser revertidos e os sucessos, replicados.

Segundo Small (2002, p. 1) “para serem motivados a colaborar, todos os participantes devem primeiro ver algum valor pessoal na colaboração e acreditar que têm os conhecimentos e habilidades necessários para serem parceiros colaborativos

bem-sucedidos". Sem essas percepções não se estabelece uma cultura colaborativa. Tal afirmação encontra respaldo em Nias, Southwort e Yeomans (1989) *apud* Araújo (2012, p. 22):

> as culturas de colaboração não se caracterizam pela organização formal, as reuniões ou os procedimentos. Também não são preparadas para projetos ou eventos específicos. Pelo contrário, consistem em qualidades, atitudes e comportamentos amplamente difundidos que caracterizam continuamente as relações entre o pessoal docente. Nestas relações, a ajuda, o apoio, a confiança e a abertura ocupam um lugar central. Subjaz-lhes um empenhamento na valorização dos indivíduos enquanto pessoas e dos grupos a que pertencem.

Nas instituições de ensino onde a colaboração é cultivada entre os educadores trabalha-se duro, contando-se com o empenho, dedicação, responsabilidade e o sentimento de orgulho e pertença de todos e com isso as possibilidades de êxito são ampliadas consideravelmente.

Contudo, nesses ambientes também, segundo Fullan; Hargreaves (2001), *apud* Araújo (2012, p. 22) podem ser identificados três tipos de colaboração aparente que são a balcanização, a colaboração confortável e a colegialidade, as quais não devem ser associadas à verdadeira cultura colaborativa integral.

O primeiro tipo é a balcanização que se dá quando os docentes e bibliotecários se associam em pequenos grupos diferentes que, podem vir até a competir entre si para reforçarem suas percepções sobre o ensino e a aprendizagem diante dos outros que não integram esses grupos. Ela pode levar ao esvaziamento da comunicação, à atitude de indiferença e até mesmo à decisão por seguir caminhos opostos estando todos dentro de uma mesma Instituição.

O segundo é a colaboração confortável que também se dá de forma circunscrita a pequenos grupos, não indo além de certos conteúdos curriculares. Não se configura como um programa. Muitas vezes estabelece-se apenas a partir de rápidos contatos entre docentes e bibliotecários, do planejamento de uma atividade em conjunto sem, contudo, existir questionamento, reflexão ou crítica.

O terceiro é a colegialidade artificial que se dá quando a equipe gestora da Instituição controla a colaboração indicando os procedimentos formais e burocráticos que docentes e bibliotecários devem seguir. Com essa artificialidade o verdadeiro trabalho colaborativo não acontece e o que se vê, muitas vezes, são atividades sem validade sendo propostas aos discentes. (FULLAN; HARGREAVES, 2001 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 22). Logo se compreende o impacto que a orientação e a

intervenção por parte da equipe gestora da Instituição podem ter sobre as práticas colaborativas que nela existam ou venham a existir. Uma gestão apoiadora e facilitadora, que oportunize aos docentes e bibliotecários a atuação em conjunto pode favorecer a implementação dessa cultura de colaboração, que não impõe parcerias, e sim as promove.

Portanto, para se promover o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários nas instituições de ensino é preciso que se busque compreender de fato o que é a cultura colaborativa integral, o que ela demanda e o que pode oferecer, partindo-se do princípio de que se objetiva realmente implementá-la. Essa compreensão permitirá que se saiba diferenciar as concepções e práticas verdadeiramente colaborativas daquelas que apenas se assemelham a elas e que sendo assim não trarão os resultados desejados. Deve-se buscar conhecê-la cada vez mais para fomentá-la visando-se a sua continuidade.

2.3. Vantagens da colaboração

Para Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 23) a maior vantagem da colaboração entre docentes e bibliotecários reside na possibilidade que ela traz para os discentes de terem contato com recursos, opiniões e estilos de ensino e de comunicação diversificados, o que pode lhes proporcionar experiências enriquecedoras que certamente contribuirão para o aprimoramento de sua aprendizagem. Além disso, os discentes ao perceberem o empenho dos docentes e bibliotecários em trabalhar em conjunto para favorecê-los podem passar a valorizar essa atitude, agindo também colaborativamente de modo que todos possam ser beneficiados. A colaboração entre os docentes e bibliotecários favorece a criatividade, a diversidade e consequentemente a aprendizagem.

Para a autora “a colaboração tem um grande potencial na renovação dos processos de ensino aprendizagem, combinando os pontos fortes de vários indivíduos de modo a influenciar positivamente a aprendizagem dos alunos.” (MONTIEL-OVERALL (2005) *apud* Araújo (2012, p. 23). Contudo, para a eficácia da colaboração, é necessário também que docentes e bibliotecários, segundo Roldão (2007, p. 29), passem por um processo de construção individual, isto é, as “próprias tarefas de trabalho colaborativo devem incluir momentos de trabalho individual para preparar ou

aprofundar o trabalho no coletivo no momento seguinte.” O êxito na coletividade passa pelo bom preparo na individualidade.

Além de Montiel-Overall (2005), Boavida; Ponte (2002) apontam outras vantagens não menos importantes de se trabalhar em conjunto. Segundo afirmam, a colaboração:

> serve para unir várias pessoas em torno de um projeto comum, o facto de haver mais recursos humanos num grupo promove o sucesso daquilo que o grupo se propõe realizar. O aparecimento de diferentes sinergias também abre caminho a uma reflexão e aprendizagem mútuas. E várias sensibilidades sobre a mesma realidade contribuem para uma interpretação mais abrangente e mais rica de uma mesma realidade. (ARAÚJO, 2012, p. 24 *apud* BOAVIDA, PONTE, 2002)

Assim, pode-se depreender que a colaboração entre docentes e bibliotecários possibilita práticas reflexivas que vão favorecer a aprendizagem, a investigação, a busca por soluções, a troca de saberes, a superação de conflitos, pois propicia a aquisição e construção de novas percepções, novos conhecimentos e de novas relações de todos consigo mesmos e com os outros. A colaboração favorece o aumento do nível de comprometimento dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem com o projeto educativo da Instituição.

2.4. Impedimentos à colaboração

Sabe-se, pela observância das práticas cotidianas, que o volume de ações conjuntas entre docentes e bibliotecários nas instituições de ensino está longe do que seria o ideal, mesmo diante dos benefícios apontados à colaboração. Considera-se que muitos podem ser os fatores que dificultam ou até mesmo impedem esse trabalho colaborativo de acontecer.

Uma dessas barreiras é a formação que o docente e o bibliotecário receberam e ainda hoje recebem. Essa formação não contempla o trabalho com conteúdos referentes à função educativa do bibliotecário e nem aos que dizem respeito à compreensão por parte do docente acerca do papel pedagógico que o bibliotecário deve e pode desempenhar. Docentes e bibliotecários, com isso, tendem a cumprir individualmente o que está determinado pelas normas e programas para suas funções, mesmo que isso deixe a aprendizagem dos discentes em segundo plano.

Sendo assim é imprescindível que essa barreira seja transposta pelas instituições de ensino que preparam docentes e bibliotecários para o exercício

profissional. Esse formato de preparo, que contempla abordagens sobre o trabalho colaborativo, em ambas as formações, pode possibilitar a eles a consciência da importância do papel de cada um no ensino para que a aprendizagem ocorra de maneira plena.

Segundo Araújo (2012. p. 24) outras barreiras também podem ser apontadas. Dentre elas estariam a excessiva carga de trabalho de ambos os profissionais, com horários que intensificam a falta de tempo; a atuação dos bibliotecários que privilegia a realização das atividades técnicas, ficando estes isolados na biblioteca, e a dos docentes que se isolam em sala de aula para ensinar os conteúdos previstos nos programas dentro dos prazos estabelecidos; as limitações das percepções que muitas vezes são empecilhos para as decisões consensuais; o desconhecimento do bibliotecário quanto ao papel do docente e vice-versa; as reestruturações pouco adequadas dos currículos e projetos pedagógicos; a falta ou deficiência nas estruturas físicas dos ambientes de trabalho; a falta ou deficiência da liderança efetiva tanto entre docentes e bibliotecários quanto da gestão institucional que em suas políticas não incentiva a colaboração, e ainda privilegia a avaliação e a realização individuais destes educadores; a ausência da biblioteca e do profissional bibliotecário dentro da Instituição de ensino.

Pode-se afirmar que não se esgotam aqui os fatores dificultadores ou até mesmo impeditivos da implementação da cultura colaborativa nas instituições de ensino, pois cada uma pode apresentar muitas outras barreiras que seriam específicas de seu contexto.

2.5. Favorecimentos à colaboração

Contrariamente às barreiras à colaboração, muitos também são os fatores que podem ser apontados como facilitadores das práticas colaborativas. Shepherd (2004) afirma que os fatores que ele considera como os mais relevantes e que merecem maior atenção ao se pesquisar sobre a colaboração seriam os que estão relacionados às necessidades e benefícios, a visão, a missão e os objetivos, a atitude, a comunicação, os recursos humanos e financeiros, a liderança e o desenvolvimento da comunidade.

Em Araújo (2012, p. 25-26), encontram-se interpretações sobre as considerações que Shepherd (2004) trouxe sobre os fatores elencados por ele. O primeiro fator seriam as necessidades e benefícios:

> No que diz respeito às necessidades e benefícios, refere-se que estes são de ordem econômica, informacional, educacional, cultural e social, mas que o que é mais importante é convencer todos os parceiros de todos estes benefícios. Portanto, se todos tiverem um bom conhecimento e um correto entendimento dos benefícios que podem retirar da colaboração, esta ficará facilitada. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O segundo, a visão:

> Este autor também considera que as expectativas formam a visão coletiva da colaboração, pelo que se os parceiros tiverem expectativas, metas e objetivos comuns isso facilitará a colaboração porque gerará entusiasmo e vontade de resolver os problemas coletivamente. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O terceiro, a atitude:

> A atitude também é um fator importante. Os parceiros têm de sentir respeito mútuo e confiança e estarem dispostos a conhecer as características dos seus parceiros: as suas competências técnicas, o seu estilo, a forma como se relacionam e se organizam, essa predisposição é fundamental para que a colaboração ocorra. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O quarto, a comunicação:

> Outro fator elencado é o da comunicação. A este respeito considera que os parceiros têm de ser chamados à discussão dos problemas desde o início e que, por isso, é necessário desenvolver vias, tanto formais como informais, para comunicar. Também é necessário que os parceiros se habituem a comemorar os seus sucessos e a divulgá-los na comunidade. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O quinto, os recursos humanos e financeiros:

> A colaboração, como já percebemos, é complexa e também dispendiosa no início, por isso, o ideal é que exista um financiamento para os programas. Poderá ser necessário, por exemplo, que os recursos humanos façam formação para obterem novas competências. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O sexto, a liderança:

> No que diz respeito à liderança, o autor defende que esta requer bom senso, uma presença credível e conhecimentos na gestão destes processos. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

O sétimo e último, o desenvolvimento da comunidade:

> Por último, e ainda para o mesmo autor, será necessário estabelecer novos métodos e modos de aproximação e de interação para desenvolver uma comunidade colaborativa, ou seja, há que considerar igualmente as culturas locais e as identidades específicas. (ARAÚJO, 2012, p. 25-26)

Portanto, compreende-se que a combinação entre esses fatores é que poderá realmente possibilitar a construção da cultura colaborativa integral dentro do contexto das instituições de ensino. E essa, uma vez implementada, contribuirá para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo assim docentes, bibliotecários e discentes, e a comunidade escolar como um todo.

2.6. Modelos de Colaboração

Modelos de colaboração são instrumentos que possibilitam verificar em que níveis o trabalho colaborativo vem sendo estabelecido nas instituições. Citam-se aqui, portanto, os modelos que foram propostos por pesquisadores que estudaram e estudam a colaboração no âmbito das instituições de ensino, especificamente, aquela que ocorre entre docentes e bibliotecários.

2.6.1 A taxonomia de Loertscher e o TLC de Montiel-Overall

Como foi apontado anteriormente as pesquisas de Montiel-Overall e o modelo de colaboração TLC, proposto por ela, estão na base do desenvolvimento textual desta pesquisa, nas análises dos dados coletados junto aos pesquisados e no posterior desenvolvimento da Plataforma *web* de compartilhamento.

Esse modelo, uma vez tomado como referência para a recolha e análise dos dados, possibilitou que fosse identificada a presença ou ausência de concepções e práticas colaborativas entre os docentes e bibliotecários no contexto do CEFET-MG - Unidade Divinópolis, sendo possível categorizá-las.

Uma vez sendo conhecido o nível de colaboração existente, metas melhor definidas poderão ser propostas para que boas ações colaborativas sejam efetivadas, já que o TLC permite elencar os fatores específicos dentro da Instituição de ensino pesquisada que seriam os facilitadores ou limitadores desse processo. Logo, a partir de sua aplicação puderam ser reveladas as questões que demandam readequações. Enfim, o TLC auxiliou na compreensão da cultura educacional na Instituição. Sendo assim, acredita-se, esteja justificado o seu uso nesta pesquisa.

Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira; Campello (2016, p. 5) deu visibilidade pública ao TLC em 2005 e a definição que ela dá à colaboração, foi e tem sido citada

por estudiosos de diversas nacionalidades. Não se poderia, portanto, deixar de inseri-la neste texto:

> Colaboração é uma relação de trabalho baseada na confiança, entre dois ou mais participantes em igualdade de condição, envolvidos em ideias compartilhadas, planejamento compartilhado e criação compartilhada de atividades de aprendizagem integrada e inovadora. Por meio de visão e objetivos compartilhados, são criadas oportunidades de aprendizagem que integram os conteúdos curriculares e as atividades da biblioteca, por meio de co-planejamento, co-implementação e co-avaliação do progresso dos estudantes ao longo do processo de aprendizagem, a fim de melhorar a aprendizagem em todos os aspectos curriculares (MONTIEL-OVERALL, 2005 *apud* PEREIRA; CAMPELLO, 2016, p. 6).

Para construir sua teoria sobre a colaboração, Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 4) baseou-se nas pesquisas de Loertscher (2000) estudioso que classificou a colaboração em quatro taxonomias, cada uma relacionada a cada grupo de atores envolvidos no ensino aprendizagem, ou seja, docentes, discentes, bibliotecários e gestores. Esse teórico concebeu um plano de ação para as bibliotecas em instituições de ensino estruturado “em três pilares que são a infraestrutura da informação, os serviços prestados a discentes e docentes e os quatro elementos programáticos fundamentais.” Esses elementos seriam a colaboração, a leitura, o letramento informacional e o reforço da aprendizagem com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC’s). (ARAÚJO, 2012, p. 7).

Em sua taxonomia, Loertscher (2000) *apud* Araújo (2012, p. 8), organizou sua listagem de prováveis ações conjuntas entre docentes e bibliotecários. Ele as elencou partindo daquela, na qual não existe nenhum envolvimento entre esses pares, até chegar àquela em que ambos, atuam de maneira tão conjunta, que desenvolvem juntos, o currículo que será implementado na escola. Para Loertscher (2000) *apud* Araújo (2012, p. 9) já era perceptível que quanto maior o nível de envolvimento, maior o nível de colaboração entre docentes e bibliotecários, maiores e melhores seriam os impactos dessas ações sobre o aprendizado dos discentes. (ARAÚJO, 2012, p. 7). No Quadro 2 a seguir tem-se acesso ao programa das ações conjuntas entre professores e bibliotecários previstas na Taxonomia de Loertscher.

Quadro 2 - Taxonomia de Loertscher

Níveis Descrição	**Níveis Descrição**
Taxonomia do professor	**Taxonomia do bibliotecário**
1 O professor leciona de forma independente.	1 O bibliotecário não se envolve na lecionação de nenhuma unidade didática.

2 O professor leciona com recurso a fundos documentais privados.	2 O bibliotecário organiza e disponibiliza informação.
3 O professor leciona com recurso a fundos documentais requisitados em bibliotecas	3 O bibliotecário atende às solicitações de alunos e professores e apoia na utilização das novas tecnologias.
4 O professor recorre à biblioteca para recolher sugestões e obter novos materiais.	4 O bibliotecário responde às necessidades, aproveitando as ideias espontâneas dos professores, disponibilizando materiais.
5 O professor recorre à biblioteca para enriquecer/ complementar uma unidade didática.	5 O bibliotecário planifica informalmente e de forma superficial com os professores.
6 O professor utiliza os recursos da biblioteca como parte dos conteúdos de uma unidade didática.	6 O bibliotecário se reúne com os professores para saber quais os materiais necessários ao desenvolvimento do projeto ou de uma unidade didática. 7 O bibliotecário faz um esforço para promover a biblioteca escolar e o seu programa.
7 O professor e o bibliotecário são parceiros no ensino: preparam, decidem, planificam, apresentam os conteúdos e avaliam em conjunto.	8 O bibliotecário implementa um plano de ação para a biblioteca tendo em conta o desenvolvimento da colaboração, leitura, literacia da informação e aprendizagem através da tecnologia. 9 O bibliotecário consegue que o programa da biblioteca atinja um nível de maturidade em todos os seus elementos programáticos.
8 Os professores e o bibliotecário desenvolvem, em conjunto, o currículo.	10 O bibliotecário planifica e organiza com os outros professores o que vai ser ensinado, participando ativamente no desenvolvimento do currículo.

Fonte**:** Sala; Militão (2017, p. 2253)

Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 9), a partir das classificações de Loertscher (2000), organizou o TLC, propondo quatro modelos, os quais definem os níveis de colaboração entre docentes e bibliotecários, observados por ela, em suas pesquisas de campo, nas escolas americanas. Posteriormente, a denominação modelo foi substituída por facetas.

Também como Loertscher (2000), Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 9) descreveu o trabalho colaborativo entre esses educadores, começando pela prática que exige o menor envolvimento entre eles até a que lhes demanda, a maior

colaboração possível, que seria também para a pesquisadora, a construção do currículo integrado.

Portanto, os estudos de Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012, p. 9) permitem identificar em que nível de colaboração está o trabalho entre docentes e bibliotecários, em uma Instituição de ensino, para que se possa propor ações interventivas, com o objetivo de fomentar a ampliação gradual de seu nível, caso seja identificado que não é o ideal, considerando-se, que cada avanço já traz resultados bastante importantes, para o aprendizado dos discentes, que serão os grandes favorecidos nesse processo.

No Quadro 3 a seguir estão caracterizadas as quatro facetas propostas por Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32):

Quadro 3 - As facetas do TLC

Facetas		**Caracterização**
A	Coordenação	Existe um envolvimento mínimo entre professores e bibliotecários. Por exemplo: O professor, em sala de aula, trabalha literatura, e propõe aos alunos que leiam um determinado livro. Ele informa ao bibliotecário sobre essa demanda e o bibliotecário agenda, para os alunos o horário no qual poderão pegar os livros emprestados. A atividade é realizada com eficiência e sincronia, contudo nenhum dos dois educadores se comprometeu além disso.
B	Cooperação	Inicia-se uma pequena elevação do nível de interação entre professores e bibliotecários. Eles já dividem algumas tarefas, tendo os mesmos fins, não havendo, contudo, necessariamente, um planejamento em conjunto. Por exemplo: O professor informa ao bibliotecário que vai trabalhar um conteúdo de ciência, em um projeto e solicita ao bibliotecário que reúna todo o material que houver disponível na biblioteca, sobre o tema, para a realização da tarefa. O bibliotecário assim o faz e disponibiliza o material ao professor. Já se percebe uma maior intencionalidade na colaboração, mas também se sente a preponderância da atuação de um em relação a do outro, não há ainda compartilhamento de autoridade.
C	Instrução integrada	Já existe envolvimento de professores e bibliotecários no planejamento, criação e implementação de ações com clareza da intenção de ambos, no favorecimento dos alunos, quanto à aprendizagem do conteúdo a ser trabalhado e ao aprimoramento de suas habilidades informacionais. Por exemplo: O bibliotecário, atuando também como professor, orienta os alunos a localizarem as fontes de informações que contenham o conteúdo a ser estudado, os ensina a selecionar dentre elas, as que disponibilizam as informações demandadas para realizar a atividade proposta pelo professor e os auxilia a apresentar as respostas adequadas aos questionamentos que ele fez. Aqui o bibliotecário participou junto ao professor da idealização da tarefa proposta também.
D	Currículo Integrado	Seria o nível mais alto da colaboração, pois todos os conteúdos de ensino estariam atrelados totalmente às atividades da biblioteca. O Bibliotecário não interage apenas com um professor, mas com todos os professores da

		Instituição e aqui a direção da escola também atua conjuntamente, fazendo uso de suas prerrogativas administrativas para favorecer a implementação das ações conjuntas. Por exemplo: A diretoria pode flexibilizar horários de trabalho para que o bibliotecário possa participar das reuniões pedagógicas junto aos professores. O Bibliotecário é reconhecido como educador de importância igual à do professor, sendo contado entre os membros das comissões para o desenvolvimento curricular da Instituição. As atividades de favorecimento do letramento informacional dos alunos ganham a amplitude que demandam e não são compromisso apenas dos bibliotecários, mas o são também, dos professores e direção da escola.

Fonte: Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32).

2.6.2. Os níveis de colaboração de Muronaga e Harada, Zmuda e Doll

Além da Taxonomia de Loertscher e o modelo TLC de Montiel-Overall podem ser citados nesta pesquisa, outros dois modelos, aqueles propostos por Muronaga e Harada (1999) e posteriormente por Doll (2005) e Zmuda (2006) que também têm relevância como referência para os estudos sobre a temática da colaboração.

O modelo de Muronaga e Harada (1999) *apud* Araújo (2012, p. 7) considera a existência de três níveis de envolvimento curricular nas ações conjuntas entre docentes e bibliotecários:

a) no primeiro nível, as ações são independentes. Exemplificando, o bibliotecário treina o discente para saber utilizar um dicionário, mas o docente desenvolve atividades, nas quais não incentiva os discentes a utilizarem esse tipo de obra de referência em seus trabalhos, deixando assim de reforçar essa habilidade adquirida.
b) no segundo, as ações conjuntas são acidentais, acontecem por coincidência. O bibliotecário trabalha uma habilidade informacional dos discentes, demandada para o entendimento de um determinado conteúdo, sem que tenha tido conhecimento de que esse conteúdo já teria sido apresentado pelo docente em sala de aula.
c) para os dois autores, só o terceiro nível, o das ações intencionais, poderia ser considerado verdadeiramente como colaboração. Docentes e bibliotecários decidem trabalhar juntos, planejando, atuando e avaliando a efetivação de sua ação, para favorecerem os discentes, tanto na aquisição dos conhecimentos, quanto no aprimoramento de suas habilidades informacionais. (MURONAGA e HARADA, 1999 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 7).

Já o modelo de Zmuda (2006) *apud* Araújo, (2012, p. 9) divide a colaboração entre docentes e bibliotecários em três níveis:

a) evento isolado, no qual, o contato do docente com o bibliotecário, se dá tão somente para ações básicas. Por exemplo: quando o docente quer solicitar apenas a permissão para realizar uma atividade no ambiente da biblioteca, sem contar com o auxílio do bibliotecário, para além disso;
b) esforço coordenado, no qual, o docente já conta com o bibliotecário para sugerir-lhe ideias e informações sobre o que tem disponível na biblioteca, e que poderá atendê-lo, mas ainda não o convida, para juntos estabelecerem as metas a serem atingidas, e apenas, em algumas vezes, esse professor repassa ao bibliotecário, *feedbacks* sobre a atividade realizada;
c) por último, parceria, no qual, o docente apresenta ao bibliotecário um projeto e o convida a participar de todo o processo de efetivação dele, ou seja, os dois vão planejar juntos, além de orientar, também os discentes em conjunto, em todo o processo de busca e uso das informações e na aprendizagem dos conteúdos programáticos incluídos no currículo escolar. (ZMUDA, 2006 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 9-10).

Quanto à Doll (2005) *apud* Santos (2010, p. 39-41) a taxonomia que ela apresenta aponta para 4 níveis, os quais seriam:

a) o isolamento, no qual o bibliotecário se mantém na biblioteca, cuidando de sua organização, sem saber o que está acontecendo em sala de aula. Só deixa esta condição se lhe for solicitada alguma participação pelo professor;
b) a cooperação, no qual, este bibliotecário reúne os materiais e conteúdos que a biblioteca teria disponíveis e que estariam de acordo com as aulas a serem lecionadas. Contudo, seu papel educativo ainda não é considerado como tal, ocorrendo raras situações nas quais ele tem a oportunidade de atuação de em conjunto com professores com articulação do currículo;
c) a coordenação, no qual o bibliotecário procura se inteirar acerca do que será lecionado em sala de aula e quais dinâmicas serão aplicadas para tal. Com isso ele poderá regularmente selecionar os materiais a serem utilizados como recursos nas aulas;
d) a colaboração, no qual o bibliotecário participa do planejamento das aulas e do currículo. Ele interage com professores nas reuniões para planejarem as atividades que acontecerão tanto na sala de aula como na biblioteca. Juntos

> eles avaliam os alunos. Bibliotecários e professores podem atuar juntos na sala de aula.

Sendo assim, a colaboração entre docentes e bibliotecários, na argumentação de todos os teóricos que trataram e tratam do tema, é uma relação de trabalho que precisa evoluir, do individual para o coletivo, e que isso não só é possível como desejável e imprescindível, para que o ensino e a aprendizagem sejam favorecidos plenamente, ou seja, educadores e discentes poderão vivenciar experiências ainda mais reflexivas e significativas que impactarão positivamente suas vidas pessoais e profissionais.

A seguir apresenta-se o conteúdo da sessão que trata da Metodologia aplicada para realização desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Nesta sessão descrevem-se quais foram os procedimentos metodológicos adotados para se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Pesquisar está no centro das ações no âmbito da Ciência. Através da pesquisa é que se pode conhecer de fato a realidade que se está investigando. Ela não esgota em si os estudos sobre um tema, mas com a aproximação que ela proporciona, com o que se deseja estudar, ela passa a ser a base teórica sobre a qual se vai intervir no campo estudado para transformar sua realidade para melhor. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33).

Para a materialização desta pesquisa nesta dissertação e no produto educacional desenvolvido realizou-se inicialmente uma seletiva busca bibliográfica e documental, para que se pudesse construir uma fundamentação teórica mais clara, objetiva e pertinente acerca da temática abordada. Segundo Fonseca (2002, p. 32) *apud* Silveira; Córdova, (2009, p. 39) esta pesquisa inicial “é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web* sites” para servir como base teórica para todas as etapas seguintes de um estudo.

A partir da pesquisa bibliográfica, *webgráfica* e documental buscou-se conhecer e compreender a temática da prática da colaboração entre docentes e bibliotecários, quais são as percepções destes profissionais sobre ela, como ela se dá e qual é o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem. Delimitou-se como seu foco, para a etapa da coleta de dados, a ocorrência dessa prática na Educação Profissional e Tecnológica, dentro do contexto do CEFET-MG Unidade Divinópolis.

Quanto à abordagem do problema, esta se deu essencialmente como qualitativa, pois permitiu a busca por respostas para problemas muito específicos e a identificação de experiências próprias referentes à temática abordada que não seriam passíveis de quantificação simplesmente. Esta afirmação se confirma em Mynaio (2001, p. 21-22):

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não deveria ser

> quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Contudo, embora esta pesquisa seja qualitativa, a análise realizada também foi construída a partir da associação de dados quantitativos, na medida em que estes auxiliaram na exploração, entendimento e interpretação desses dados, caracterizando os sujeitos pesquisados, permitindo assim a atribuição de significados a todas as respostas apontadas pelos colaboradores.

Em relação à sua natureza, esta pesquisa fez-se aplicada, pois teve como objetivo “gerar conhecimentos que podem ser aplicados na prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolveu verdades e interesses locais. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 37). Nesta pesquisa o desenvolvimento de uma Plataforma *web* de trabalho colaborativo foi proposto como ferramenta tecnológica para fomentar ações colaborativas entre docentes e bibliotecários com vistas a favorecer o ensino aprendizagem na Instituição estudada.

No tocante aos seus objetivos, esta pesquisa se conformou como descritiva e exploratória, pois pretendeu-se com ela, trazer a sua temática à tona para dar-lhe maior destaque, atraindo para ela o interesse de mais estudiosos, já que se tem conhecimento, da efetivação de poucos estudos sobre ela, e de que a abordagem sobre ela tanto no Brasil quanto no exterior, é mínima, principalmente no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Portanto, a opção por tal modalidade se corrobora em Gil (2000) *apud* Silveira; Córdova (2009, p. 37) que diz que a “pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...].” Com a pesquisa exploratória constrói-se uma visão geral acerca de um fenômeno. E com isso o problema estudado passa a ser mais bem compreendido, o que possibilita que a partir deste estudo outros venham a ser gerados sobre a mesma temática. (GIL, 2010). Em relação à pesquisa descritiva, Gil (2010) aponta que a partir dela se pode descrever as características de um fenômeno ou população, podendo ser considerada um levantamento.

No que diz respeito aos procedimentos, esta conformou-se a uma pesquisa participante pois esta pesquisadora é bibliotecária na Instituição estudada, sendo assim integrante do grupo de indivíduos participantes. A pesquisadora mantém com os participantes contato cotidiano por sua atuação profissional na Instituição, o que lhe permitiu estar diretamente envolvida na problemática abordada. Entretanto, por

questões relacionadas à paralisação das atividades presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19, as narrativas aqui apontadas por esta pesquisadora ficaram circunscritas ao que ela coletou no período que vai até março de 2020, data em que as atividades presenciais na Instituição pesquisada foram paralisadas e posteriormente retomadas no modelo remoto. Sendo assim o estudo de campo ficou essencialmente prejudicado, exigindo a adaptação exclusiva da coleta de dados junto aos pesquisados também ao modelo remoto.

De acordo com Gil (2002) a pesquisa participante traz em si o envolvimento entre pesquisador e pesquisado, e a observação não se dá apenas do primeiro em relação ao segundo, mas ambos se identificam neste processo.

Também segundo Le Boterf (1984):

> na pesquisa participante a população envolvida objetiva identificar seus problemas, analisá-los e buscar as soluções adequadas. É importante, portanto, salientar que os participantes não têm suas funções resumidas a delegação de tarefas, pois todos são detentores do conhecimento produzido e colaboradores na pesquisa.

Esta pesquisa buscou examinar um fenômeno atual, dentro do cotidiano natural de uma Instituição de ensino, investigando o significado que os participantes atribuem à questão da temática aqui abordada.

3.2 Campo da Pesquisa

3.2.1 Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

A Instituição de Ensino definida pela autora como seu campo de estudos foi o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), que integra a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Brasil. Contudo, como recorte para a aplicação da pesquisa, optou-se por realizá-la em uma de suas unidades, situada na cidade de Divinópolis, localizada na região centro-oeste do Estado de Minas Gerais.

O CEFET-MG é uma Instituição de ensino centenária, com sua origem no Decreto nº 7.566, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha, em 23 de setembro de 1909. Conta com uma estrutura Multicampi. Suas unidades estão em áreas com intenso desenvolvimento industrial: Belo Horizonte, Leopoldina, Araxá, Divinópolis, Timóteo, Varginha, Nepomuceno, Curvelo e Contagem. (CEFET-MG, 2020)

Oferece ao seu aluno uma formação acadêmica completa, desde o técnico de nível médio até o doutoramento. No seu âmbito, estudantes de todos os níveis integram grupos de pesquisas, compartilham conhecimento e são orientados por um corpo docente apto e atuante em todas as camadas de ensino. O reconhecimento desse empenho do CEFET-MG é visto tamanho o investimento do Governo Federal e do Governo Estadual em bolsas para pesquisadores. (CEFET-MG, 2020)

Os técnicos certificados pelo CEFET-MG apresentam uma sólida formação científica e tecnológica, além de vivenciarem um ambiente que lhes propicia contato com as novas fronteiras do desenvolvimento e uma visão crítica da sociedade em que estão inseridos e na qual irão atuar. Mesclando tradição e inovação, os cursos técnicos do CEFET-MG auxiliam os alunos na sua formação para o mundo do trabalho e as múltiplas possibilidades e demandas que a sociedade contemporânea nos coloca. (CEFET-MG, 2020)

A consolidação do CEFET-MG como uma Instituição de ensino superior foi resultado de uma política institucional que consolidou várias áreas do conhecimento, de um intenso programa de capacitação do corpo docente e da constituição de novos grupos de pesquisa. Atualmente, a Instituição oferta 16 cursos de graduação. Os profissionais graduados pelo CEFET-MG estão aptos a responder aos desafios do mercado de trabalho, prontos a proporem novas soluções e assumirem a responsabilidades de grandes projetos na sua área de atuação. (CEFET-MG, 2020).

O CEFET-MG, na década de 80, acertou com a Universidade de Tecnologia de Loughborough um Acordo de Cooperação Técnica, com apoio da CAPES e do Conselho Britânico, para viabilizar um programa de mestrado para aprofundar a capacitação do corpo docente e, dessa maneira, o CEFET-MG pudesse oferecer outros cursos de graduação além das Engenharias Elétrica e Mecânica. O resultado do projeto foi o Programa de Mestrado em Tecnologia que, já em 1991, possuía seu próprio corpo docente e infraestrutura laboratorial. Em 2013, o CEFET-MG já oferecia sete programas de mestrado, bem como um programa de doutorado. Os primeiros grupos de pesquisa do CEFET-MG surgiram nos anos 90. Foram os responsáveis pela inscrição junto ao CNPq e com início, tiveram início os Programas de Mestrado. Em 2012, o CEFET-MG já contabilizava 76 grupos ativos de pesquisa, graças à política institucional que gerou apoio e incentivou a formação de novos conjuntos de pesquisadores. Fruto desse trabalho é o aumento no número de mestres e doutores na Instituição. (CEFET-MG, 2020)

Um aspecto importante dos grupos de pesquisa é a reunião de estudantes de todos os níveis de ensino, isto é, alunos do ensino técnico trabalham juntamente a graduandos, mestrandos e doutorandos. Como resultado, o CEFET-MG possui o maior Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior do país, com 180 bolsas anuais. A consequência desse trabalho é um aluno com alto nível de conhecimento e especialização, e reconhecimento em âmbito internacional. (CEFET-MG, 2020)

A Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do CEFET-MG foi criada em 2008 a partir da Diretoria de Relações Empresariais, tendo em vista a necessidade de atualização das estruturas organizacionais frente aos desafios acadêmicos e sociais. Outrossim, a política nacional de extensão vem sendo pactuada pelas Instituições de Ensino Superior e encontra-se expressa no Plano Nacional de Extensão; dessa forma, o CEFET-MG, através da DEDC, realiza a extensão universitária sob a forma de programas, projetos, cursos de extensão, eventos, prestações de serviço, além da elaboração e difusão de publicações; permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país. (CEFET-MG, 2020)

3.2.2 Unidade Divinópolis

Criada em 1994, a Unidade de Divinópolis recebeu suas primeiras turmas em 1996, com o objetivo de habilitar técnicos em nível médio. Inicialmente foram escolhidas as áreas de Eletromecânica e Vestuário, pois em Divinópolis e região, as indústrias de Mineração, Siderurgia e Vestuário desempenham papel de grande importância. Assim a escolha desses cursos teve por finalidade suprir a carência do Centro-Oeste mineiro na área de Educação Tecnológica compatível com seu desenvolvimento industrial. (CEFET-MG, 2020)

Atendendo às novas carências suscitadas na região e cumprindo o seu papel social, o Campus Divinópolis lançou, em 2006, o curso Técnico em Planejamento e Gestão em Tecnologia da Informação, atualmente Técnico em Informática e deu início em 2008, ao seu primeiro Curso Superior em Engenharia Mecatrônica. Em 2019, dois novos Cursos Superiores tiveram início: Engenharia de Computação e Design de Moda. (CEFET-MG, 2020)

Em 2019, o CEFET-MG passou a oferecer Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, curso que conta com 40 Instituições

Associadas, em todos os estados da federação, sendo o CEFET-MG Campus Divinópolis uma delas. Ainda na pós-graduação, o CEFET-MG Campus Divinópolis oferece o curso Pós-Graduação Lato Sensu em Sistemas e Dispositivos Mecatrônicos. (CEFET-MG, 2020)

Com os avanços tecnológicos implementados na região, novos cursos estão em fase de estudo, pois o CEFET – MG Campus Divinópolis é uma Instituição de ensino que contribui muito para a melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional da população da região. (CEFET-MG, 2020)

O CEFET-MG Campus Divinópolis está em constante diálogo com a sociedade na qual está inserida atuando em muitas frentes com vistas a ofertar um ensino público, multinível, de qualidade e gratuito para que seus discentes possam se tornar cidadãos críticos e autônomos, sendo assim favorecidos em sua formação integral, o que lhes permitirá atuarem com competência junto às comunidades nas quais vivem trazendo a elas relevante contribuição para o seu desenvolvimento. (CEFET-MG, 2020)

3.3 Sujeitos da Pesquisa

Foram definidos como sujeitos da pesquisa, o grupo de servidores lotados no CEFET-MG - Unidade Divinópolis. São ao todo 81 indivíduos, sendo 2 bibliotecários e 79 docentes que atuam nos cursos técnicos, de graduação e pós-graduação ofertados pela Instituição.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados para Silveira; Córdova (2009, p. 68) “é a busca por informações para a elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar. Sendo assim, para efetivar essa elucidação, nesta pesquisa, além da busca bibliográfica, *webgráfica* e documental, das notas de campo da pesquisadora, foram aplicados dois questionários *on-line*, compostos por questões abertas, fechadas e mistas, as quais foram respondidas pelos participantes sem a interferência da pesquisadora.

A construção dos questionários se orientou pela adequação do seu conteúdo aos objetivos da pesquisa e às informações que se pretendeu obter. Segundo Lima

(2000, p. 39) é importante garantir “a pertinência dos instrumentos de pesquisa em relação à informação desejada e dos dados procurados quanto aos objetivos do inquérito.” O conteúdo dos questionários, na íntegra, está disponível nos Apêndices B e C desta dissertação.

Os dados foram reunidos a partir da aplicação de 3 questionários na modalidade *on-line*. Os dois primeiros aplicados foram compostos por 24 questões nas quais se buscou reunir dados que caracterizassem os colaboradores e delineassem as suas percepções relacionadas à temática abordada nesta pesquisa. Destaca-se que estes dois primeiros questionários diferiram entre si em algumas questões pois abordaram especificidades da atuação de docentes e bibliotecários comuns somente a cada função. O terceiro questionário foi formulado para que os participantes tanto docentes quanto bibliotecários pudessem avaliar sua experiência de navegação na Plataforma *web*, que foi possibilitada a eles posteriormente à aplicação dos primeiros questionários, tão logo a Plataforma foi desenvolvida.

Em sua primeira sessão, os dois primeiros instrumentos de pesquisa trazem 6 questões que coletaram dados relativos à caracterização dos colaboradores e na segunda sessão, que contempla as outras 18 questões, eles reuniram dados referentes às concepções, entendimento e práticas dos colaboradores quanto a colaboração entre docentes e bibliotecários.

Como dito anteriormente, compuseram também esse conjunto de dados coletados e analisados, as notas de campo desta pesquisadora, as quais contém suas anotações acerca de suas observações em campo, antes da paralisação das atividades presenciais, devido à pandemia de Covid-19, o que ocorreu em março de 2020. Somaram-se aqui suas percepções, reflexões e análises referentes à temática abordada e às práticas colaborativas às quais promoveu ou das quais participou na Instituição até o momento pandêmico atípico que exigiu o isolamento social. Com essa limitação portanto, não foi possível à pesquisadora, que ela acompanhasse presencialmente as etapas de coleta de dados junto aos participantes. Tudo ocorreu na modalidade virtual, na qual ela se colocou disponível para auxiliar os pesquisados em suas dúvidas, atendendo-os por e-mail, videoconferência ou por telefone, caso desejassem.

Por fim, deu-se a apresentação da Plataforma *web*, a um grupo de servidores através da disponibilização do link para navegação e tutoriais em *pdf* e vídeo. Após esta etapa, o questionário de avaliação referente à Plataforma foi aplicado e os dados

coletados foram juntados às análises na sessão Resultados e Discussões. O questionário disponibilizado está no Apêndice D desta dissertação.

3.5 Instrumento para análise dos dados

Quanto à análise dos dados esta se deu preferencialmente pela de conteúdo, definindo-se como referência os apontamentos de Laurence Bardin. Segundo a autora (1979, p. 42) *apud* Gerhardt *et al* (2009) análise de conteúdo:

> representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Para as discussões acerca dos resultados obtidos, tomou-se como base referencial teórica o modelo de Colaboração TLC de Montiel-Overall, desenvolvido dentro do escopo da Teoria da Colaboração entre docentes e bibliotecários fundamentada por esta autora ente os anos de 2005 a 2013.

3.6 A ética na pesquisa: processo para obtenção do TCLE

Não há como fazer pesquisa envolvendo seres humanos desconsiderando questões éticas, pois a dignidade e proteção deles demandam cuidados essenciais. O respeito e a garantia acerca dos direitos dos participantes são exigências indiscutíveis para a realização das pesquisas nas quais a Ética esteja verdadeiramente contemplada.

E para se alcançar a adesão de participantes para um estudo é necessário que se estabeleça detalhadamente com bom senso e objetividade como se dará esse processo que pode ser compreendido como sendo aquele no qual estão alinhadas todas as etapas que devem ser observadas para que o convidado a participar da pesquisa tenha a possibilidade de se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

Nesta pesquisa, docentes e bibliotecários, que são servidores na Unidade do CEFET-MG – Divinópolis foram convidados a participar, pois sua atuação está diretamente relacionada com a temática do trabalho colaborativo.

Elencam-se a seguir os procedimentos que foram efetivados para se obter o consentimento dos participantes:

a) inicialmente, após ter sido colhida a assinatura, via Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (SIPAC), junta à Direção Geral do CEFET-MG do Termo de Anuência, no qual foi formalizada a permissão para a pesquisadora realizar o estudo na Unidade de Divinópolis, foi enviada, por e-mail à Diretoria dessa Unidade, uma solicitação de permissão para contatar docentes e bibliotecários já que eles seriam os convidados a participar da pesquisa. O Termo de Anuência aprovado foi enviado em anexo à Diretoria da Unidade Divinópolis para sua ciência;
b) recebida a permissão da Diretoria de Unidade, pela pesquisadora, os docentes e bibliotecários foram contatados, via e-mail individualizado. Neste e-mail receberam em anexo uma carta com o objetivo de convidá-los a participar da pesquisa. Esta carta convite foi denominada Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por ser um TCLE no formato virtual, justificou-se ao participante, o porquê da opção pela modalidade *on-line*. A razão para a opção fundamentou-se na impossibilidade de se efetuar a coleta presencial devido à condição de insegurança sanitária imposta pela pandemia de Covid-19. Neste e-mail o convidado foi informado de que disporia do tempo adequado para refletir, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que pudessem auxiliá-lo na tomada de decisão livre e esclarecida;
c) no texto do TCLE, portanto, foram explicitados: a justificativa, os objetivos, os procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa; os possíveis desconfortos e riscos e os benefícios esperados; as providências e cuidados para evitar ou reduzir efeitos e condições adversas; os esclarecimentos sobre a forma de acompanhamento e assistência; e por fim as garantias que seriam: a) plena liberdade do participante, de recusar-se a participar ou para retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; b) manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa; c) acesso do participante a uma via do TCLE, através das opções de impressão ou salvamento do arquivo em *pdf*; d) ressarcimento e cobertura de despesas dos participantes que por ventura fossem oriundas da sua participação na pesquisa;

d) após estarem cientificados de todo o processo da pesquisa, os convidados, na condição de colaboradores voluntários, indicaram sua decisão. Para tal, manifestaram seu aceite ou não em participar da pesquisa, assinalando uma das opções que apareceram no TCLE *on-line*. Em seguida preencheram o campo onde se solicita o seu nome completo e a data do dia do consentimento e por fim clicaram no botão enviar que estava ao final do Termo;
e) assim que os convidados enviaram suas respostas, sendo elas positivas ou negativas, a pesquisadora enviou a eles um e-mail confirmando este recebimento. E para aqueles que deram o consentimento de sua participação na pesquisa, a pesquisadora lhes encaminhou em seguida, os links dos questionários com as instruções para o seu preenchimento. (O TCLE, na íntegra, encontra-se no Apêndice A);
f) os participantes foram instruídos a preencherem inicialmente o questionário que versa sobre a temática da pesquisa, para em outro momento posterior a esse, acessarem a Plataforma e preencherem o questionário de avaliação de navegação na mesma;
g) foram disponibilizados no TCLE todas as possibilidades para contato dos participantes com a pesquisadora ou com o Conselho de Ética em Pesquisas (CEP) para que pudessem obter informações, ajuda, esclarecimentos, instruções e apoio, em qualquer etapa da pesquisa e mesmo após o seu término;
h) os participantes também foram informados de que teriam acesso ao andamento e aos resultados da pesquisa, bastando apenas informar este desejo no TCLE;
i) por fim, os participantes foram orientados a guardar uma via em formato eletrônico ou impresso do Termo já que a ferramenta *on-line* permite as duas possibilidades de arquivamento desse documento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão apresentam-se as notas de campo desta pesquisadora bem como os dados, as análises, resultados e discussões referentes às respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa. Estes participantes, a partir dessa sessão, passarão a ser denominados colaboradores. O conteúdo das notas desta pesquisadora contempla suas observações e relatos desde o período de seu ingresso no CEFET-MG em 2010, quando seus primeiros questionamentos sobre a temática aqui abordada já se faziam presentes e foram ganhando corpo.

Antes de proceder a esta apresentação, esta pesquisadora considerou pertinente fazer uma breve abordagem de um conceito trabalhado nesta pesquisa, o qual seria concepção. Entendeu-se que isto seja necessário pois as concepções, segundo Araújo (2012, p. 57) estão diretamente ligadas à prática, que aqui seria a dos docentes e bibliotecários, determinando-a e explicando os comportamentos nela observados, ou seja, não há como analisar uma sem considerar a outra e vice-versa.

Segundo Pich (2010, p. 145) para o filósofo Thomas Reid conceber é:

> uma operação da mente, um modo de pensar específico do qual se está ou se pode estar consciente. Porque é uma operação da mente, “concepção” é uma ação, e essa só pode provir de algo que é “vivo” e “ativo”. “Concepção” supõe um “poder no ente que [a] opera”. Sendo ela ademais um poder “original” e “natural” (constituinte) da mente, não adquirido, ela pode ser chamada de “faculdade” da mente. Uma “concepção” como ato de conceber é uma “coisa na mente” porque esta é o seu sujeito em todo e qualquer indivíduo – um sentido básico da diferença entre coisas “interiores” e “exteriores” é a diferença entre ter a mente como sujeito e não a ter como sujeito. Conceber uma coisa exterior é, de pronto, ter na mente uma operação cujo sujeito portador, pois, é a própria mente e cujo objeto é a coisa exterior.

Nesta pesquisa buscou-se identificar e compreender as concepções dos docentes e bibliotecários quanto ao trabalho colaborativo levando-se em conta tanto aquelas que eles afirmam ter quanto aquelas que as suas práticas revelam. De acordo com Ponte (1992) *apud* Araújo (2012, p. 58) estas concepções podem ser definidas, as primeiras como manifestadas e as segundas, como ativas.

4.1 Notas de campo da pesquisadora

Nos itens 4.1 e subitens 4.1.1, 4.1.2 e 4.1.3 a seguir estão descritos os relatos e observações desta pesquisadora. Estes contemplam sua busca em compreender a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários, perpassando por suas experiências, vivências e convivências na Instituição na qual atua, e até mesmo por aquelas de antes de seu ingresso na mesma, quando ainda atuava como docente na educação infantil e fundamental. Sendo assim, reitera-se que esta pesquisadora julgou importante discorrer sobre esta atuação anterior à de bibliotecária por acreditar na importância destes entrelaçamentos na construção de sua pesquisa, já que é pesquisadora e pesquisada.

Conforme afirmam Bogdan e Biklen (2006, p. 150) *apud* Nunes (2016, p. 33), as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Sendo assim, as notas de campo desta pesquisadora trazem em si o registro de momentos de vivência cotidiana no contexto do campo pesquisado que é o seu local de trabalho, bem como aquelas que antecederam a realização desta pesquisa mas que têm relação direta com o estudo da temática abordada.

Já Bell (2008, p.142) *apud* Nunes (2016, p. 33) afirma que é “necessário ter consciência dos riscos e fazer o máximo para eliminar preconceitos e ideias preconcebidas. Se puder, peça ajuda a um colega […] que compare depois as notas consigo”. Logo, esta pesquisadora compreendeu que pela subjetividade desta abordagem, ela deveria cruzar suas falas e entendimentos com as dos participantes para chegar a compreensões o mais próximas possível da veracidade e realidade dos fenômenos pesquisados.

4.1.1 Atuação em escolas de educação infantil e fundamental

Como dito anteriormente, esta pesquisadora, antes de trabalhar como bibliotecária, lecionou em escolas de educação infantil e ensino fundamental por 12 anos. Já nessa fase buscava estar junto aos outros docentes e equipe da biblioteca dessas escolas, participando por iniciativa própria ou a partir de convites, em atividades não só de promoção da arte e cultura, como também de alfabetização, leitura e pesquisa escolar. Aqui pode-se depreender que já nessa etapa de sua vida

profissional, sua crença na importância das atuações em conjunto já se fazia presente. Faz-se necessário, contudo, reiterar que somente depois que esta pesquisadora tomou maior conhecimento dos estudos sobre a temática da colaboração é que passou a compreender melhor suas próprias concepções sobre esta e sobre a necessidade de entendê-la com mais profundidade para saber das reais possibilidades de fomentá-la em seu ambiente de trabalho. Inicialmente suas concepções estavam muito no âmbito de suas próprias percepções e experiências.

Esta pesquisadora, a partir de suas vivências naqueles contextos escolares observou que entre os docentes e as equipes das bibliotecas existia uma grande proximidade e interesse para o trabalho em conjunto e uma menor resistência em fazê-lo. Talvez isso possa sinalizar para o entendimento deles, ainda que fosse intuitivo, do papel educativo da biblioteca. Muitas das atividades desenvolvidas pelos docentes, com base nos conteúdos trabalhados em sala de aula, contavam com a participação da equipe da biblioteca e o uso de seu espaço. Exemplificando: muitos foram os momentos de contação de histórias, com participação da bibliotecária nos quais, ela utilizava fantoches para abordar a temática do autocuidado e higiene pessoal já trabalhada em sala de aula. Outro exemplo: o planejamento de projeto de pesquisa escolar efetivado por docente e bibliotecária em conjunto com vistas a se ofertar suporte aos discentes na busca por conteúdo e na construção de seus trabalhos.

Estas falas iniciais demonstram porque esta pesquisadora considera como viável que essas atuações conjuntas aconteçam também no âmbito de escolas de ensino médio e superior e com possibilidades reais de sucesso, guardadas suas especificidades, como é o caso do CEFET-MG. Para ela, nesta crença estão a promoção e o fomento contínuos dessa cultura colaborativa com vistas a favorecer diretamente os discentes em sua aprendizagem. Seu entendimento se confirma em Sala e Militão (2017, p. 2256) que afirmam ser “fundamental que professores e bibliotecários atuem de maneira conjunta e positiva, contribuindo para a formação integral dos alunos, preparando-os para a vida em sociedade, para os espaços além dos muros da escola.”

4.1.2 Atuação na Unidade de Curvelo

Deixando a narrativa dos anos que esta pesquisadora atuou como docente, segue-se para aquela que traz relatos já de sua atuação como bibliotecária. Para tal, esta pesquisadora decidiu-se por voltar na linha do tempo e apontou inicialmente para o seu cotidiano na biblioteca da Unidade de Curvelo, entre 2010 até julho de 2014, quando de sua nomeação como servidora do CEFET-MG e posteriormente para o campo eleito para este estudo, o da Unidade de Divinópolis, na qual ela passou a atuar a partir de 2014 e à qual está vinculada até o momento atual.

É preciso pontuar que no período que esta pesquisadora trabalhou na Unidade de Curvelo, na maior parte do tempo, não pode contar com uma equipe de servidores nomeados para atuarem na biblioteca junto a ela. Ela contou sim com o essencial e espontâneo suporte de uma colega de trabalho que era servidora do setor de saúde. A biblioteca e o setor de saúde funcionavam na mesma sala. Com a auxiliar de enfermagem, esta pesquisadora aprendeu a aplicar injeção, inclusive em si mesma e aquela aprendeu com a pesquisadora que os livros têm que ficar na posição vertical, nas prateleiras e não na horizontal, pois isso favorece o acesso rápido a eles, a manutenção de sua organização nas estantes e a sua durabilidade. É preciso mantê-los acordados para esperar pelos leitores. Esse primeiro aprendizado as uniu. Como não acreditar na colaboração, tendo vivenciado este encontro. Tornaram-se amigas. Em outras poucas vezes, esta pesquisadora recebeu também o apoio de outro servidor.

Desde seu ingresso na Unidade de Curvelo esta pesquisadora esteve convencida da necessidade de colaborar com os docentes de uma maneira mais próxima, com vistas a participar também na efetivação de atividades pedagógicas, pois trazia, de suas experiências anteriores, em outras instituições de ensino, o entendimento de que essa prática era necessária, possível e poderia resultar no favorecimento da aprendizagem dos discentes do CEFET-MG como ela viu acontecer naquelas escolas nas quais trabalhou. Esse seu entendimento encontrou respaldo em Bicheri e Almeida Junior (2013, p. 44):

> O bibliotecário escolar (leitor, mediador e educador), inserido em sua comunidade, tem como uma de suas atividades, participar do projeto pedagógico atuando junto a professores, alunos, funcionários e familiares de alunos, num trabalho de cooperação e participação, de forma a

> tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico na escola, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo a pesquisadora, o fato de não dispor de uma equipe de trabalho teria sido um dificultador para a sua atuação inicial junto aos docentes, e que fosse para além das práticas administrativas do setor. Durante um bom período ela dedicou-se ao trabalho de organizar o acervo, fazendo o preparo técnico das obras e ao atendimento aos usuários. Foi lhe exigido que efetivasse, em voo solo, a informatização da biblioteca. Mesmo assim, ela não se sentiu impedida de se mover no sentido de buscar aliados para a luta pela colaboração, buscando ganhar uma maior adesão para tal.

Esta pesquisadora, contudo, reconheceu ter até então uma incipiente compreensão da complexidade e extensão do que seria promover efetivamente esse trabalho colaborativo no âmbito de uma Instituição que oferta EPT. Demandou-se a ela que se dedicasse a estudar a temática neste âmbito para poder definir estratégias de ações fundamentadas na literatura corrente sobre o assunto e nas práticas efetivadas por outros pesquisadores, caso existissem. Descobriu que existem estudos sobre o tema, mas em número reduzido, com abordagem muito mais teórica do que prática. Na EPT ela tomou conhecimento de apenas um estudo. Estas suas buscas iniciais foram tomadas como bases referenciais para a fundamentação teórica de sua pesquisa quando de seu ingresso no PROFEPT alguns anos depois. Logo, ficou claro que precisava também colaborar na construção destes estudos e lançar luzes sobre a temática, para dar-lhe a conhecer a outros pesquisadores que pudessem também ampliar o montante de pesquisas sobre ela. Ela já compreendia é que não desejava tão somente cumprir os trâmites técnicos e administrativos que o setor exigia. Queria ir além e estar também no lado pedagógico desta relação, auxiliando os professores no desenvolvimento de atividades que estivessem em consonância com o projeto político pedagógico (PPP) ou projeto político de curso (PPC) dos cursos ofertados.

Sendo assim, com o correr da vida esta pesquisadora foi se certificando de que a relação de trabalho entre ela e os docentes da Unidade de Curvelo, limitada ao atendimento a empréstimos e devoluções de livros, a busca por informações sobre determinada obra e sua existência no acervo, a indicação de obras para compra, ou seja, nada tinha mesmo de pedagógico propriamente dito e precisava evoluir. Ela entendeu que essa situação demandava de docentes e bibliotecária que buscassem um aprofundamento maior nestas relações, no sentido de que, ações conjuntas de

caráter pedagógico, passassem a ser também promovidas entre eles e que para tal, não seria necessário que se aguardassem mudanças nos PPP´s e/ou PPC´s para só então começar a efetivar essas ações.

Esta pesquisadora afirma que nem mesmo a pesquisa escolar, indicada aos discentes pelos docentes, acontecia a partir do entendimento e planejamento entre eles e ela. O discente na maioria das vezes não procurava auxílio da bibliotecária para efetuar esta tarefa. E o docente não orientava esse discente a procurar por tal suporte. Não se percebia até então, da parte dos docentes, a compreensão necessária de que este planejamento pudesse ou devesse acontecer e da parte da bibliotecária, de como ela poderia levar os docentes a considerar essa possibilidade. Muitas vezes, o que se via, era a bibliotecária abordar os discentes para oferecer-lhes suporte em suas buscas ou os discentes, por si mesmos, solicitarem alguma orientação à bibliotecária.

E quando se fala de questões como planejar aulas juntos, participar das reuniões, um no setor do outro, construir o currículo juntos, essa possibilidade poderia até ser cogitada pela bibliotecária, mas ainda não era pelos docentes. Entende-se que as interações administrativas precisam acontecer sim nesta relação, mas não devem ser nunca as únicas práticas a serem fomentadas entre esses indivíduos.

Todavia, aos poucos, esta pesquisadora foi conquistando a atenção dos docentes para essas questões, pois sempre acreditou que a adesão ao trabalho conjunto demandava boas relações interpessoais para que houvesse a possibilidade de um ou mais docentes se abrirem a essa prática. Sabe-se que essa adesão não deve nunca ser imposta, mas que ela pode e deve sim, ser fomentada. Segundo Araújo (2012, p.1) “a colaboração pressupõe um estilo de interação que não pode ocorrer se houver isolamento e coação.”

Posto isto, esta pesquisadora passou a estar mais próxima às equipes que promoviam, por exemplo, mostras de trabalho efetivados pelos discentes, a partir das atividades propostas pelos docentes. Ainda nesta Unidade, ela desenvolveu um trabalho de releitura digital em artes visuais junto aos discentes fazendo uso dos laboratórios de informática. Esta atividade desenvolvida foi fruto de um trabalho de conclusão de curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais da UFMG, no qual esta pesquisadora ingressou em 2010. Ela se dispôs a se envolver também em projetos de artes, apresentações culturais, oficinas e exposições, eventos para recepção de autores e grupos artísticos locais; atividades sobre o meio ambiente e até mesmo eventos esportivos; eventos para comemoração do aniversário de

implantação da Unidade no município. Buscava atuar em conjunto com docentes e discentes dos cursos ofertados na Unidade sempre que se lhe despontava uma possibilidade.

É importante salientar que esta atuação conjunta, embora já estivesse começando a acontecer ainda se dava, em sua maioria, em atividades desenvolvidas sem relação direta com as propostas pedagógicas e conteúdos trabalhados em sala de aula. As interações aconteciam em eventos esporádicos e não eram planejadas em conjunto, ou seja, desde a definição dos temas, objetivos até a implementação das ações, tudo transcorria individualmente. Era cada um no seu canto, planejando o seu tanto. Contudo, mesmo incipientes se comparadas com a colaboração ideal, não se pode afirmar que essas ações não tivessem cunho colaborativo, que não estivessem caracterizadas em algum nível de colaboração, mesmo que muito básico. (MONTIEL-OVERALL, 2005-2013).

Muitas dessas ações eram aquelas nas quais a bibliotecária interagia por iniciativa própria ou quando era convidada a participar em etapas finais de projetos, depois de tudo esquematizado anteriormente pelos docentes. Noutras vezes esta pesquisadora, se antecipava e convidava docentes para formarem com ela uma equipe ou se colocava à disposição deles para participar em suas ações, mesmo que fosse apenas para preparar a decoração temática para os eventos ou dando algum tipo de suporte técnico. Para ela, mesmo sendo assim, o importante é que sempre estivesse ali, de alguma forma, se dispondo a colaborar. E o chamado à colaboração a acompanhava. Ela percebia que essa sua maneira de atuar movia as outras pessoas, atraía a atenção delas e as levava a também querer estar junto, mesmo que de forma mínima, com pouco envolvimento no começo. Para esta pesquisadora, portanto, a colaboração batia insistentemente à sua porta, diuturnamente, pedindo-lhe entrada, “exigindo-lhe livre adesão”, por querer tudo e todos que pudesse alcançar.

4.1.3 Atuação na Unidade de Divinópolis

Estando já na Unidade de Divinópolis, esta pesquisadora trouxe na bagagem esses seus estudos, suas experiências e aspirações e continuou se debruçando sobre o seu questionamento acerca da colaboração. Buscava promover e/ou participar de ações junto aos docentes, como as que aconteciam em Curvelo. É preciso frisar que na unidade de Divinópolis, esta pesquisadora já podia contar com o suporte dos

integrantes de uma equipe de trabalho, embora esta fosse ainda diminuta, composta de mais 1 servidor, além dela e por algum estagiário, com contrato curto.

Muitas das interações inicialmente, em Divinópolis, como em Curvelo, constituíam-se na maioria das vezes, de pedidos de listagens de livros incluídos no acervo para apresentação de sugestões de compras de obras novas; agendamento do espaço da biblioteca para a realização de atividades sem que a equipe do setor precisasse atuar junto aos docentes; pedidos de reservas de livros e outros dessa espécie. Era como se esta pesquisadora tivesse que começar a luta do zero. Contudo, como fez em Curvelo, ela foi trabalhando suas relações com os docentes e discentes com vistas a conquistar-lhes a confiança e atenção para que passassem a olhar para a questão do trabalho colaborativo e viessem a desejar que essa atuação conjunta florescesse na Instituição. Um trabalho de formiguinha, para uma bibliotecária formiguense.

Logo, aos poucos, algumas interações passaram a acontecer, já com uma participação mais significativa da equipe da biblioteca em muitas de suas etapas. Dentre as interações estavam: convites, por docente de língua portuguesa para a promoção de projetos de leitura; convite pela equipe pedagógica para participação nas atividades de acolhimento dos alunos calouros; convite para participação desta pesquisadora como palestrante em evento cultural; convite, feito por professora de língua inglesa, para integrar equipe de treinamento para criação de clubes de leitura, com editoração de guia de orientação sobre direitos autorais na internet no formato *e-book*; convite por docente do curso de produção de moda para ministrar junto a ela, aulas sobre normalização bibliográfica para discentes do 3º ano com elaboração e editoração de guia para normalização de trabalhos acadêmicos no formato *e-book*; promoção, a convite da diretoria de unidade, de atividades em comemoração ao dia do servidor; convite para participação e promoção de atividades culturais e artísticas junto à professora de artes, cuja temática seria a do fomento ao respeito à diversidade e combate ao racismo; convite, por docente de língua portuguesa para participação em comissões para promoção de eventos culturais presencias e mais recentemente *on-line*; convite para colaboração junto à equipe de saúde e pedagogia, em atividades com abordagem sobre o suicídio, o preconceito, o autocuidado, dentre outras.

Com isso, esta pesquisadora foi observando uma certa evolução no nível de atuação conjunta entre ela e os docentes em Divinópolis, se comparado este com o nível do que ocorria na Unidade de Curvelo, pois as interações entre docentes e a

equipe da biblioteca passaram a acontecer em maior volume e já apontavam para melhores entendimentos e entrelaçamentos mais próximos do que seria um trabalho colaborativo de nível um pouco mais avançado. Neste contexto, já era considerado importante pensar em possibilidades de realização de atividades em conjunto desde seu projeto e planejamento até sua realização, caminhando-se para além das atividades artísticas e culturais e das abordagens dos temas transversais. As indicações, por docentes, para que os discentes buscassem o suporte da bibliotecária, em pesquisas sobre temas tratados em sala de aula, e sobre questões referentes à normalização de trabalhos acadêmicos e orientações de como pesquisar de forma mais efetiva e ética, trabalhando-se assim a competência informacional dos discentes, começaram a pipocar.

As compreensões e vivências acerca dessa evolução das interações foram se fundamentando nos diálogos que passaram a acontecer, em sua maioria, com os docentes das áreas de formação geral e específicas dos cursos de moda, em especial, e com discentes. Isso não significa que docentes e discentes de outros cursos não viessem a participar destas conversas também, mas eram em menor número. A bibliotecária já não sonhava sozinha com a colaboração. Muitas conversas traziam em seu bojo questionamentos de como se poderia efetivar tal atividade com o apoio da equipe da biblioteca para além da prestação de serviços administrativos do setor.

É claro, que em muitas das falas também se percebia o desconhecimento, a não percepção, a discordância ou a desconsideração da necessidade real da efetivação destas práticas colaborativas na Instituição. Percebia-se o desinteresse de muitos em conhecer melhor esta temática e suas implicações. Alguns dos questionamentos assim se configuravam:

a) O que docentes e discentes de uma Instituição de ensino multinível, já estruturada como o CEFET-MG e com projeto pedagógico, currículo e uma carga horária de trabalho e de estudos extensa e bem definidos, poderiam alcançar a mais em seus processos de ensino e aprendizagem, com a participação dos bibliotecários nas atividades pedagógicas e até mesmo com sua atuação em sala de aula?
b) Essa atuação conjunta pode mesmo favorecer os discentes? E se sim, como isso se daria?
c) Como o CEFET-MG vê o setor biblioteca e os bibliotecários? Qual é a importância que este setor tem para a Instituição?

d) O que estaria faltando aos discentes que o bibliotecário poderia suprir ou dar suporte? O bibliotecário estaria preparado para auxiliar o discente em sua aprendizagem?
e) Os docentes consideram o bibliotecário como educador?
f) O bibliotecário conhece de fato o papel educativo do setor em que trabalha e o seu próprio papel de educador?
g) Os docentes querem a presença dos bibliotecários em atividades que consideram como exclusivamente deles?
h) Os docentes recebem alguma formação para saberem fazer um uso adequado da biblioteca junto aos discentes?
i) O bibliotecário quer mesmo trabalhar em questões pedagógicas junto ao docente e que vão para além das atividades técnicas e administrativas que ele já realiza?
j) Com a revolução tecnológica, precisa-se de bibliotecários, docentes, bibliotecas, salas de aula, enfim de escolas?

A lista de questões era e é interminável. Não seria possível enumerá-las todas aqui, mas as que foram elencadas já dão uma ideia das indagações que permeavam as conversas. As perguntas eram e são desafiadoras! Mas a busca de respostas para elas era e é uma experiência saborosa, mesmo sabendo que não se pode encontrar nenhuma que seja verdade absoluta, pois cada Instituição tem suas especificidades.

Em meio a essas percepções e indagações, esta pesquisadora entendeu que o fomento contínuo das práticas colaborativas poderia trazer sim luz para estas tantas dúvidas, em médio e longo prazo e dirimir o impacto negativo que a ausência ou o baixo nível de colaboração entre docentes e bibliotecários podem gerar. (MONTIEL-OVERALL, 2005-2013).

E toda essa busca foi guiando esta pesquisadora rumo ao ingresso no PROFEPT, programa no qual ela vislumbrou a possibilidade de pesquisar a temática que tanto a instigava para promover a colaboração em seu ambiente de trabalho como sempre desejou.

Já dentro do PROFEPT, revisitando seus estudos anteriores sobre a temática e tomando conhecimento de outros novos, esta pesquisadora compreendeu que precisava conhecer com mais profundidade as concepções do CEFET-MG acerca do papel educativo das bibliotecas e bibliotecários, a partir da leitura aprofundada dos seus documentos institucionais pedagógicos, e as de seus colegas de trabalho.

Precisava conhecer o entendimento deles sobre ela, o seu grau de concordância ou discordância quanto ao seu fomento na Instituição, a sua crença na eficácia ou não da colaboração para o processo de ensino e aprendizagem para poder intervir e propor ações práticas.

Para tal esta pesquisadora debruçou-se inicialmente sobre os PPP´s e/ou PPC´s dos cursos ofertados na Instituição e a partir de leitura cuidadosa percebeu que a biblioteca não estava contemplada pedagogicamente nestes documentos. Essa leitura foi efetivada tanto no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) quanto nos PPP´s e/ou PPC´s dos cursos de Curvelo quanto nos de Divinópolis. Resumidamente se pode pontuar que o que esta pesquisadora encontrou em todos estes documentos foram os ementários que contemplavam as bibliográficas básicas e complementares referentes a cada disciplina e algumas poucas referências às bibliotecas e bibliotecários que não iam para além de identificá-los como recursos físicos e humanos.

Esta pesquisadora começou essa busca pelos PPC´S dos cursos técnicos e de graduação da Unidade de Curvelo. O primeiro documento analisado foi o da Engenharia Civil. A partir dessa leitura, esta pesquisadora já percebeu o entendimento anteriormente apontado. É preciso pontuar que ela efetuou buscas nos documentos pedagógicos de Curvelo, por ter sido esta Unidade o seu campo de pesquisa inicial, mesmo que informal, sobre a colaboração.

No PPC do curso técnico integrado de Eletrotécnica, o termo biblioteca aparece tão somente nas referências bibliográficas assim como no do curso técnico integrado de edificações, sendo os dois ofertados na Unidade de Curvelo. No PPC de Edificações se faz uma referência à necessidade de ampliar o espaço físico do setor. O PPC do curso técnico integrado de Meio Ambiente não foi localizado em nenhum *link* do site da Unidade.

Já no PPC do curso de Engenharia da Computação de Divinópolis, a biblioteca é citada para informar que ela possui computadores e disponibiliza acesso a bases digitais e que nela atuam 2 bibliotecários. No PPC do curso de Engenharia de Mecatrônica, somente se faz menção à existência da biblioteca e no de Design de Moda, a existência da biblioteca nem é informada. Neste PPC, o termo biblioteca só aparece nas referências bibliográficas assim como acontece nos PPC´s dos 3 cursos técnicos integrados ofertados em Divinópolis. E para encerrar essa busca, o PPI, também foi consultado e no mesmo a situação se repete, ou seja, segue-se a mesma

linha dos outros projetos já citados. Este documento não faz nenhuma referência diferenciada à biblioteca e aos bibliotecários daquela que foi anteriormente encontrada nos projetos pedagógicos dos cursos.

Portanto, esta pesquisadora compreendeu que as constatações elencadas anteriormente podiam indicar que considerar a biblioteca e o bibliotecário, no PPI, e nos PPP´s e/ou PPC´s dos cursos, apenas como recursos humanos e físicos parecia apontar para a ausência de um possível entendimento, por parte da Instituição, do papel educativo tanto do referido setor quanto do profissional que nele atua. Poderia estar aqui identificado um dentre os muitos fatores dificultadores para o fomento da cultura colaborativa na Instituição. Aliado a esse, outro fator seria a ausência, nos currículos das formações acadêmicas dos docentes, de disciplinas que contemplem conteúdos específicos referentes à compreensão desse papel educativo. Essa afirmação é facilmente comprovada consultando-se as grades curriculares ofertadas para essas formações. Um terceiro fator seria a composição do quadro de docentes da Instituição, que em sua quase totalidade, é de bacharéis graduados nas Engenharias e essas graduações não trazem em seus currículos, disciplinas que preparam para a docência, quanto menos para lidarem com questões relativas à biblioteca. Esta ausência é sentida na formação dos bibliotecários que também não contempla um preparo para a docência. Nestes currículos, segundo Mata; Casarin (2012) *apud* Casarin *et al* (2013, p. 371) a formação não teria nada de didática sendo apenas generalista quanto à administração de uma biblioteca, considerando muitas vezes apenas suas especificidades técnicas e de gestão. Em sua formação, esta pesquisadora relata não ter recebido preparo no que tange à docência nem ao trabalho pedagógico de um bibliotecário. Em sua fala se lê: ‘aprende-se a administrar muito bem uma biblioteca em uma Instituição de ensino, mas não se prepara os bibliotecários para atuarem como educadores´.

A necessidade desta pesquisadora, portanto, de debruçar-se sobre o PPI, e os PPP´s e/ou PPC´s para investigar a concepção da Instituição acerca desse papel educativo da biblioteca e do bibliotecário, no sentido de lutar por suas inserções no contexto pedagógico daquela, encontrou fundamento em Sala e Militão (2017, p. 2248):

> devem-se empreender esforços para que a biblioteca seja integrada no planejamento da escola, estando no projeto político pedagógico da Instituição educacional, para que sejam desenvolvidas atividades que auxiliem o professor em sua prática pedagógica.

Também em Gonzaga (2017, p. 55), esta pesquisadora fundamentou seus entendimentos a acerca da necessária integração da biblioteca e do bibliotecário nos PPI, PPP´s e/ou PPC´s:

> É preciso reconhecer que a biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo, sendo essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo, no tocante ao aprimoramento da leitura e da escrita, o acesso à informação e o desenvolvimento social, cultural e econômico. A biblioteca é parte fundamental do trabalho pedagógico e das estratégias educacionais escolares. Nessa linha de raciocínio, torna-se necessária uma relação entre a biblioteca escolar e o projeto político-pedagógico. É preciso que a biblioteca integre os projetos e planos da escola, apoie os trabalhos desenvolvidos na sala de aula, e ao mesmo tempo, seja um espaço autônomo onde sejam desenvolvidas atividades que integrem a proposta pedagógica e ofereça novas maneiras de inteirar com os materiais impressos e audiovisuais, experimentar leituras e servir-se desses materiais. Nesse sentido, é mister que a biblioteca escolar esteja envolvida no planejamento da Instituição educacional, devendo, portanto, estar presente no projeto político-pedagógico da escola, de forma que os profissionais possam participar desse projeto e do planejamento pedagógico diário da Instituição e sejam desenvolvidas não só atividades de apoio ao aluno e ao professor, mas também que a biblioteca possa ser um dos espaços que venham instigar o trabalho interdisciplinar e a ampliação do conhecimento para além dos conteúdos escolares.

Contudo, não se pode deixar de pontuar que a Instituição pesquisada recentemente em 2021, promoveu um processo de construção coletiva da versão nova do PPI, convidando a comunidade escolar, como um todo, para interagir, no formato *on-line* e apresentar propostas de melhorias e inovações. Espera-se que esta seja uma ação que vá na direção de se cogitar mudanças neste documento que bem poderiam contemplar práticas que incluiriam, de fato, a biblioteca e os bibliotecários no cenário pedagógico da Instituição. Esta pesquisadora participou deste processo, questionando sobre essa inclusão, interagindo em *lives*.

Aguardam-se em breve, notícias sobre o resultado desta consulta e a disponibilização da nova versão. E assim se poderá saber se houve alguma sinalização em direção ao entendimento desse papel e se alguma ação prática neste sentido já estaria ali definida. Para esta pesquisadora, portanto, o fomento à cultura do trabalho colaborativo na Instituição poderia enfim obter ao menos a atenção inicial necessária para depois vir a se materializar.

E pensando no como aplicar tanto as suas concepções, argumentações e conhecimentos quanto dos colaboradores nessa efetivação, esta pesquisadora idealizou a construção de uma Plataforma *web* de produção coletiva de conteúdos, compartilhamento e interação digital para fomentar a aproximação que deseja entre

docentes e bibliotecários com vistas a favorecer a estes e aos discentes no processo de ensino e aprendizagem. Para tal, esta pesquisadora decidiu-se por desenvolvê-la a partir da coleta e análise das respostas apresentadas pelos colaboradores que participaram da pesquisa, por julgar que a possibilidade de cirar uma Plataforma que oferecesse funcionalidades mais adequadas às demandas e interesses deles seria consideravelmente maior.

Por hora, finaliza-se a apresentação das notas e relatos desta pesquisadora neste subitem para em seguida dar início ao item que trata da análise e discussão dos resultados obtidos na etapa de coleta de dados, junto aos colaboradores, por meio de questionários semiestruturados.

4.2 Apresentação e análises dos dados dos questionários

Neste item estão apresentados os dados, as análises e discussões acerca dos resultados obtidos na etapa de coleta de dados, junto aos colaboradores, por meio de 3 questionários semiestruturados. Reitera-se que estes questionários foram submetidos à aprovação do Comitê de Ética e o documento referente a esta aprovação pode ser visualizado no Anexo A. Os dois primeiros questionários aplicados, sendo um para os docentes e outro para os bibliotecários, tratam da caracterização dos colaboradores, de suas concepções e práticas colaborativas, da identificação do nível de colaboração entre esses pares na Instituição pesquisada e da avaliação da pesquisa. E o terceiro traz os dados referentes à avaliação dos colaboradores quanto à sua experiência de navegação na Plataforma *web* de compartilhamento.

4.2.1 Primeiro questionário

Neste subitem estão apresentados os dados obtidos na primeira sessão do primeiro questionário acerca da caracterização dos colaboradores docentes e bibliotecários. Reitera-se que, algumas das questões foram construídas de maneira diferente para docentes e bibliotecários, pois verificou-se a necessidade de inserir questões que se referissem às características especificas à formação e atuação dos 2 grupos de pesquisados.

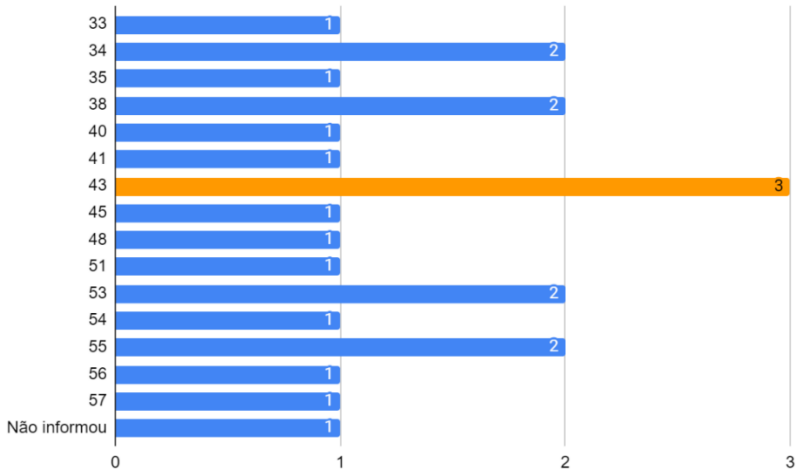
Inicialmente foram elencadas as respostas e análises referentes às 4 primeiras questões nas quais solicitou-se aos colaboradores que informassem: idade, sexo, nível de formação acadêmica e tempo de atuação na Instituição.

Já em relação às 2 questões seguintes, as de número 5 e 6, solicitou-se aos docentes que informassem os níveis de ensino, cursos, séries, períodos nos quais lecionam e na de número 6, as disciplinas e aos bibliotecários, que informassem se exerciam função de chefia naquele momento da pesquisa ou já se haviam exercido esse cargo no setor e se possuíam ou não experiência em docência.

4.2.1.1 Questão 1: idade

Na Questão 1, solicitou-se aos colaboradores que informassem suas idades. No Gráfico 1 podem ser visualizados os dados obtidos:

Gráfico 1 - Idade



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

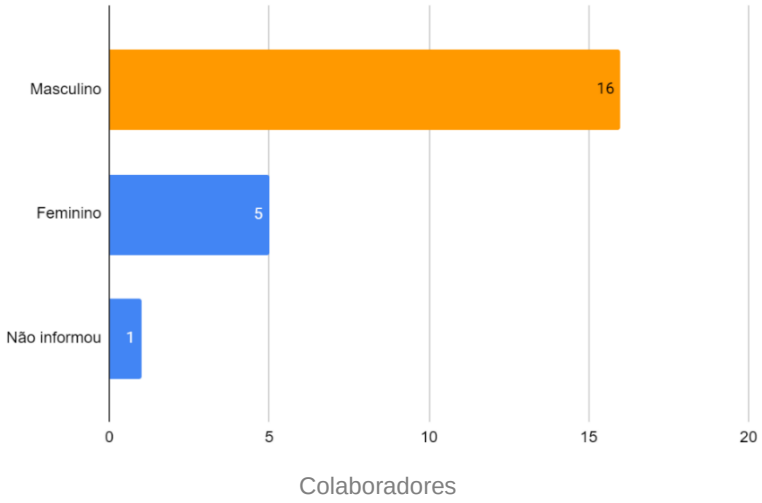
De acordo com os dados informados no Gráfico 1, a idade de 21 dos 22 colaboradores varia entre 33 a 57 anos. Um colaborador não informou esse dado. Percebe-se que é uma faixa etária bastante diferenciada o que pode explicar os apontamentos diferenciados apresentados às questões relativas às concepções, entendimentos e práticas sobre a temática abordada na pesquisa. Entende-se que as experiências pessoais e profissionais dos colaboradores, nas diferentes faixas etárias, podem impactar diretamente nestas percepções, inclusive apontando para o

desconhecimento de muitos ao que seria essencialmente o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários.

4.2.1.2 Questão 2: sexo

Na Questão 2 solicitou-se aos colaboradores que infomassem como se autodeclaravam em relação ao fator sexo. No Gráfico 2 pode-se se ter acesso a esses dados:

Gráfico 2 – Sexo



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

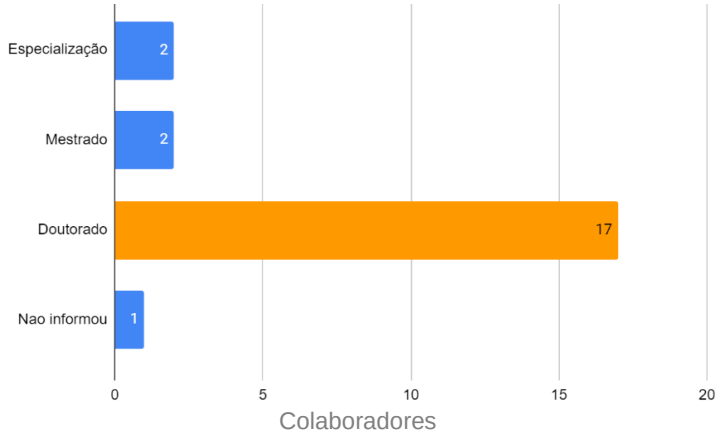
No Gráfico 2 apresentam-se os dados acerca do sexo declarado por 21 dos 22 colaboradores. Dentre eles, 16 declararam ser do sexo masculino e 5, do feminino. Um colaborador não informou esse dado. Observa-se uma maior adesão à participação na pesquisa por parte dos colaboradores autodeclarados masculinos. Entende-se que essa adesão possa refletir o fato de que o corpo docente do CEFET-MG Unidade de Divinópolis seja formado na sua grande maioria por servidores do sexo masculino. E essa ocorrência também é observada na realidade laboral nas demais unidades da Instituição. A Instituição oferta predominantemente cursos ligados às areas exatas e tecnológicas. Para alguns estudiosos como Sardenberg;Costa (2002) *apud* Mansur (2013, p. 5) “nas áreas tecnológicas, percebe-se mais especificamente na engenharia, a supremacia masculina”. Segundo Lombardi (2005) *apud* Bahia, Mansur (2013, p. 5) “essa desigualdade entre os gêneros muitas

vezes tem uma explicação que considera uma adaptação natural dos homens às ciências exatas, enquanto a área de humanas seria mais facilmente assumida pelas mulheres. Para Carvalho; Sobreira (2008) *apud* Bahia, Mansur (2013, p. 5), “esse fenômeno da segregação existe desde as primeiras socializações das meninas que são preteridas na lida com equipamentos técnicos, tendo como consequência uma maior vivência dos meninos com o ferramental tecnológico.” Contudo, mesmo que a presença das mulheres nas áreas tecnológicas seja reduzida, ela vem aumentando, e se tornando cada vez mais expressiva e significativa, não sem estar envolta em lutas para vencer os desafios impostos pelos esteriótipos segregadores. (BAHIA; LAUDARES, 2013, p .8).

4.2.1.3 Questão 3: formação acadêmica superior

Na Questão 3 solicitou-se aos colaboradores que informassem qual seria o seu nível de formação acadêmica superior. No Gráfico 3 visualizam-se esses dados informados:

Gráfico 3 – Formação acadêmica superior



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 3 os dados apresentados informam que dos 22 colaboradores, 17 declararam ser doutores, 2, mestres, 2, especialistas. Um colaborador não informou esse dado. Estas respostas permitem associar o elevado nível de formação acadêmica dos colaboradores aos pré-requisitos para aprovação em etapas dos concursos para ingresso na Instituição pesquisada ou são fruto de processos de qualificação após esta aprovação. Algo interessante a salientar é que embora o nível

de formação acadêmica seja elevado, nas respostas dos colaboradores apresentadas às questões relativas às concepções sobre a colaboração entre docentes e bibliotecários, percebeu-se que a maioria parece, numa primeira análise, não compreendê-la como sendo necessária para além das questões administrativas e de suporte. Sendo assim poderia se depreender que o nível elevado de formação acadêmica dos docentes e bibliotecários parece não pressupor o entendimento ideal do que seria o trabalho colaborativo entre esses pares. A crença de que o docente com tal formação não demandaria nenhuma colaboração por parte do bibliotecário ou que o bibliotecário por não ser docente não estaria apto ou interessado em colaborar pedagogicamente com este docente poderia ser entendida como um dificultador para o aceite de ambos em trabalhar colaborativamente. E uma das muitas compreensões para isto talvez esteja no fato de que estas formações, para docentes não contemplem conteúdos sobre o papel da biblioteca no âmbito das instituições de ensino, que vai para além das questões administrativas e técnicas e nem para os bibliotecários, que não recebem formação pedagógica ou de docência, e com isso também não entendem o papel educativo que têm. Esta afirmação pode ser corroborada em Neves (2000, p. 133-134) *apud* Pereira; Campello (2016, p. 13) que ao pesquisar sobre essa temática identificaram que:

> os currículos dos cursos de formação de professores (nível médio e superior) não incluem disciplina específica sobre a dinâmica e/ou o uso da biblioteca no processo de ensino/aprendizagem. No curso de biblioteconomia a situação se inverte: não há disciplinas voltadas para a Questão pedagógica do uso da biblioteca.

E essa situação se agrava, quando a formação dos docentes se dá em sua maioria nas áreas das engenharias, como é o caso dos que são atuantes na Instituição pesquisada. Como já foi argumentado anteriormente, a formação desses engenheiros não contempla a docência. Aqui pode estar o entendimento por parte das instituições que formam engenheiros que estes já estariam preparados tecnicamente para ensinarem a outros a serem engenheiros e isso bastaria. Estes argumentos encontram fundamento em Loder (2002, p. 69) *apud* Álvares (2006, p. 58):

> Falta de preparo anterior não é privilégio desse professor, na verdade é uma característica comum à grande maioria dos professores da engenharia, especificamente aqueles que são engenheiros de formação. Afinal os cursos de engenharia se dedicam a formar engenheiros para atuar no mercado de trabalho fazendo engenharia. A tarefa de educar novos engenheiros é considerada uma atividade extra. Essa atitude está embasada na concepção

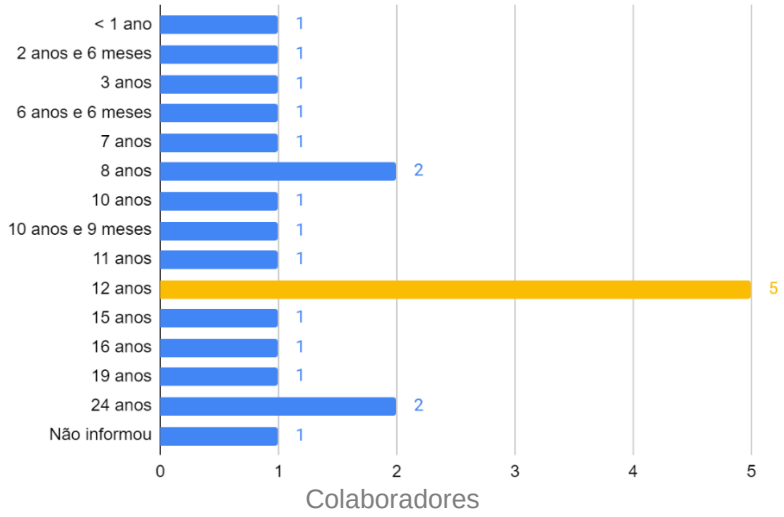
> de que se o engenheiro sabe fazer, sabe ensinar. Em outras palavras, o saber fazer engenharia qualifica o engenheiro para a tarefa de ensinar.

Essa realidade parece ser a encontrada também nos Programas de Mestrados e Doutorados nos quais estes docentes-engenheiros ingressam pois a prioridade da formação recaí sobre a sua atuação como pesquisador e não na formação do educador. (ÁLVARES, 2006, p. 58). Então como esperar que docentes e bibliotecários considerem o papel educativo da biblioteca se muitas vezes estes não consideram nem o próprio, da maneira como deveriam considerar?

4.2.1.4 Questão 4: tempo de atuação na Instituição

Na Questão 4 solicitou-se aos colaboradores que informassem o seu tempo de atuação como docente ou bibliotecário dentro da Instituição. O Gráfico 4 mostra os dados informados:

Gráfico 4 – Tempo de atuação dos colaboradores na Instituição



Fonte: Dados da pesquisa (2021

No Gráfico 4 observa-se que 19 dos 22 colaboradores informaram que têm de 5 meses a 24 anos de atuação. Apenas um colaborador não informou esse dado. Nota-se que os períodos de atuação informados são bastante diversificados mas que a grande maioria dos colaboradores já atua neste contexto a mais de 5 anos e 1 grupo de 5 colaboradores há 12 anos. Portanto, suas vivências, convivências e atuações já estariam de certa forma entrelaçadas. Entende-se que embora os tempos informados

sejam longos, não se poderia afirmar que a colaboração aconteça entre os colaboradores no formato que seria o desejado, a julgar por suas respostas apresentadas às questões referentes às concepções e práticas do trabalho colaborativo. Muitos deles, notadamente lotados na Instituição há bastante tempo, afirmaram entender que se eles indicam obras para compra para o acervo e o bibliotecário adquire esta obra, este nível de colaboração estaria mais do que suficente entre eles, ou seja, se existe o cuidado em relacionar bibliografias das ementas e acervo, isso já atenderia ao que se poderia esperar dessa atuação conjunta. Todavia, segundo o que afirma Paro (2010) *apud* Pereira; Campello (2016, p. 16), esse nível poderia e precisa ser ampliado, pois esses longos tempos de atuação dos colaboradores em um mesmo contexto podem favorecer a formação de equipes permanentes que teriam maior interesse em buscar colaborativamente soluções para os problemas e para as tomadas de decisão e isso favoreceria a todos.

4.2.1.5 Questão 5: nível de ensino, curso, série e período

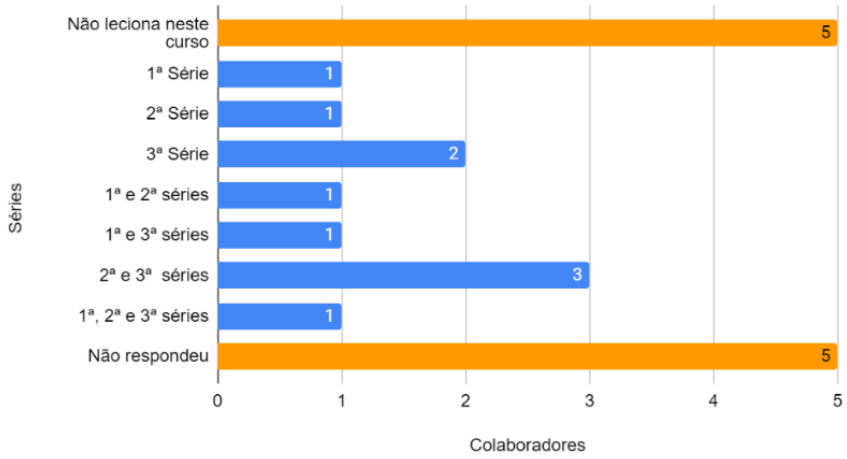
Na Questão 5 solicitou-se aos colaboradores docentes que infomassem em que níveis de ensino, cursos, séries e períodos lecionavam. Esta Questão não se aplicou aos 2 colaboradores bibliotecários pois estes não atuam como docentes na Instituição.

Os níveis de ensino contemplados nas alternativas das questões foram o técnico, graduação e pós-graduação. Os Gráficos também contém dados referentes à atuação desses colaboradores por séries e períodos dos cursos.

Sendo assim, nos Gráficos enumerados de 5 até 12, podem ser visualizados esses dados referentes à atuação dos docentes, inicialmente, nos cursos de nível técnico.

O Gráfico 5 traz os dados do curso Técnico Integrado em Produção de Moda (TPM):

Gráfico 5 – Atuação dos docentes - TPM

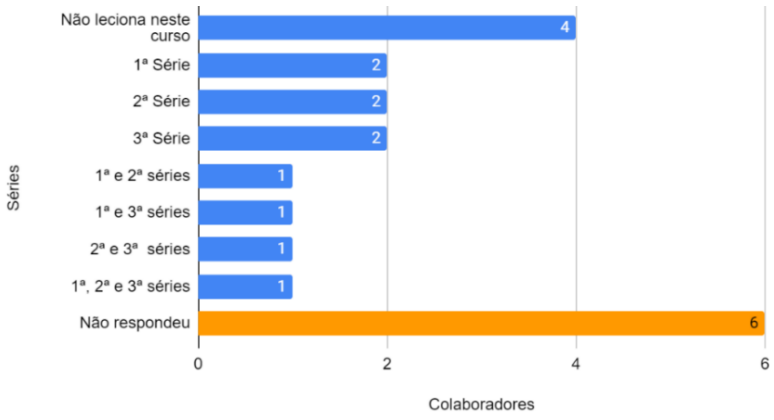


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 5 observa-se que dos 20 colaboradores docentes consultados, 5 afirmaram que não lecionam neste curso, e 5 não responderam à Questão. Pode-se entender que os que não responderam podem ter julgado desnecessário ter que assinalar as caixas de seleção intituladas “Não leciono neste curso”. Estas caixas de seleção foram disponibilizadas no questionário para coletar adequadamente esta resposta. Sendo assim, depreende-se que seriam 10 os docentes que não lecionam no curso de Produção de Moda, quando se somam os dados desses dois tipos de respostas. Em relação ao grupo que leciona 10 colaboradores afirmaram que atuam em uma ou mais séries do curso.

Já no Gráfico 6 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação no curso Técnico Integrado em Informática (TI):

Gráfico 6 – Atuação dos docentes - TI

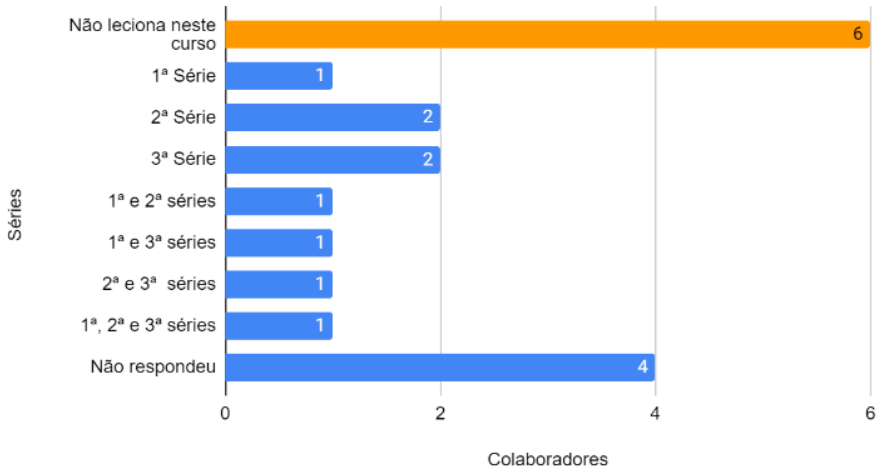


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 6 observa-se que 4 colaboradores docentes consultados afirmaram não lecionar neste curso e 6 não responderam. Como estas respostas podem ser consideradas como a afirmação de não docência no referido curso, totaliza-se em 10 o número de docentes colaboradores que apresentaram resposta negativa à Questão. Em relação ao grupo de colaboradores que afirmaram lecionar no curso estão 10 que ministram aulas em uma ou mais séries.

No Gráfico 7 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação no curso Técnico Integrado em Mecatrônica (TM):

Gráfico 7 – Atuação dos docentes - TM

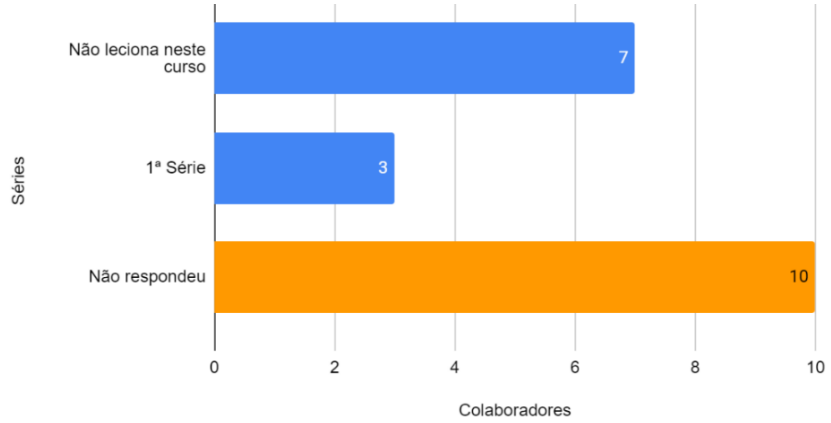


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 7 observa-se que somando as respostas dos 6 colaboradores docentes consultados que afirmaram não lecionar neste curso às dos 4 que não responderam, inferiu-se que seriam 10 os que não lecionam de fato no curso e 10 que informaram lecionar nesse curso em uma ou mais séries.

Já no Gráfico 8 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação no curso Técnico Subsequente/Concomitante em Informática para Internet (TII):

Gráfico 8 – Atuação dos docentes - TII

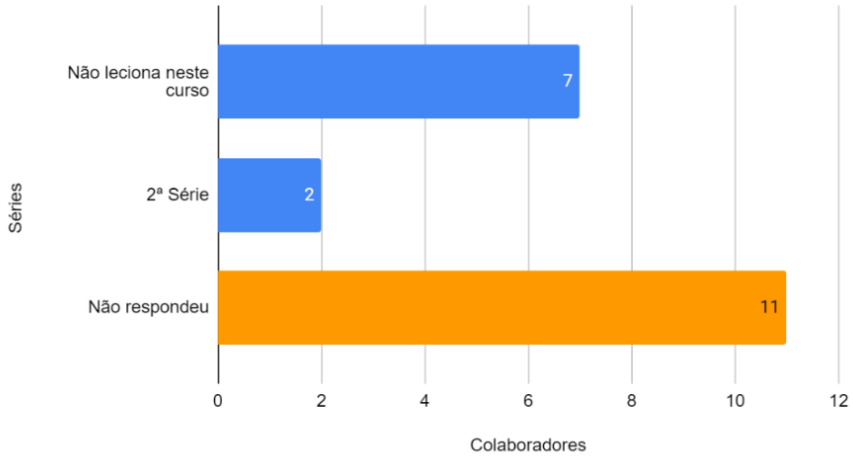


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 8 observa-se que somando-se as respostas dos colaboradores docentes que não lecionam com a dos que não responderam, são 17 os que afirmaram não atuar como docentes neste curso. Os 3 que afirmam lecionar atuam somente na 1ª série do curso.

Já no Gráfico 9 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação no curso Técnico Subsequente/Concomitante em Eletromecânica (TE):

Gráfico 9 – Atuação dos docentes - TE



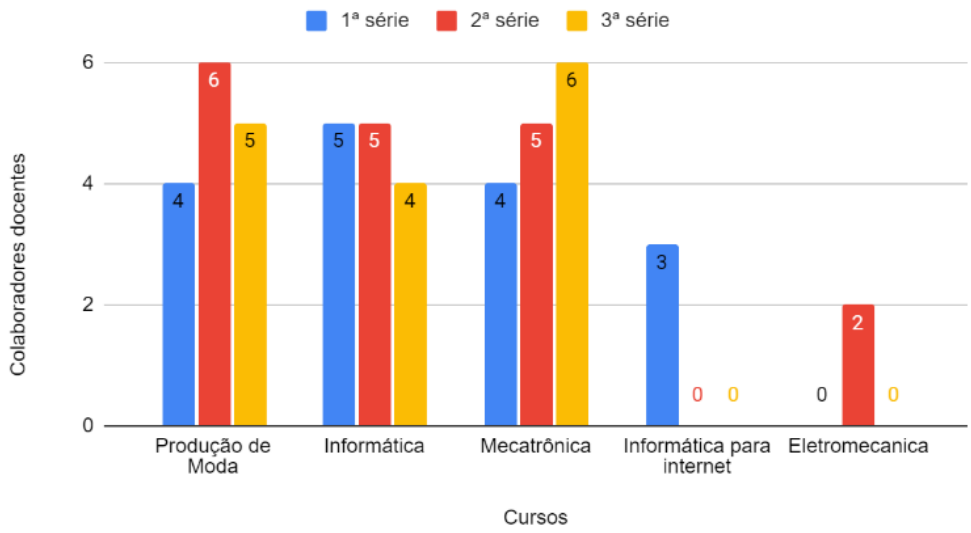
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 9 observa-se que 7 colaboradores docentes afirmaram não lecionar neste curso e 11 não responderam. Com o entendimento inicial de que esses dados

podem ser somados seriam 18 os que não lecionam neste curso. Nota-se também no Gráfico 9 que 2 colaboradores que informaram atuar neste curso, apenas na 2ª série.

Já no Gráfico 10 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação em cada série, por curso:

Gráfico 10 – Atuação dos docentes por série/curso



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

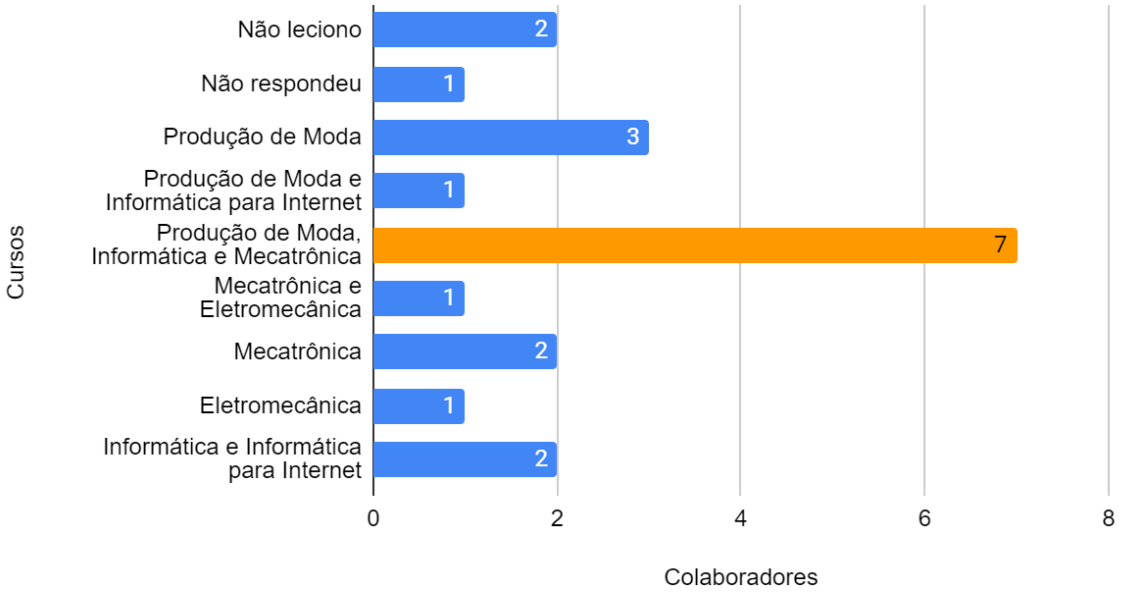
No Gráfico 10, observa-se que a atuação dos colaboradores docentes, em sala de aula, se dá em sua grande maioria nas 3 séries dos cursos integrados e em 1 única série nos 2 cursos concomitantes/subsequentes. Salienta-se que estes cursos têm duração prevista de 2 anos, portanto não contemplam a 3ª série.

Outro entendimento é que a atuação dos docentes se dá também em sua maioria nos turnos matutino e vespertino, nos quais as aulas dos cursos integrados são ministradas.

As aulas dos cursos subsequentes/concomitantes acontecem somente no turno noturno. Percebe-se também que o maior número de docentes participando como colaboradores nesta pesquisa são oriundos dos cursos técnicos em produção de moda e mecatrônica.

Já no Gráfico 11 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação em um ou mais cursos:

Gráfico 11 – Atuação dos docentes em um ou mais cursos técnicos



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

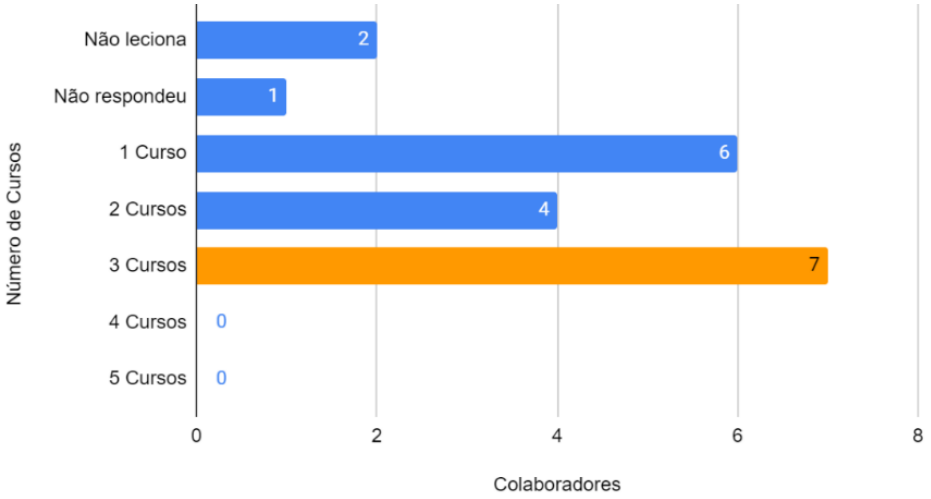
No Gráfico 11 observa-se que 3 dos 20 colaboradores pesquisados não lecionam em nenhum dos cursos do nível técnico de ensino ofertado na Instituição.

Dentre os 17 que lecionam em algum curso, 11 afirmaram lecionar no curso de produção de Moda, 10 no de Mecatrônica e 9 no de Informática, sendo esses cursos integrados. Estas atuações não são exclusivas de um único curso. Elas se mesclam.

Neste Gráfico também se observa a predominância da participação dos colaboradores docentes que atuam nos cursos integrados de mecatrônica e produção de moda.

Já no Gráfico 12 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores docentes em relação à sua atuação por número de cursos:

Gráfico 12 – Atuação dos docentes por nº de cursos técnicos



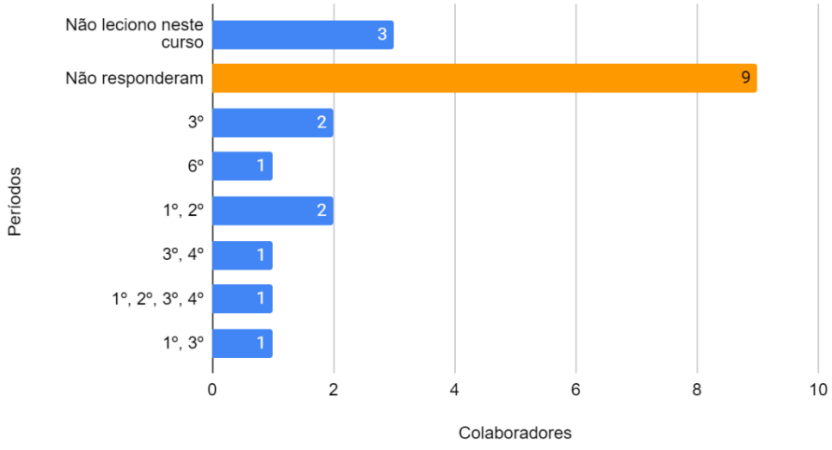
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 12 pode-se observar que dos 20 colaboradores docentes, 6 atuam em um curso, 11 atuam em mais de um curso, mas não há informação de que algum deles atue em todos os 5 cursos técnicos ofertados. E 3 não atuam em nenhum, somando-se as respostas ‘não leciona’ com ‘não respondeu’.

A partir do Gráfico 13 até o 17, têm-se acesso aos dados da atuação dos colaboradores referentes aos 3 cursos de graduação.

No Gráfico 13, portanto estão apresentados os dados desta atuação no curso de Engenharia da Computação (EC):

Gráfico 13 – Atuação dos docentes - EC



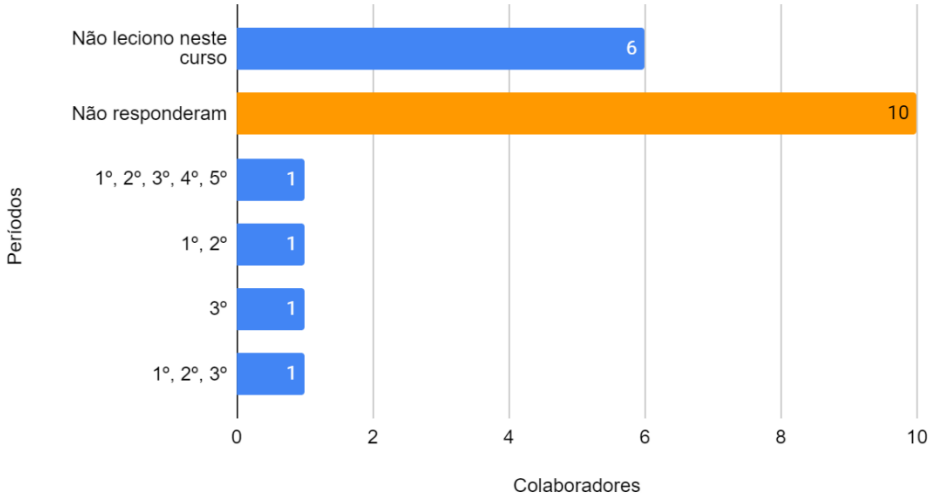
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 13 observa-se que 12 colaboradores docentes informaram não lecionar neste curso, somando-se os dados dos que não lecionam e dos que não responderam à Questão.

Dentre os 8 que lecionam, eles o fazem do 1º ao 4º e 6º períodos. Destaca-se que 1 colaborador leciona em 4 períodos.

Já no Gráfico 14 disponibilizou-se os dados da atuação dos docentes no curso de Design de Moda (DM):

Gráfico 14 – Atuação dos docentes - DM

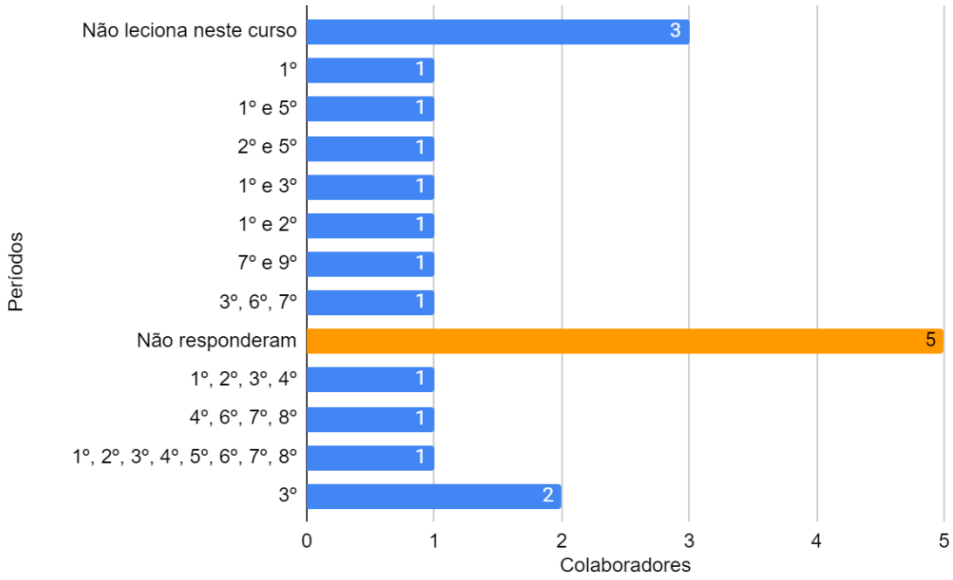


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 14 observa-se que dentre os 20 colaboradores docentes, 16 não lecionam nesse curso, somando-se os dados dos que responderam que não lecionam e dos que não responderam. Já os 4 colaboradores que lecionam, eles o fazem do 1º ao 5º período. Destaca-se que há 1 colaborador leciona nos 5 períodos.

Já no Gráfico 15 aponta-se para os dados da atuação dos docentes no curso de Engenharia Mecatrônica (EM):

Gráfico 15 – Atuação dos docentes - EM



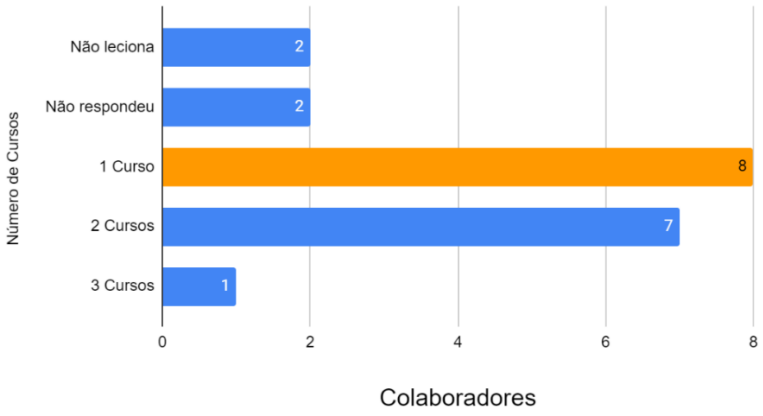
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 15 observa-se que dos 20 colaboradores docentes 8 não lecionam nesse curso, somando-se os dados dos que afirmaram não lecionar e dos que não responderam. Já entre os 12 que lecionam, eles o fazem do 1º até o 9º período. Destaca-se que 1 colaborador leciona em 8 dos 9 períodos.

É pertinente observar também a atuação de todos os colaboradores quanto à quantidade de cursos nos quais atuam no nível de graduação.

No Gráfico 16 podem ser observados esses dados:

Gráfico 16 – Atuação dos docentes por nº de cursos de graduação

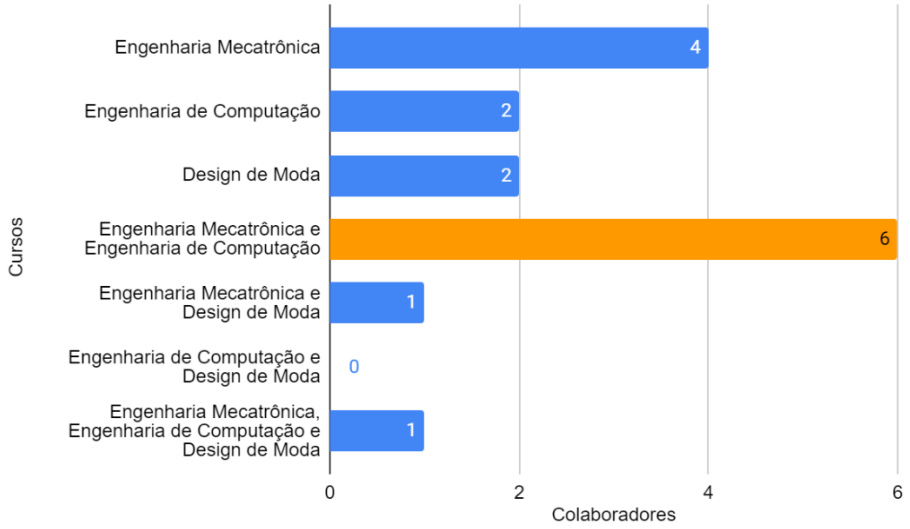


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 16 observa-se que 4 dos colaboradores docentes não lecionam em nenhum dos cursos de graduação, somando-se os que afirmaram não lecionar com os que não responderam. Já dos 16 que lecionam, 8 o fazem em 1 curso, 7 em 2 e 1, em 3 cursos.

Já no Gráfico 17 podem ser visualizados dados que mostram a atuação dos colaboradores por curso de graduação.

Gráfico 17 – Atuação dos docentes por curso de graduação

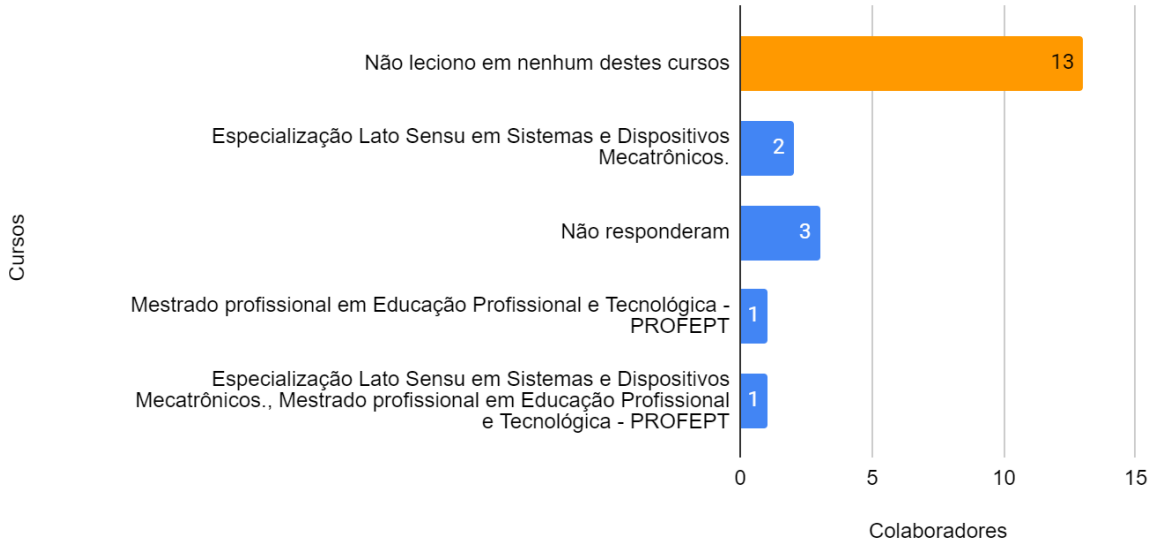


Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 17 observa-se que 12 colaboradores informaram lecionar na Engenharia Mecatrônica, 10, na Engenharia da Computação e 4, no Design de Moda. Pontua-se, portanto, a maior participação dos docentes que atuam na Engenharia Mecatrônica nesta pesquisa, seguidos dos que atuam na Engenharia da Computação.

Terminadas a apresentação dos dados e análise da atuação dos colaboradores no nível de graduação, no Gráfico 18 visualizam-se os dados referentes à atuação destes nos cursos de pós-graduação Stricto Sensu em Educação Profissional e Tecnológica e Lato Sensu de Especialização em Sistemas e Dispositivos Mecatrônicos:

Gráfico 18 – Atuação dos docentes por curso de pós-graduação



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 18 os dados visualizados mostram que dos 20 colaboradores, 13 informaram não lecionar nos referidos cursos e 3 não responderam, portanto, somando-se estes números, seriam 16 os que não lecionam em nenhum dos dois cursos de pós-graduação. Apenas 4 colaboradores informaram que lecionam, sendo que somente 1 deles leciona nos dois cursos.

4.2.1.6 Questão 6: disciplinas lecionadas

Na Questão 6 solicitou-se que os colaboradores docentes informassem em quais disciplinas lecionam. No Quadro 4 a seguir podem ser visualizadas as respostas apresentadas por eles:

Quadro 4 – Listagem de disciplinas informadas pelos colaboradores

Colaborador (a)	Respostas
1.	1-Cálculo III
2.	1-Desenvolvimento de Coleção 2-Marketing e Vitrinismo 3-Computação Gráfica 4-Composição Visual 5-Fotografia 6-Teoria da Cor

	7-Desenho de Moda Digital
3.	1-Psicologia Aplicada às Organizações 2-Introdução à Economia 3-Introdução ao Direito 4-Gestão e Empreendedorismo 5-Empreendedorismo 6-Fundamentos de Informática 7-Gestão da Produção 8-Gestão de Custos
4.	1-Língua Inglesa 2-Inglês Instrumental
5.	1-Língua Inglesa
6.	1-Língua Portuguesa 2-Literatura Brasileira e Cultura 3-Português Instrumental
7.	1-Sistemas Digitais 2-Arquitetura e Organização de computadores
8.	1-Contexto Social e Profissional da Engenharia Mecatrônica 2-Dinâmica 3-Cinemática e Dinâmica das Máquinas 4-Tópicos Especiais em Estruturas e Dinâmica (cinco disciplinas de tópicos, relacionadas às áreas de Dinâmica Estruturas, Manutenção, Gestão e Segurança)
9.	1-Geografia
10.	2-Redes de Computadores
11.	1-Robótica 2-Sistemas Embarcados 3-Controle de Sistemas e Programação
12.	1-Matemática Básica 2-Estatística 3-Cálculo I 4-Cálculo II 5-Álgebra Linear 6-Geometria Analítica e Álgebra Vetorial
13.	1-Matemática
14.	1-Língua Portuguesa 2-Literatura e Cultura (Ensino Técnico) 3-Português Instrumental (Graduação) 4-Práticas Pedagógicas Educativas na EPT (Mestrado)
15.	1-Eletrônica 2-Laboratório de Controle 3-Microcontroladores 4-Instrumentação
16.	1-Automação de Sistemas 2-Laboratório de Eletrônica II 3-Projeto de Sistemas Mecatrônicos 4-Eletrônica analógica e de Potência 5-Laboratório de Eletrônica Analógica e de Potência

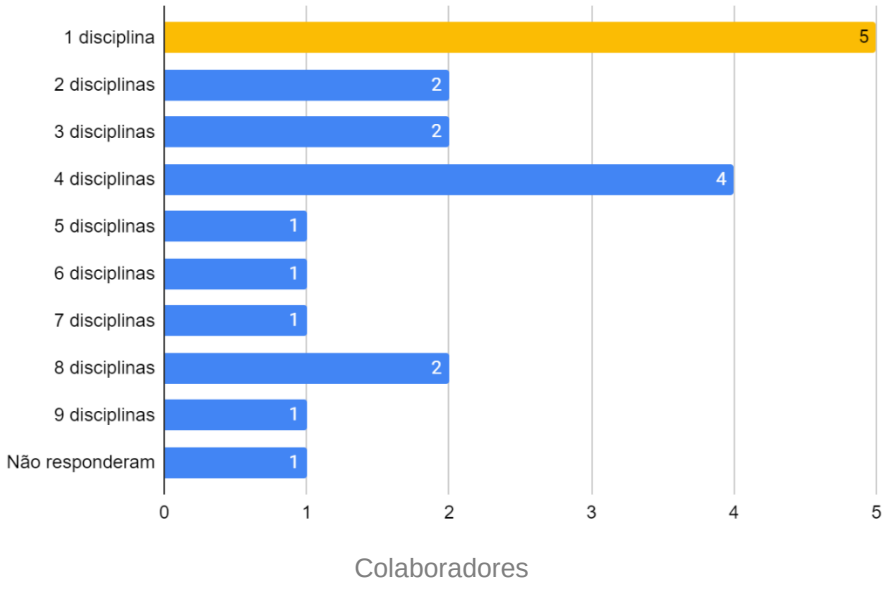
17.	1-Técnico: Tecnologia de Materiais aplicados à Moda 2-Projeto Prático de Moda 3-Superior: Tecnologia de Materiais Têxteis e 4-Tecnologia dos Beneficiamentos
18.	1-GAAV 2-Métodos Numéricos Computacionais
19.	1-Programação de Computadores I 2-Programação de Computadores II 3-Laboratório de Programação de Computadores I 4-Laboratório de Programação de Computadores II 5-Educação e Tecnologia

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se no Quadro 4 que foram citadas pelos colaboradores tanto disciplinas técnicas específicas de cada curso quanto disciplinas de formação geral. No total seriam 64 disciplinas diferentes. Percebe-se que alguns colaboradores lecionam apenas 1 disciplina, e outros até 9 disciplinas. Portanto é um grupo de colaboradores que atua em áreas e disciplinas bastante diversificadas, as quais estão disponíveis nas grades curriculares de todos os cursos que a Instituição oferta.

Já no Gráfico 19 visualizam-se mais claramente os dados que se referem à atuação dos colaboradores quanto ao número de disciplinas que cada um leciona:

Gráfico 19 - Atuação dos docentes



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

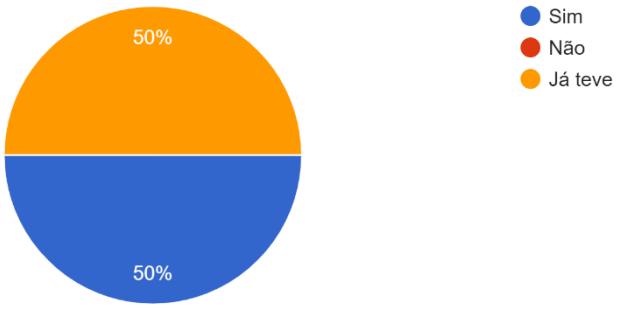
No Gráfico 19 observa-se que 1 colaborador não informou em que disciplinas leciona e 5 informaram que lecionam em uma única disciplina. Contudo, o restante dos colaboradores, que são 14, informaram lecionar entre 2 até 9 disciplinas. Entendeu-se que aqui possa estar justificada a afirmação de alguns colaboradores docentes nas respostas que apresentaram às questões relacionadas com as concepções e práticas da colaboração de que a carga horária excessiva de trabalho poderia ser um fator dificultador do trabalho colaborativo. Destaca-se que 1 colaborador informou lecionar em 9 disciplinas, e 2, em 8.

Finalizada a apresentação dos dados e análises das respostas referentes às 6 primeiras perguntas do questionário aplicado aos colaboradores docentes, aponta-se para as questões 5 e 6 do questionário aplicado aos colaboradores bibliotecários.

4.2.1.7 Questão 5 - bibliotecários: cargo de chefia

Na Questão 5 solicitou-se que os bibliotecários informassem se estariam exercendo o cargo de chefia no momento da pesquisa ou se em algum momento já o fizeram. No Gráfico 20 podem ser vistos esses dados:

Gráfico 20 – Cargo de Chefia



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

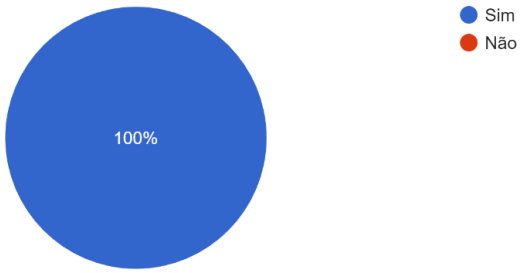
No Gráfico 20 observa-se que 1 colaborador informou ser o chefe da biblioteca no momento da pesquisa e o outro que já exerceu esse cargo anteriormente. Portanto, os dois colaboradores têm experiência em chefiar o setor. Com isso, entende-se que eles tenham conhecimento de gestão da biblioteca e de sua equipe de trabalho bem como de sua relação com os docentes. Essa condição pode favorecer o processo de fomento ao trabalho colaborativo já que eles são conhecedores das potencialidades

para a colaboração que essas relações podem carregar e das condições que o setor apresenta e que poderão favorecer esta interação.

4.2.1.8 Questão 6 - bibliotecários: docência

Já quanto à Questão 6 do questionário apresentado aos colaboradores bibliotecários, solicitou-se a eles que informassem se já haviam atuado profissionalmente como docentes em algum momento. No Gráfico 21 visualizam-se esses dados.

Gráfico 21 – Atuação docente dos bibliotecários



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 21 observa-se que os 2 colaboradores bibliotecários informaram que em algum momento de suas vidas atuaram como docentes. Não foi solicitado a eles que informassem exatamente em que período, nível de ensino ou disciplina lecionaram, nem por quanto tempo, pois neste questionamento o que se fez mais importante foi saber se eles tinham experiência como docentes para averiguar se possuíam algum conhecimento sobre o contexto da sala de aula e as questões pedagógicas que o envolvem. Entende-se que essa atuação de ambos na docência possa contribuir positivamente para o processo de fomento da cultura colaborativa na Instituição.

Concluindo a apresentação e a análise dos dados coletados a partir das respostas apresentadas às 6 questões iniciais, tanto do questionário aplicado aos docentes quanto aos bibliotecários, pode-se afirmar que 22 dos 81 servidores participaram como colaboradores nesta pesquisa, sendo 20 docentes e 2 bibliotecários, que têm em média de 33 a 57 anos, sendo 16 homens e 5 mulheres e 1 colaborador que não informou esse dado. Entre estes colaboradores, 20 são

docentes que atuam nos 3 níveis de ensino e nos 10 cursos ofertados lecionando em 64 disciplinas diferentes. Já os 2 colaboradores bibliotecários têm experiência de chefia da biblioteca e como docentes, embora essa docência não tenha sido exercida na Instituição pesquisada. Estes 22 colaboradores estão trabalhando na Instituição nos períodos que variam de 5 meses a 24 anos.

Logo este é o perfil dos colaboradores participantes nesta pesquisa, identificado a partir da apresentação e análise dos dados coletados através dos questionários aplicados.

4.2.2 Trabalho colaborativo: concepções e práticas

Neste subitem que corresponde à segunda sessão do primeiro questionário aplicado, foram apresentados os dados, análises e discussões referentes às respostas dos colaboradores às 18 questões que tratam das concepções, entendimentos e práticas colaborativas dos docentes e bibliotecários da Instituição pesquisada.

Reitera-se que para análise dos dados neste subitem, buscou-se categorizá-los segundo o que fundamenta Bardin em sua análise de conteúdo. O processo se deu em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. (BARDIN, 2016, p. 63).

Sendo assim, chegou-se ao seguinte conjunto de categorias a partir da interpretação dos dados coletados nos questionários aplicados e nos relatos desta pesquisadora:

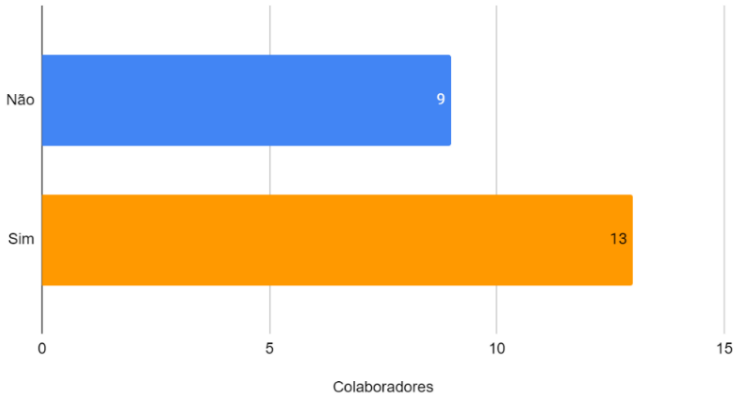
a) concepções e percepções dos colaboradores sobre o trabalho colaborativo;
b) benefícios advindos da atuação colaborativa, na perspectiva dos colaboradores;
c) fatores dificultadores para a efetivação do trabalho colaborativo;
d) fatores facilitadores para a efetivação do trabalho colaborativo;
e) averiguação das práticas colaborativas relatadas;
f) identificação do nível de trabalho colaborativo, na Instituição pesquisada, a partir da Teoria de Montiel-Overall e os parâmetros do seu modelo TLC.

4.2.2.1 Categoria: concepções e percepções dos colaboradores sobre o trabalho colaborativo

4.2.2.1.1 Questões 7 e 8: conhecimento prévio dos colaboradores sobre a temática da colaboração

Na Questão 7 solicitou-se aos colaboradores docentes e bibliotecários que informassem se possuíam algum conhecimento prévio sobre a temática da pesquisa. No Gráfico 22 podem ser visualizadas as respostas apresentadas:

Gráfico 22 – Conhecimento prévio sobre a temática da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 22 observa-se que 13 dos 22 colaboradores informaram que têm conhecimento sobre a temática da pesquisa e 9, que não têm conhecimento. A percepção que estes 13 colaboradores apontaram ter acerca do trabalho colaborativo pode ser visualizada nas respostas apresentadas por eles para a Questão 8, que está atrelada diretamente à Questão 7. Na Questão 8 foi solicitado aos colaboradores, caso tivessem respondido sim à Questão 7, que definissem a partir de suas percepções, o que seria o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários. Para facilitar a identificação das respostas, nos quadros e nas análises e discussões apresentados *a posteriori*, quando o colaborador for docente, será identificado por uma letra D e quando for bibliotecário, por um B. Nos Quadros 5 e 6 podem ser visualizadas estas respostas. Contudo é preciso, antes de acessar estas respostas, ponderar aqui que em relação aos 9 colaboradores que afirmaram não conhecer essa temática, que suas respostas podem estar apontando para a necessidade de se

desenvolver atividades, nas quais sejam possibilitadas a eles, oportunidades de reflexões, discussões e efetivação de práticas, que venham trazer-lhes esclarecimentos e vivências acerca da temática. Acredita-se que uma das formas de sanar muitas das dúvidas em relação ao trabalho colaborativo seria o estabelecimento de um processo de fomento a ele na Instituição. Não se pode afirmar, contudo, que estes colaboradores que afirmaram não conhecer a temática, que não tenham nenhuma percepção sobre ela, pois, essa resposta negativa pode estar mais relacionada com o receio de apontar para algum conceito que possa não ser, segundo eles mesmos, uma resposta adequada para o questionamento. Entende-se que intuitivamente todos os pesquisados tenham uma compreensão do que seja colaborar.

Acessando neste momento então os Quadros 5 e 6 podem ser visualizadas as percepções apontadas pelos colaboradores que afirmaram ter conhecimento da temática aqui abordada. Estas respostas foram agrupadas, fazendo-se os devidos destaques para se apresentar com mais clareza as análises e discussões sobre cada uma delas. Para a Questão 8, portanto, 14 dos 22 colaboradores apresentaram suas percepções e 8, não. As respostas foram reunidas em 2 grupos considerando-se as confluências e divergências que trazem entre si.

No Quadro 5 foram reunidas as falas dos colaboradores do Grupo 1, D1, D4, D5, D10, D11, D12 e B14 que trouxeram os entendimentos, sobre a temática, que parecem mais se aproximar do conceito de colaboração segundo Montiel-Overall (2005, p. 5) *apud* Casarin *et al.* (2013, p. 371) e que é apontado a seguir:

> A colaboração é um relacionamento confiante de trabalho entre dois ou mais participantes iguais envolvidos em um pensamento partilhado, partilhando panejamento e criação de instrução integrada. Através de uma visão compartilhada e objetivos compartilhados, são criadas oportunidade de aprendizagem dos alunos que integram conteúdos e competência em informação por co-planejamento, co-implementação e co-avaliação do progresso dos alunos em todo o processo de ensino, a fim de melhorar a aprendizagem dos alunos em todas as áreas do currículo.

Quadro 5 – Percepções dos colaboradores do Grupo 1 sobre trabalho colaborativo

Colaborador (a)	Resposta
D1	"É de suma importância o trabalho desenvolvido pelos bibliotecários em conjunto com os docentes, pois ajuda a dar um **direcionamento para as disciplinas e para os discentes."**

D4	“Penso que o trabalho colaborativo entre docente e bibliotecário pelo planejamento de atividades que permitam, por exemplo, a **ajuda na seleção de obras mais adequadas a um determinado propósito, na orientação de alunos na biblioteca em trabalhos de pesquisa, no auxílio dado ao professor na indicação de obras** que os alunos mais buscam na biblioteca etc.”
D5	“Seria um auxiliar ao outro a fim de **contribuir para o ensino e a aprendizagem dos alunos.”**
D10	“O trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários é algo central para uma escola que se alinha com as perspectivas contemporâneas da educação formal que compreendem a Instituição como uma comunidade de aprendizagem. Isso quer dizer que o **processo ensino-aprendizagem não se dá apenas dentro da sala de aula e que espaços como a biblioteca, por meio de intervenções educativas bem planejadas, feitas em parceria entre docentes e bibliotecários**, **apresentam considerável potencial para formar leitores de mundo (na perspectiva de Paulo Freire) proficientes.”**
D11	“Além de ser um apoio ao trabalho do professor, penso ser também um trabalho em parceria onde **ambos colaboram para a formação integral dos alunos, ou seja, em seu desenvolvimento e formação pessoal e profissional**.”
D12	“O esforço empregado para a otimização do **uso da biblioteca por parte dos estudantes e a participação dos bibliotecários no contexto de suporte, auxílio e recomendação na utilização de material bibliográfico**.”
B14	“O trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários é **uma prática que acontece quando esses pares se comprometem a desenvolver juntos uma atividade, desde o seu planejamento, a definição dos objetivos e das funções, passando pela partilha dos recursos e dos riscos com vistas ao favorecimento do processo de ensino e da aprendizagem.”**

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Buscando relacionar estas percepções com os entendimentos de Montiel-Overall, citados anteriormente, percebe-se que eles apontam para a compreensão de que o trabalho colaborativo deve ir além das questões relacionadas à administração da biblioteca como a adequação do acervo às bibliografias e a disponibilização do acesso às obras, significando que estas atividades podem e devem ser desenvolvidas de modo colaborativo, mas que as práticas colaborativas contemplam muito mais que ações neste sentido. Em suas falas os colaboradores parecem entender que a atuação laboral colaborativa entre docentes e bibliotecários têm impacto direto no

processo ensino-aprendizagem e consequentemente na formação do discente, portanto, é uma prática considerada por eles, como fundamental para o bom andamento e aprimoramento desse processo. As percepções dos colaboradores trazem os três atores docente, discente e bibliotecário para o centro e dão a eles igual papel, o de protagonistas.

Destacam-se as falas dos colaboradores D10 e B14, por serem as que mais parecem apresentar completude nesse alinhamento com a teoria de Montiel-Overall:

> O trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários é algo central para uma escola que se alinha com as perspectivas contemporâneas da educação formal que compreendem a Instituição como uma comunidade de aprendizagem. Isso quer dizer que o processo ensino-aprendizagem não se dá apenas dentro da sala de aula e que espaços como a biblioteca, por meio de intervenções educativas bem planejadas, feitas em parceria entre docentes e bibliotecários, apresentam considerável potencial para formar leitores de mundo (na perspectiva de Paulo Freire) proficientes. (COLABORADOR D10).

> O trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários é uma prática que acontece quando esses pares se comprometem a desenvolver juntos uma atividade, desde o seu planejamento, a definição dos objetivos e das funções, passando pela partilha dos recursos e dos riscos com vistas ao favorecimento do processo de ensino e da aprendizagem. (COLABORADOR B14).

Já quanto às falas dos colaboradores do Grupo 2, D2, D3, D6, D7, D9 e B13 observa-se que elas apontam para o entendimento de que trabalho colaborativo entre os docentes e os bibliotecários parece estar circunscrito a questões administrativas, como os referentes ao acervo e sua adequação às bibliografias apontadas nas ementas dos projetos políticos pedagógicos dos cursos, através do atendimento à indicação e solicitação de compras de obras. As respostas podem ser visualizadas no Quadro 6:

Quadro 6 - Percepções dos colaboradores do grupo 2 sobre trabalho colaborativo

Colaborador (a)	Resposta
D2	“Creio que se trata do diálogo e colaboração dos docentes e dos bibliotecários em relação as **referências bibliográficas**, que constam nos planos didáticos e de ensino dos professores / disciplinas. Isto é, no dia a dia profissional, a importância e a necessidade de acontecer um diálogo, colaboração e **verificação em relação as existências ou demandas de livros, revistas, materiais disponíveis no ambiente da biblioteca (física ou virtual).”**

D3	“Por um lado, o apoio dos bibliotecários ao professor no que diz respeito ao **acervo adequado ao que busca e por outro lado a participação do docente na construção do acervo adequado às suas disciplinas**. Ou seja, uma colaboração mútua.”
D6	“É aquele em que o bibliotecário contribui com o seu conhecimento para a **orientação do docente quanto ao material mais adequado na Instituição** para a prática desse professor em sala de aula.”
D7	“Considero que é a interação entre docentes e bibliotecários para **definir aquisições para o acervo da biblioteca.”**
D9	“Não tenho certeza sobre o assunto. Porém, acredito que seja o desenvolvimento de um trabalho cooperativo a fim de **melhorar a busca para aquisição de novas referências e melhor uso do material já disponível na biblioteca**.”
B13	“O bibliotecário pode colaborar muito no trabalho do docente, **indicando bibliografias e juntamente com o mesmo podem reunir livros do acervo** a serem utilizados na disciplina, projetos de leitura etc.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O entendimento apontado pelo Grupo 2 difere daquele encontrado nas respostas apontadas pelo Grupo 1. Em suas falas percebe-se que esta relação laboral compreendida pelo Grupo 2 parece estar mais relacionada ao suporte que os bibliotecários possam dar aos docentes quanto a questões administrativas e técnicas. O discente não aparece explicitamente citado em nenhuma das respostas como sendo aquele que será também impactado com as práticas colaborativas. É claro que ter o cuidado de se manter um acervo bem estruturado, atualizado e robusto é essencial para o bom êxito do ensino e da aprendizagem, contudo não se deve considerar como sendo esta, a única prática que deva ser empreendida entre os docentes e bibliotecários. Quanto mais diversificado e abrangente for o conjunto de práticas efetivadas entre esses pares melhores resultados podem ser esperados e alcançados por todos os envolvidos nesse processo. Assim entende-se como é complexo definir o que é trabalho colaborativo.

Segundo Araújo (2012, p. 17) não é fácil mesmo conceituar esta prática, já que ela pode ter significados bastante diferentes tanto para os docentes como para os bibliotecários e muitas vezes o que se entende como sendo trabalho colaborativo, na verdade, não é. O tema por sua vastidão é de difícil abordagem e isso pode dificultar a sua compreensão.

De acordo com Montiel-Overall, perceber a colaboração como ela verdadeiramente é, não é tarefa simples, porque ela pode se dar em níveis que vão

da coordenação que é o mais básico até o currículo integrado que é o mais avançado e em suas entrelinhas, há nuances diversas que se cruzam não possibilitando a sua classificação com clareza e precisão absoluta. Um nível sempre se encontrará com outro ou outros. O mais importante é que se trabalhe no sentido de que a colaboração aconteça e seja sempre cultivada.

Para esta pesquisadora o que se observa é que as falas dos colaboradores do Grupo 2 refletem parte da prática que acontece no cotidiano da Instituição pesquisada. Os docentes parecem considerar que este suporte que lhes é dado pelos bibliotecários, quanto a adequação e uso do acervo é o suficiente para o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula e que esta seria para eles, a colaboração possível e desejada. Segundo relato desta pesquisadora, na Instituição pesquisada, os docentes enviam suas sugestões de compra de materiais e os bibliotecários se encarregam de conferir o preenchimento desta listagem e posteriormente a encaminham ao setor de compras. O setor de compras efetiva a aquisição dos materiais solicitados ou não. Não há entre esses pares, no tocante à seleção das bibliografias e solicitação das obras, muitas vezes, trocas de informações a mais. A maioria dos docentes não solicita informações sobre o andamento das compras e os bibliotecários, muitas vezes, não as repassam a eles. A maioria dos docentes não frequenta a biblioteca, ou se vão, não consultam o acervo, apenas solicitam informações sobre a existência de uma obra, portanto, não o conhecem e não se informam sobre sua organização, suas atualizações. Os bibliotecários, por sua vez, promovem treinamentos para usuários, para o uso correto do acervo e da biblioteca, no início dos períodos letivos e poucos são os professores que se interessam em participar. Contudo, a divulgação destes eventos, por parte dos bibliotecários, em muitos casos, é feita de modo incipiente. A troca de informações entre docentes e bibliotecários sobre o uso do acervo pelos discentes também é quase nula. Muitas obras raramente são consultadas pelos discentes, pois estes buscam muitas vezes, apenas por aquelas que os docentes utilizam como suas fontes de consulta para preparo das aulas. O incentivo dos docentes aos discentes para consultas em outras obras é quase inexistente. Há obras, indicadas nas ementas, e que permanecem sem uso na biblioteca até que um dia se tornem obsoletas, sem terem sido ao menos retiradas das prateleiras e folheadas. Neste contexto, o papel de divulgadores do acervo, que também é dos docentes não é exercido. Talvez, seja por

eles não terem o entendimento que devam fazê-lo, acreditando que essa função caberia somente a equipe da biblioteca ou porque entendam que auxiliando na composição de acervo, já estariam colaborando na medida certa.

Com essas narrativas, entende-se que estas concepções apontadas não contemplam com inteireza o que seria trabalho colaborativo, pois as fragilidades das práticas relatadas falam por si. Contudo, também não se pode afirmar que esses entendimentos não tenham sua validade, mesmo que sejam limitados e nem que as práticas apontadas não tenham seus efeitos. Entende-se assim como se faz necessária que a cultura do trabalho colaborativo seja fomentada na Instituição para que as concepções e práticas existentes, mesmo que se configurem como insuficientes sejam revisitadas, repensadas, renovadas e promovidas por todos.

Portanto é importante reforçar, como foi relatado por esta pesquisadora no item 4.1 intitulado ‘Notas de campo da pesquisadora’ que práticas colaborativas acontecem sim na Instituição ainda que de maneira, muitas vezes, sem a devida ciência e consciência do processo, de modo incipiente, estando relacionadas, em muitos casos, apenas com as questões técnicas e administrativas, e em outros, com a abordagem de temas como cultura, arte, leitura, comportamento, trabalhados fora do contexto pedagógico propriamente dito. O que esta pesquisadora acredita como necessária é a categorização deste nível de colaboração, depois de identificado, segundo o que aponta Montiel-Overall (2005-2013) para se buscar promover ações que possam ampliá-lo.

É interessante pontuar também a resposta apresentada pelo colaborador D8, pois embora ele afirme não ter conhecimento científico sobre a temática, reitera que atua colaborativamente. Assim ele se expressou:

Quadro 7 – Resposta do Colaborador D8

Colaborador(a)	Resposta
D8	“Não possuo conhecimento científico, mas sempre atuei de forma colaborativa, com diálogo, cooperação e compreensão.”

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

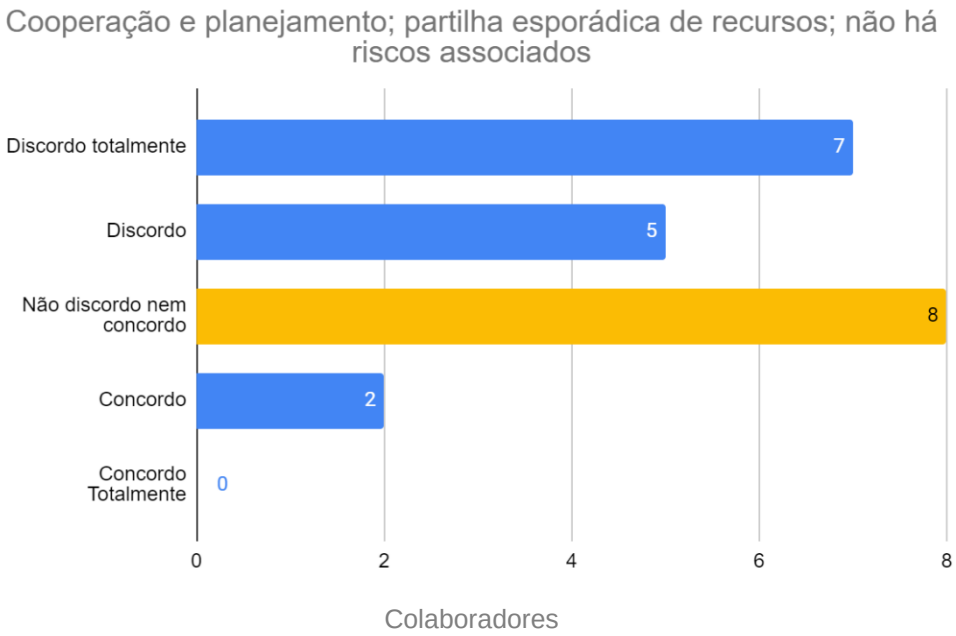
Percebe-se que este colaborador, mesmo afirmando não ter entendimento científico sobre a temática da colaboração, parece entender que a colaboração tem

seus princípios básicos e que estes devem fundamentar as práticas colaborativas. Ele afirma atuar a partir deles.

4.2.2.1.2 Questão 9: grau de concordância dos colaboradores com os pressupostos do trabalho colaborativo

Na Questão 9 solicitou-se aos colaboradores que informassem o seu grau de concordância em relação aos 3 conjuntos de tópicos que trazem possíveis pressupostos do trabalho colaborativo. Para a construção deste questionamento utilizou-se a Escala de Likert, pois esta permite identificar os diferentes níveis de intensidade da opinião dos pesquisados a respeito da temática abordada. Para melhor visualização dos dados e compreensão das análises, as respostas aos conjuntos de tópicos foram tratadas em Gráficos e análises separadamente. No Gráfico 23 estas respostas podem ser visualizadas referentes ao Conjunto de tópicos 1:

Gráfico 23 – Conjuntos de tópicos 1



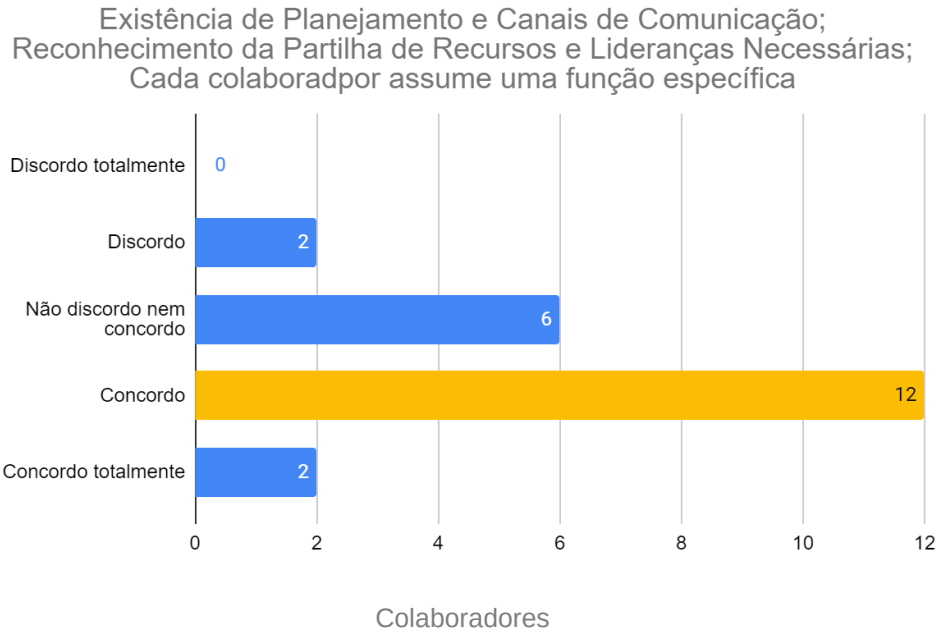
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 23 observa-se que 12 colaboradores discordam que os pressupostos apresentados estariam relacionados ao trabalho colaborativo,

somando-se as 7 respostas ‘discordo’ com as 5 ‘discordo totalmente’ e 8 colaboradores se posicionaram com neutralidade, pois assinalaram a opção ‘não concordo nem discordo’. Sendo assim, as respostas deste 20 colaboradores podem apontar para o entendimento de que a maioria dos colaboradores tenha discordado ou se posicionado com neutralidade por perceberem, ao contrário do que os tópicos apontam, que a prática colaborativa demanda mais que apenas cooperação e que os planejamentos devam ser formalmente estruturados e compartilhados, que não basta apenas reconhecer que é preciso partilhar os recursos e que isso deve acontecer sempre, e que não se pode negar a existência de riscos e que estes devem ser assumidos igualmente por todos. 2 colaboradores apenas concordam que estes tópicos possam se relacionar com a prática colaborativa desejada e ideal.

Já para o Conjunto de tópicos 2, as respostas apontadas pelos colaboradores podem ser visualizadas no Gráfico 24:

Gráfico 24 – Conjunto de tópicos 2



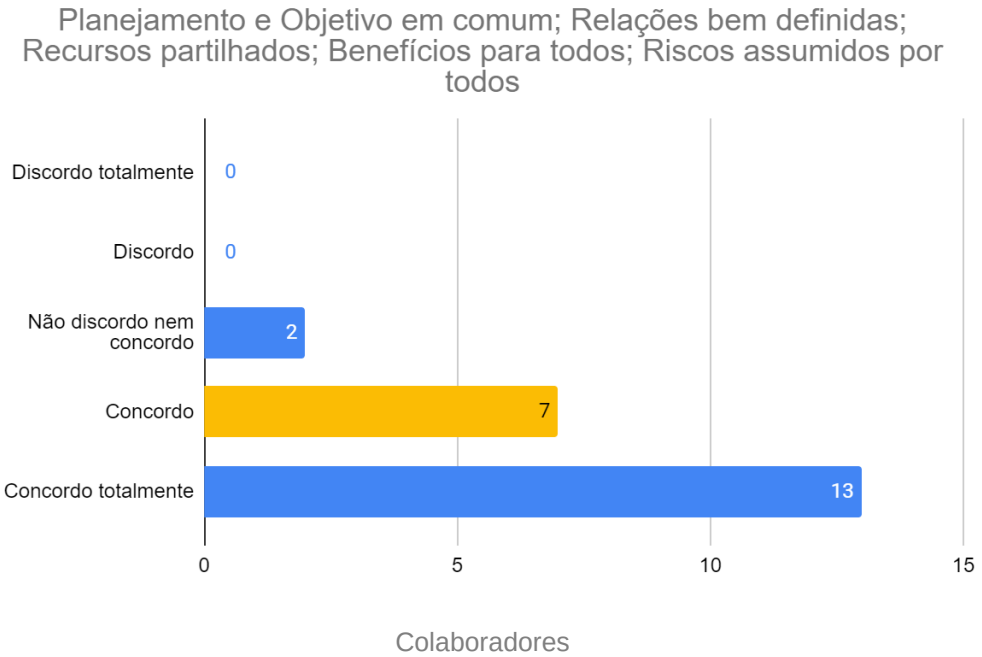
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 24 observa-se que dos 22 colaboradores, 14 concordam que os tópicos apontados no Conjunto 2 seriam pressupostos do trabalho colaborativo, somando-se as respostas dos 12 que ‘concordam’ com os 2 que ‘concordam totalmente’. Percebe-se que essa concordância pode apontar para as suas percepções de que no trabalho colaborativo o docente ou o bibliotecário não devam

assumir funções individualizadas e sim compartilhadas, mas que devem existir sim lideranças e que não se deve apenas reconhecer a importância da partilha de recursos e sim partilhá-los de fato, e por fim, que quanto mais canais de comunicação forem disponibilizados melhor para o bom andamento do processo. Já os 6 colaboradores que disseram ‘’discordar’ parecem ter o entendimento de que estes pressupostos não se referem ao que seria o trabalho colaborativo e os 2 que afirmaram ‘não concordar, nem discordar’ parecem ter se posicionado de forma neutra quanto a esse entendimento, julgando ser esta a resposta mais adequada, segundo seus entendimentos.

Para apresentar as respostas dos colaboradores referentes ao Conjunto de Tópicos 3, utilizou-se o Gráfico 25:

Gráfico 25 – Conjunto de tópicos 3



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 25 observa-se que dos 22 colaboradores, 20 concordam que os tópicos do Conjunto 3 podem ser considerados pressupostos do trabalho colaborativo. Percebe-se que estes colaboradores podem entender que esta prática demanda o compartilhamento de objetivos, planejamento, liderança e a partilha de funções, responsabilidades, recursos, riscos e benefícios que, na percepção deles estariam contemplados nestes tópicos. 2 colaboradores, no entanto, se colocaram como

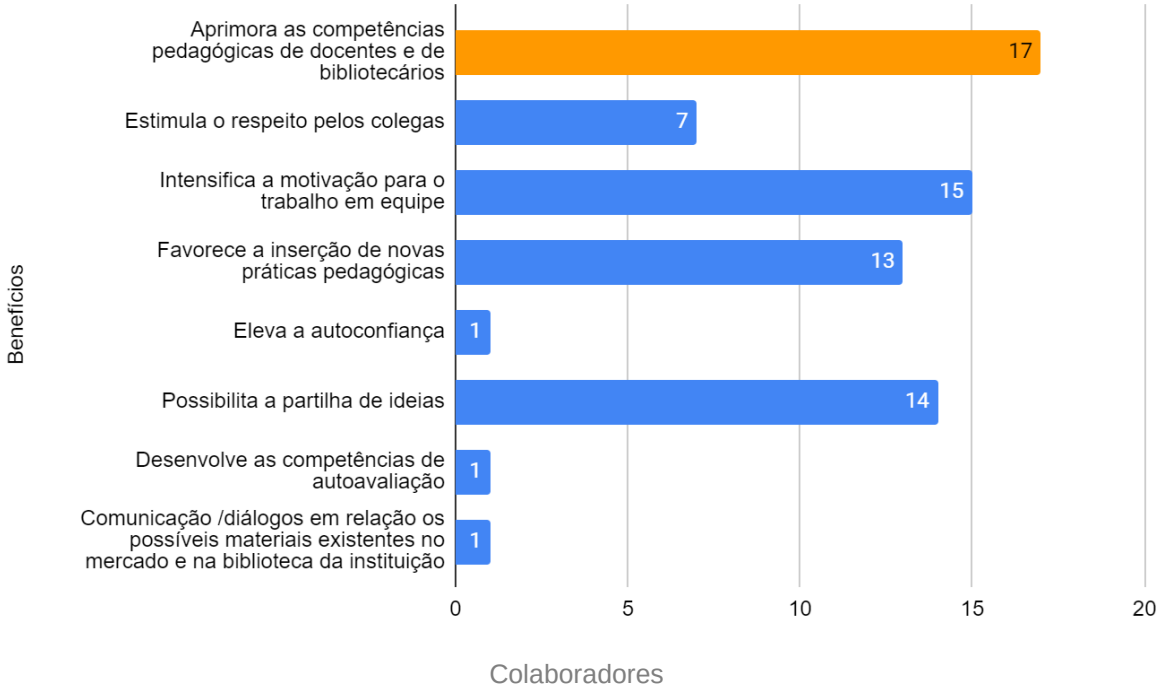
neutros, assinalando a opção ‘não concordo, nem discordo’. Pode-se entender que talvez, eles tenham assinalado esta opção por não acreditarem que as outras opções de respostas estejam em maior consonância com suas percepções.

4.2.2.2 Categoria: benefícios advindos da atuação colaborativa, na perspectiva dos colaboradores

4.2.2.2.1 Questão 10: benefícios do trabalho colaborativo

Na Questão 10 foi solicitado aos colaboradores que eles assinalassem, segundo seu entendimento, os 3 benefícios mais relevantes do trabalho colaborativo apontados nas alternativas encontradas nesta Questão. No Gráfico 26 podem ser visualizadas as respostas apresentadas:

Gráfico 26 – Benefícios do trabalho colaborativo



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

É necessário afirmar que um colaborador sugeriu um tópico na alternativa ‘outro’, o qual seria: ‘Comunicação/diálogos em relação aos possíveis materiais existentes no mercado e na biblioteca da Instituição.’

Observando os dados apresentados no Gráfico 26, pode-se perceber quais foram os 3 benefícios mais assinalados pelos colaboradores. Um quarto benefício também foi listado no Quadro a seguir, pelo expressivo número de vezes que foi assinalado. No Quadro 8, estes benefícios podem ser visualizados:

Quadro 8 – Os 4 benefícios mais apontados pelos colaboradores

Benefícios	Votos dos Colaboradores
Aprimora as competências pedagógicas de docentes e bibliotecários.	17
Intensifica a motivação para o trabalho em equipe.	15
Possibilita a partilha de ideias.	14
Favorece a inserção de novas práticas pedagógicas.	13

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

Analisando-se as escolhas apontadas no Quadro 8, observa-se que os colaboradores, em sua grande maioria conseguem perceber benefícios para si nas práticas colaborativas e isso é um fator fundamental para que eles queiram colaborar. Isso também se confirma no fator relacionado à motivação

4.2.2.3. Categoria: dificultadores para a efetivação do trabalho colaborativo

4.2.2.3.1 Questão 11: fatores que mais dificultam o trabalho colaborativo

Na Questão 11 foi solicitado aos colaboradores que assinalassem dentre os tópicos apresentados os 4, que na percepção deles, apontassem para os fatores que mais dificultariam o trabalho colaborativo. A Questão trouxe 9 tópicos. Além disso, um colaborador sugeriu um décimo tópico na alternativa ‘outro’, o qual seria: ‘Localização. Acredito que a biblioteca deveria estar fisicamente alocada no centro de onde acontecem as aulas, próximas ao maior trânsito possível de alunos e docentes.’ No Gráfico 27 podem ser visualizados os fatores elencados:

Gráfico 27 – Fatores dificultadores do trabalho colaborativo

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A partir da observância do Gráfico 27, podem ser listados os 4 tópicos mais assinalados pelos colaboradores, e um quinto, por ter sido assinalado um número de vezes próximo ao do terceiro e quarto tópicos. No Quadro 9 a seguir, estão destacados os 5 tópicos mais assinalados.

Quadro 9 – Os 5 fatores dificultadores mais apontados pelos colaboradores

Fatores dificultadores	**Votos dos Colaboradores**
Falta de tempo devido à carga horária extensa.	15
Diferentes percepções sobre essa prática.	10
Aumento do volume de atividades de trabalho.	9
Não proximidade entre docentes e bibliotecários.	9
Desconhecimento, por parte do docente e do bibliotecário, sobre o papel um do outro.	8

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

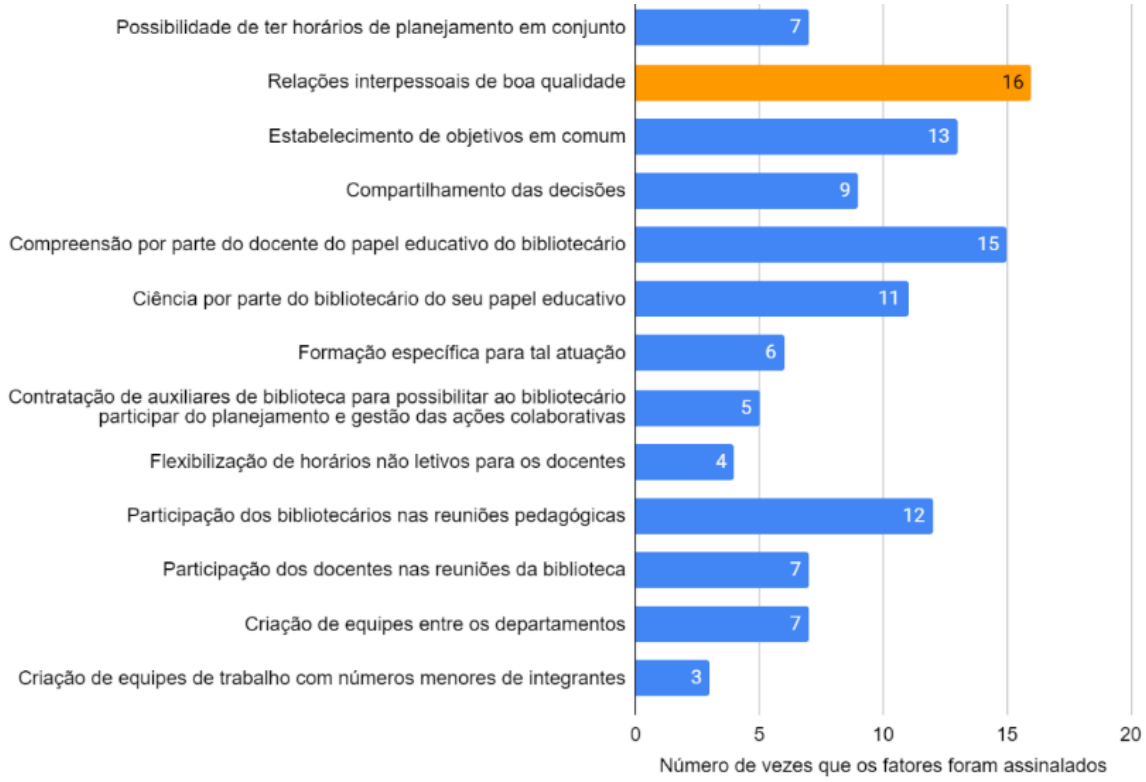
Dentre os fatores dificultadores apontados no Quadro 9, percebe-se que para os colaboradores, o que mais impede a atuação conjunta é a carga horária extensa de trabalho combinada com o volume crescente de atividades a serem realizadas.

4.2.2.4 Categoria: facilitadores para a efetivação do trabalho colaborativo

4.2.2.4.1 Questão 12: fatores mais facilitadores do trabalho colaborativo

Na Questão 12 foi solicitado aos colaboradores que assinalassem dentre os tópicos apresentados os 6, que na percepção deles, apontavam para os fatores mais facilitadores do trabalho colaborativo. No Gráfico 28 podem ser observados os 13 tópicos elencados na Questão 12 como opções a serem assinaladas pelos colaboradores.

Gráfico 28 – Fatores facilitadores do trabalho colaborativo



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando o Gráfico 28, pode-se visualizar os 6 tópicos que os colaboradores apontaram como sendo os fatores que mais facilitam o trabalho colaborativo. Estes tópicos estão destacados no Quadro 10:

Quadro 10 – Os 6 fatores facilitadores mais apontados pelos colaboradores

Fatores facilitadores	Votos dos Colaboradores
Relações interpessoais de boa qualidade.	16

Compreensão por parte do docente do papel educativo do bibliotecário.	15
Estabelecimento de objetivos em comum.	13
Participação dos bibliotecários nas reuniões pedagógicas.	12
Ciência por parte do bibliotecário do seu papel educativo.	11
Compartilhamento das decisões.	9

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se ainda no Gráfico 28 que todos os tópicos elencados receberam indicações dos colaboradores e nenhum com menos de 3. Pode-se entender com isso que para os colaboradores todos esses trazem em si fatores que podem favorecer o trabalho colaborativo. Contudo, é importante ressaltar que muitas vezes as percepções e as práticas não andam juntas. As narrativas desta pesquisadora sobre a realidade do trabalho em conjunto entre os docentes e bibliotecários na Instituição corroboram esta afirmação, pois embora esses fatores facilitadores do trabalho colaborativo tenham sido apontados, na prática muitos deles ainda não são percebidos. Os colaboradores assinalaram alguns itens, que ao menos, em teoria, eles parecem acreditar que sejam facilitadores, pois observa-se que entre esses fatores estariam os que se relacionam com o entendimento que docentes e bibliotecários precisam ter do papel educativo um do outro e do seu próprio papel educativo em relação ao do outro e essa percepção não parece existir ainda na profundidade e abrangência suficientes demandadas pelas boas práticas colaborativas. Entretanto, considera-se como ponto positivo que esta seleção esteja no campo dos desejos dos colaboradores a serem alcançados, pois isso pode favorecer o fomento da cultura colaborativa na Instituição.

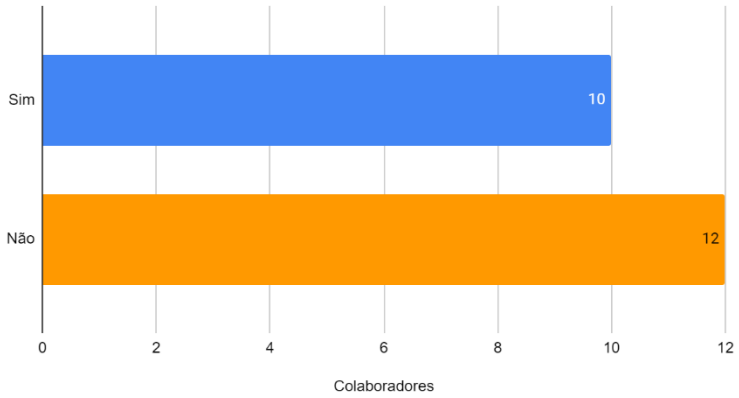
Outro ponto positivo é a escolha do fator ‘relações interpessoais de boa qualidade’ pela maioria dos colaboradores, pois não pode haver colaboração onde não se considera que os bons relacionamentos estejam na base das verdadeiras e significativas experiências de ensino e aprendizagem.

4.2.2.5 Categoria: averiguação das práticas colaborativas promovidas na Instituição

4.2.2.5.1 Questão 13: promoção de práticas colaborativas

Na Questão 13 foi solicitado aos colaboradores que informassem se promovem ou não na Instituição práticas colaborativas. No Gráfico 29 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores:

Gráfico 29 – Promoção de práticas colaborativas - 1



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

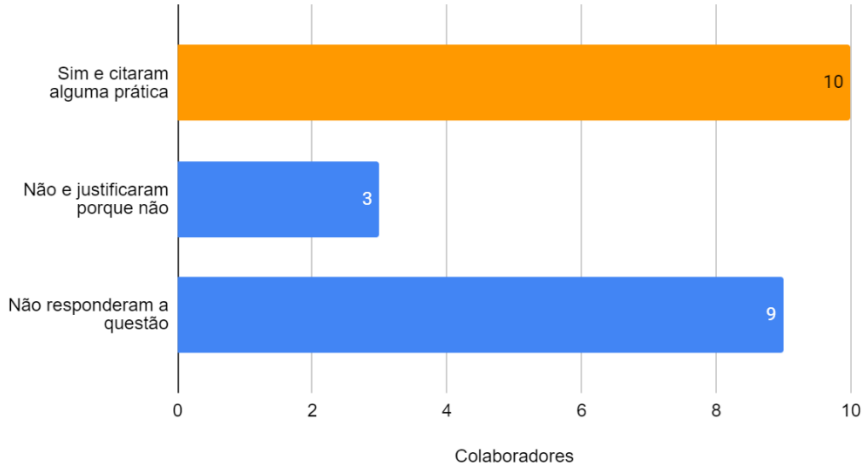
No Gráfico 29 observa-se que dos 22 colaboradores, 12 afirmaram não promover práticas colaborativas e 10 afirmaram que sim. Percebe-se que os números apontam para um equilíbrio entre a promoção e a não promoção de práticas, com uma pequena prevalência para a promoção.

Com isso, entende-se que embora se perceba pelas respostas afirmativas que as práticas colaborativas aconteçam, as respostas negativas podem apontar para a necessidade de se promover mais atividades que venham a fomentar esta cultura.

4.2.2.5.2 Questão 14: práticas colaborativas efetivadas pelos colaboradores

Na Questão 14 foi solicitado aos colaboradores, que se tivessem respondido sim à Questão 13, que citassem quais práticas promoviam e se tivessem respondido não, que justificassem essa resposta. No Gráfico 30 podem ser visualizadas as respostas apontadas:

Gráfico 30 – Promoção de práticas colaborativas - 2



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 30 observa-se que 13 dos 22 colaboradores apresentaram suas respostas para Questão e 9 não responderam. Percebe-se que dentre os 13, 10 citaram alguma prática efetivada e 3 justificaram porque não participam ainda ou não promovem alguma prática. Para melhor visualização, do entendimento das respostas e das análises efetivadas a partir delas, as falas dos 13 colaboradores foram agrupadas de acordo com a confluência dos seus conteúdos e apresentadas em Quadros individualizados.

No Quadro 11 podem ser visualizadas as respostas nas quais os colaboradores D3, D5, D6, D9, D10, D11 e dos B12 e B13 citaram alguma prática promovida, sendo estas tanto relacionadas a questões administrativas quanto a questões pedagógicas:

Quadro 11 – Respostas da Questão 14 – grupo 1

Colaborador (a)	Respostas
D3	“No projeto de extensão Clube do Livro.”
D5	“Troca de informações sobre determinados materiais.”
D6	“Definir compras a serem efetivadas pela biblioteca.”
	“Essas práticas incluem desde reuniões e conversas informais para que eu, como docente, me aproprie do acervo existente na biblioteca, até planejamento/execução de eventos culturais e criação de espaços/oportunidades para dar visibilidade à biblioteca do campus e aos agentes promotores da leitura existentes na Instituição. Nestes termos, ações simples como a inserção do

D9	**contato dos bibliotecários nos materiais de aula e indicações para que os alunos possam procurá-los se sentirem necessidade se somam a atividades como a criação de eventos que envolvam o espaço da biblioteca, a leitura pública de textos pelos bibliotecários e apresentações culturais que possam contar a constante presença dos bibliotecários e seus estagiários são alguns exemplos de colaboração que têm sido efetivadas por nós. Uma das muitas justificativas para adoção desses comportamentos e parcerias é a compreensão de que os bibliotecários devem ser tomados como parceiros na formação de usuários competentes da língua portuguesa (leitura/escrita/comunicação verbal e não verbal), finalidade última das disciplinas que leciono em diversos níveis de ensino."**
D10	"Roda de leitura."
D11	"Alinhamento de disponibilidade de obras para construção de plano de ensino."
B12	"Projeto de incentivo à leitura com os professores de Língua Portuguesa."
B13	"Tanto participo como promovo estas práticas. E elas vão desde as questões que se relacionam com as demandas administrativas quanto as que trabalham conteúdos curriculares e extracurriculares. Muitas já foram finalizadas e outras estão em andamento.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Analisando as respostas apontadas no Quadro 11, observa-se que os colaboradores D5, D6 e D7 citaram práticas apenas administrativas que consideram como colaborativas. Os colaboradores D3, D10 e B12 apontam para práticas colaborativas de incentivo à leitura e os colaboradores D9 e B13, apontam para ações tanto administrativas como pedagógicas. Destaca-se a resposta do colaborador D9 pela completude de seu entendimento sobre a questão das práticas colaborativas, que segundo ele, devem envolver docentes, bibliotecários, estagiários e alunos para que ocorra a colaboração em sua forma ideal. Esta sua afirmação vai de encontro ao que caracteriza os níveis mais avançados de colaboração segundo o modelo TLC de Montiel-Overall os quais seriam instrução integrada e currículo integrado.

Já no Quadro 12, salientam-se as falas dos colaboradores nas quais a bibliotecária foi citada com destaque por eles.

Quadro 12 – Respostas da Questão 14 – grupo 2

Colaborador (a)	Respostas
D1	“Sempre há uma acolhida por parte da bibliotecária, junto aos alunos e aos docentes!”
D2	“Neste caso, como exemplo, pois no CEFET temos a bibliotecária Maria Inês Passos Pereira Bueno, que faz um trabalho diferencial na Instituição, pois ela se aproxima de nós, docentes, apresenta materiais existentes, dialoga sobre demandas, carências e outras questões em relação as referências bibliográficas necessárias dos cursos.”
D7	“Por pura falta de oportunidade e de tempo. Inês é uma pessoa diferenciada. Trabalhar em parceria, com ela, é certeza de sucesso.”

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

É importante reiterar que o destaque dado às falas que contemplam a bibliotecária, se deve ao fato de que elas podem apontar para a compreensão de que estes colaboradores docentes reconheçam que o profissional bibliotecário pode fazer a diferença na promoção de práticas colaborativas e com isso impactar positivamente suas práticas docentes. Vale afirmar também que as respostas indicam que para os colaboradores, o bom relacionamento entre docentes e bibliotecários tem papel fundamental nesse processo, que para ser efetivado com sucesso, demanda acolhimento, proximidade e confiança.

Já no Quadro 13 foram apresentadas as justificativas dos 3 colaboradores que afirmaram não efetivar nenhuma prática colaborativa:

Quadro 13 – Respostas da Questão 14: Justificativas - grupo 2

Colaborador (a)	Respostas
D4	“Até o momento, ainda não tive iniciativa e proposta para uma colaboração mais efetiva.”
D7	“Por pura falta de oportunidade e de tempo. Inês é uma pessoa diferenciada. Trabalhar em parceria, com ela, é certeza de sucesso.”
D8	“Falta de organização para a promoção de espaços que visem o planejamento de tais práticas. Acredito que haja sim esporadicamente e de forma espontânea essas práticas por parte do bibliotecário em relação à comunidade acadêmica.”

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

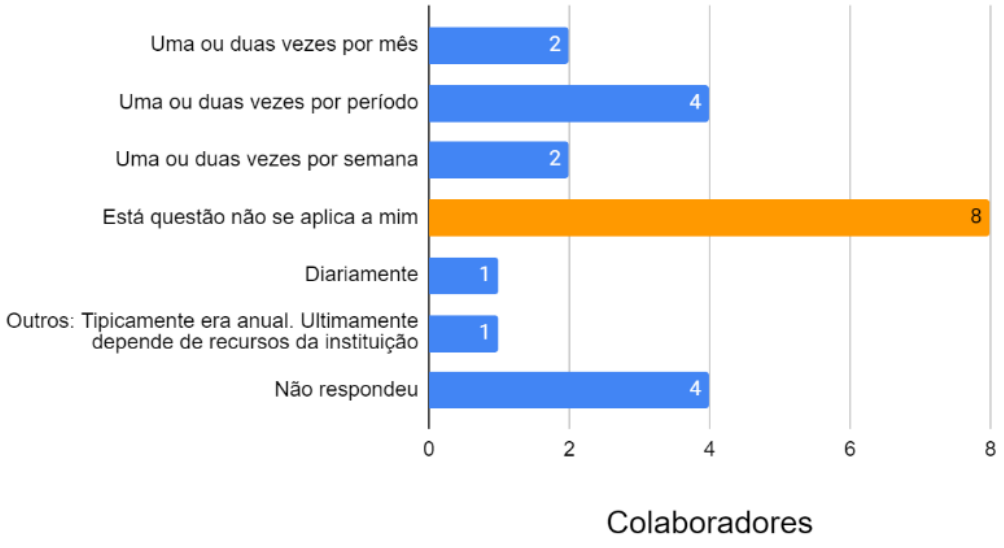
No Quadro 13 observa-se que as justificativas apontadas pelos colaboradores D4 e D7, para a não efetivação de práticas colaborativas estão relacionadas com a falta de iniciativa própria em promover alguma atividade com esse cunho ou por ausência de convites para participar ou ainda por falta de tempo para se engajar em alguma delas. Já na afirmação do colaborador D8, observa-se que ele diz não participar ou promover práticas colaborativas por entender que falta organização e espaço para tal, mas também reitera que percebe que elas acontecem, de vez em quando e que ocorrem espontaneamente e que partem dos bibliotecários.

4.2.2.5.3 Questão 15: frequência de ocorrência das práticas colaborativas

Na Questão 15 foi solicitado aos colaboradores que se tivessem respondido sim à Questão 13 que informassem com que frequência as práticas colaborativas informadas ocorriam. Eles também foram orientados a assinalarem a opção *'Esta Questão não se aplica a mim',* caso tivessem respondido não.

Um colaborador docente inseriu um tópico na alternativa 'outros', o qual seria: *'Tipicamente era anual. Ultimamente depende de recursos da Instituição.'* No Gráfico 31 podem ser observados esses dados:

Gráfico 31 – Frequência da ocorrência das práticas colaborativas



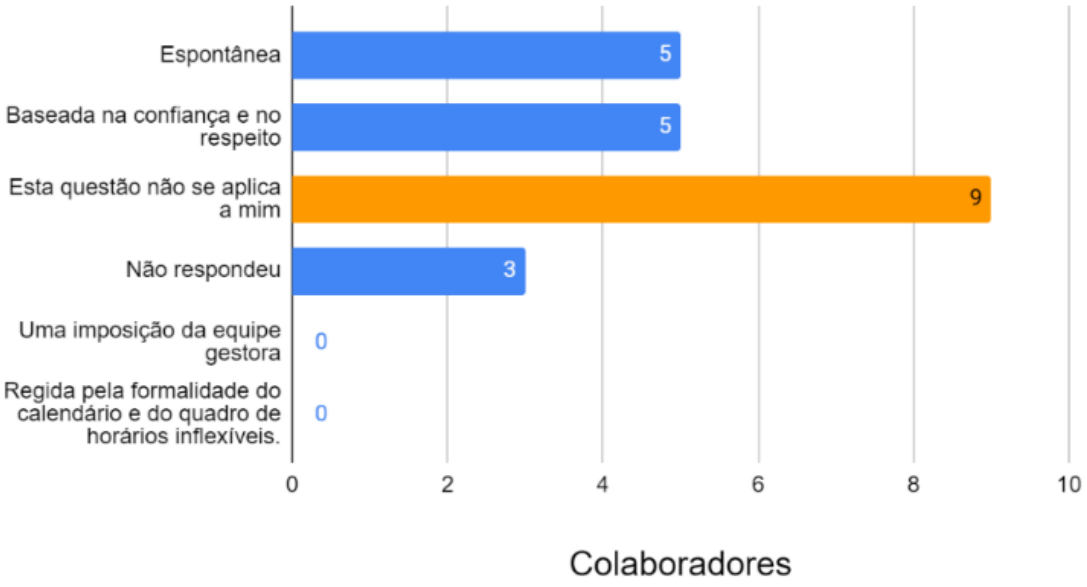
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 31 observa-se que, 8 dos 22 colaboradores afirmaram que a questão da frequência da promoção de práticas colaborativas não se aplica a eles e 4 não responderam, o que pode significar que estes colaboradores não tenham o devido entendimento do que seriam estas práticas, ou não as promovam. E entre os que afirmaram promover, a frequência apontada por 4 colaboradores foi a alternativa *'Uma ou duas vezes por período'*. Este apontamento pode revelar que estes colaboradores podem possuir conhecimento sobre o que é uma prática colaborativa ou desenvolvem práticas que consideram como se fossem colaborativas.

4.2.2.5.4 Questão 16: caracterização do tipo de colaboração

Na Questão 16 foi solicitado aos colaboradores que assinalassem a alternativa, que no entendimento deles, caracterizava o tipo de colaboração quanto à iniciativa para promovê-la. No Gráfico 32 podem ser visualizados os dados informados:

Gráfico 32 – Caracterização da colaboração quanto à iniciativa para promovê-la



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

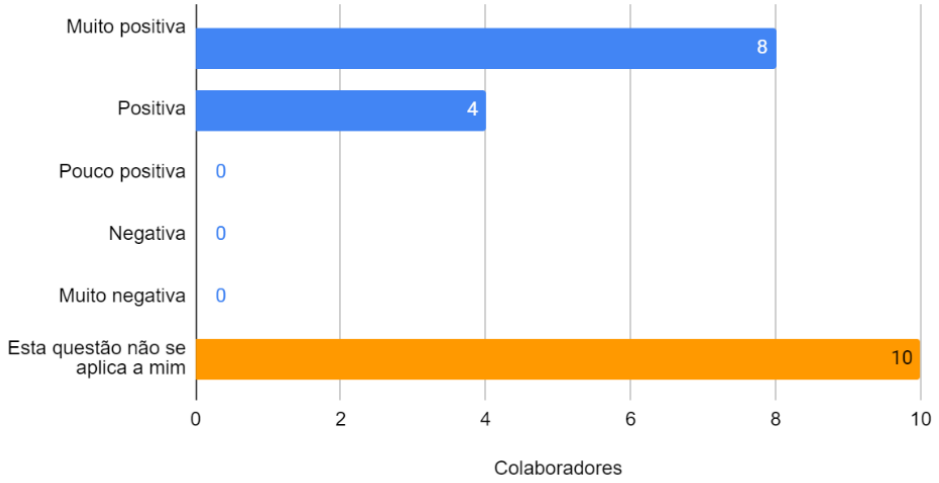
No Gráfico 32 observa-se que 9 dos 22 colaboradores assinalaram a alternativa *'Esta Questão não se aplica a mim'* e 3 não responderam. Nestas respostas pode estar o entendimento de que estes 12 colaboradores não se movimentaram, por iniciativa própria, até este momento, no sentido de promover práticas colaborativas, por não desejarem fazê-lo ou por desconhecerem como se dão estas práticas. Muitas

vezes, por esse desconhecimento, estes colaboradores podem já ter participado de ações colaborativas e não tenham se apercebido disso. Já entre os que responderam à questão, 5 afirmaram que colaboram espontaneamente e 5 que ela acontece porque está baseada na confiança e no respeito. Nenhum colaborador afirmou que a colaboração é imposta pela Direção da Instituição, contudo pelo montante dos 12 colaboradores, que não classificaram a iniciativa para esta promoção, pode-se supor que o fomento da colaboração ainda não está ocorrendo nos níveis ideais para que a cultura colaborativa se estabeleça e perenize. Isso pode demandar ações que possibilite aos colaboradores ter um conhecimento mais aprofundado sobre a colaboração para que possam tomar inciativa de promovê-la. É conhecer para amar; amar para fomentar e favorecer a todos.

4.2.2.5.5 Questão 17: avaliação dos docentes quanto a experiência de colaboração com os bibliotecários

Na Questão 17 foi solicitado aos colaboradores docentes que avaliassem sua experiência de trabalho colaborativo junto aos bibliotecários. No Gráfico 33 podem ser visualizados esses dados:

Gráfico 33 – Autoavaliação dos docentes e bibliotecários quanto ao trabalho colaborativo entre eles



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

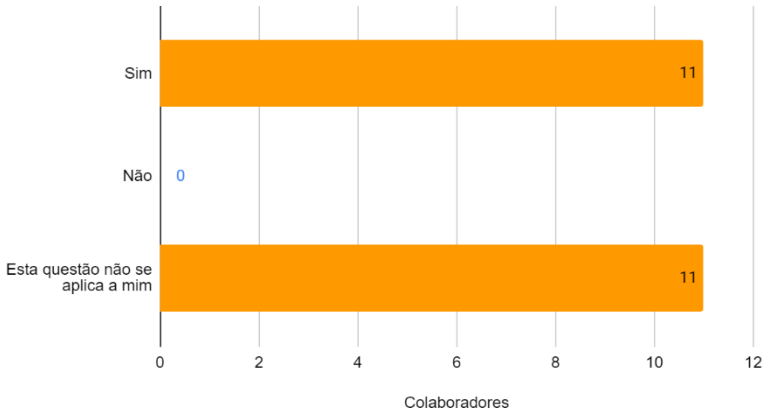
No Gráfico 33 observa-se que 10 dos 22 colaboradores assinalaram a alternativa *´Esta Questão não se aplica a mim´.* Esta resposta pode apontar para o

fato de que estes colaboradores não puderam avaliar suas experiências colaborativas por não as promoverem ou não participarem de ações colaborativas promovidas pelos outros colaboradores. Já entre os 12 que assinalaram as alternativas que avaliam a experiência do trabalho colaborativo como positiva, pode-se entender que estes promovam ou participem de ações deste cunho. Não houve nenhuma avaliação negativa por parte dos colaboradores. Com isso, pode-se perceber que entre os que promovem ou participam de ações colaborativas de que estas são práticas que têm boa aceitação entre os colaboradores, demandando serem promovidas em maior número. No questionário aplicado aos bibliotecários a pergunta trouxe a autoavaliação dos bibliotecários.

4.2.2.5.6 Questão 18: Continuidade da atuação colaborativa

Na Questão 18 foi solicitado aos colaboradores que informassem se pretendiam continuar trabalhando colaborativamente. Dentre os 22 colaboradores, 11 afirmaram que sim e 11 que a Questão não se aplicava a eles. No Gráfico 34 esses dados podem ser visualizados:

Gráfico 34 – Continuidade da atuação colaborativa



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 34 observa-se que 11 dos 22 colaboradores responderam que a questão não se aplica a eles. Pode-se depreender desta resposta que estes colaboradores não pretendam trabalhar colaborativamente porque até o momento não o fizeram ou porque se o fizeram, isso não se deu de maneira satisfatória, o que poderia desestimulá-los a continuar. Já a resposta dos 11 colaboradores que

responderam afirmativamente, pode sugerir que estes promovam ou participem de ações colaborativas nas quais tiveram boas experiências que os motivaram a querer que elas aconteçam com mais frequência e com maior participação de todos.

4.2.2.5.7 Questão 19: Pretensão para participação em ações colaborativas

Na Questão 19 solicitou-se aos colaboradores que ainda não trabalham colaborativamente se eles pretendiam participar de ações que promovessem a cultura colaborativa entre eles. Também foi solicitado que eles justificassem sua resposta, sendo ela sim ou não.

Quadro 14 – Respostas da Questão 19

Colaborador (a)	Respostas
D1	Gostaria de participar mais, porém, com o ERE (Ensino Remoto), tanto os docentes quanto os discentes não estão tendo acesso a biblioteca da Instituição neste momento.
D2	Sim. No entanto, é necessário viabilizar tempo devido a carga de trabalho elevada.
D3	Sim, pois podemos juntos desenvolver projetos ou atividades que contribuirão tanto para o ensino quanto para o trabalho do bibliotecário.
D4	Sim. O que puder contribuir para melhoria das atividades que se relacionam, estou à disposição.
D5	Sim. O bibliotecário é essencial para melhor promoção da aprendizagem pelos alunos e para que o trabalho docente possa se desenvolver com mais qualidade.
D6	Sim, se as demandas forem mais prioritárias do que tantas outras envolvidas no processo de aprendizagem.
D7	Sim, pois acho que pode melhorar o rendimento dos discentes.
D8	Sim. Seria uma parceria interessante que levaria a troca de ideias construtivas.
D9	Sim. Aprendizado e desenvolvimento de novas práticas pedagógicas.
D10	Não se aplica.
D11	Claro.
B12	Se convidado, com certeza.
B13	Eu já trabalho e pretendo continuar a desenvolver projetos que fomentem a cultura colaborativa entre estes pares.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Quadro 14 observa-se que 12 dos 22 colaboradores apresentaram respostas afirmativas. Pode-se perceber pelas respostas que estes colaboradores demonstram acreditar que o trabalho colaborativo pode favorecer a docentes e bibliotecários em suas práticas e consequentemente a todo o processo de ensino e aprendizagem. Apenas 1 colaborador afirmou que esta questão não se aplica a ele. Já os colaboradores que responderam não à questão são 9. É importante observar que estes não apontaram suas justificativas para tal resposta, e talvez isso possa sugerir que eles não tenham conhecimento da temática o suficiente para fazê-lo. Isso também pode indicar que eles, por desconhecerem adequadamente estas práticas, não se dispusessem a participar dessas ações, por vislumbrarem a possibilidade de que estas poderiam demandar-lhes mudanças em sua forma de atuação já consolidada, o que lhes exigiria repensar suas práticas docentes. A desacomodação é no mínimo incômoda.

4.2.2.6 Categoria: identificação do nível do trabalho colaborativo na Instituição pesquisada segundo modelo TLC de Montiel-Overall (2005-2013)

4..2.2.6.1 Questão 20: níveis de colaboração segundo modelo TLC

Na Questão 20 foram apresentadas as descrições dos 4 níveis de colaboração dispostos por Montiel-Overall no modelo TLC para que os colaboradores assinalassem a alternativa, que segundo o seu entendimento, melhor identificasse o nível do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários no CEFET-MG Unidade Divinópolis. No Quadro 15 podem ser visualizados os níveis e a quantificação das respostas dos colaboradores:

Quadro 15 – Niveis de categorização da colaboração entre docentes e bibliotecários segundo o modelo TLC de Montiel-Overall:

Níveis de Categorização	Respostas dos colaboradores
coordenação: docentes e bibliotecários se reúnem, esporadicamente, quando têm interesse em auxiliarem um ao outro para tornar o seu trabalho mais eficiente. Organizam eventos em conjunto, mas, cada um age individualmente. O seu envolvimento é mínimo, sem compromissos e relações formais. Se dá em curto prazo de tempo. O foco recai sobre a eficiência.	5

cooperação: docentes e bibliotecários concordam em trabalhar em conjunto e podem ter objetivos comuns, que exijam acordos formais entre eles. Pode haver compartilhamento de responsabilidades, e maior envolvimento na realização das atividades, contudo o comprometimento, a comunicação e planejamento conjunto não são profundos e nem intensos. Ocorre a predominância da decisão de um sobre a do outro. Não há compartilhamento de autoridade. Cada parceiro fica responsável por uma parte da atividade. A relação é unilateral. O foco recai no produto final.	4
instrução integrada: docentes e bibliotecários planejam, criam e implementam atividades que objetivam trabalhar a aprendizagem dos conteúdos pedagógicos. Eles mantêm seu foco na socialização dos seus conhecimentos e experiências visando proporcionar aprendizagens significativas aos discentes, auxiliando-os no desenvolvimento do seu potencial. Docentes e bibliotecários têm conhecimento do trabalho um do outro e tem objetivos em comum. Eles trabalham lado a lado no planejamento das atividades e na sua avaliação. Contudo isso não ocorre ainda entre todos os docentes e bibliotecários da Instituição. O foco recai nos resultados da aprendizagem.	3
currículo integrado: neste nível ocorre o que foi apontado no nível anterior, o da instrução integrada, contudo já se dá com a integração de todos os conteúdos de ensino, preconizados no currículo, às atividades da biblioteca, contando-se com a participação integral de todos os docentes e bibliotecários da Instituição. Além disso, a gestão da escola, comprometida com esta rede de colaboração, flexibiliza horários, distribui recursos, incentiva a interação cotidiana entre a sala de aula e a biblioteca. Ela reconhece o papel educativo do bibliotecário considerando-o capaz de participar do desenvolvimento e implementação do currículo na Instituição. O ensino não é só compromisso do docente, mas também do bibliotecário. Essas atribuições são de docentes e bibliotecários na mesma medida de responsabilidade. Docentes e bibliotecários não só conhecem melhor o trabalho um do outro, como o reconhecem. Demanda maior tempo e maior energia de todos os envolvidos nas atividades. O foco recai sobre o ensino e a aprendizagem, onde equipe gestora, docentes, bibliotecários e discentes são igualmente favorecidos.	4
Não sei responder	6

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Quadro 15, observa-se que 16 dos 22 colaboradores assinalaram uma das alternativas propostas e 6 afirmaram não saber responder à questão. Percebe-se que as 16 escolhas apontam para um entendimento diferenciado entre os colaboradores acerca dos níveis de colaboração e de sua relação e identificação com a realidade do trabalho colaborativo na Instituição pesquisada. Pelos números obtidos, observa-se que não há um consenso nos entendimentos, o que não impede, mas dificulta a identificação do nível ou níveis de colaboração observáveis na Instituição. Essas escolhas podem sinalizar para percepções não muito objetivas do que seja cada nível, ficando assim visível que elas têm muito da subjetividade de cada colaborador em relação ao que percebem intimamente como sendo o trabalho colaborativo. Pode-se entender a partir destas respostas que existe um desconhecimento científico considerável por parte dos colaboradores a acerca da temática abordada, especificamente das características fundamentais de cada nível, transparecendo assim, que as respostas podem ter muito de senso comum e intuição. Pelas práticas

relatadas por esta pesquisadora e pelos colaboradores corrobora-se este entendimento. É importante que se reitere, contudo, que embora possa ser mínimo o conhecimento científico dos colaboradores sobre a Teoria da Colaboração de Montiel-Overall e o seu modelo TLC, a partir das respostas apontadas pode-se vislumbrar a compreensão configurada na Instituição quanto ao trabalho colaborativo antevendo-se o que pode ser pensado como ação de fomento de práticas colaborativas para serem efetivadas com ênfase na ampliação do nível de colaboração que venha a ser identificado.

Analisar as respostas assinaladas, para identificar acertadamente o nível de colaboração da Instituição pesquisada não é uma tarefa simples, e o fato de 6 colaboradores terem informado que não sabem responder adequadamente à questão, corrobora esse apontamento. Existem muitos fatores a serem considerados para tal, contudo, foi preciso comparar e confrontar toda a narrativa até então contextualizada nesta pesquisa, encontrada tanto nas respostas dadas às questões, quanto nos relatos desta pesquisadora com o referencial teórico que fundamenta este estudo, baseado especificamente no modelo TLC de Montiel-Overall (2005-2013) para se identificar o mais adequadamente possível o nível ou níveis de colaboração percebidos na realidade laboral da Instituição pesquisada.

Logo, a partir de tal entendimento, parece adequado afirmar que a coordenação e cooperação, apontados pelos colaboradores, podem ser os níveis que melhor identificam a colaboração na Instituição, já que parecem ser aqueles que reúnem as características que mais se aproximam do que acontece em termos de trabalho colaborativo em seu âmbito.

De acordo com Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32) estes dois níveis iniciais são os mais observáveis nas instituições de ensino porque as ações demandam menor envolvimento, vindo a acontecer, muitas vezes, espontaneamente, sem planejamento prévio ou em conjunto, podendo evoluir para aquelas com um maior nível de intencionalidade, ou seja, com divisão de tarefas, mesmo que ainda não haja compartilhamento de planos e liderança. São, portanto, níveis de colaboração de alcance fácil, mas não menos importantes, porque eles sinalizam que existe na Instituição um campo fértil para o fomento da cultura da colaboração, e consequentemente para a evolução desta colaboração para os níveis mais avançados, que seriam a instrução integrada e o currículo integrado. Estes dois níveis,

para Montiel-Overall (2005-2013) são mais complexos de serem alcançados porque, ao contrário dos dois anteriores, demandam maior envolvimento, exigindo inclusive a participação de todo o corpo docente, bibliotecários e equipe gestora, planejamento bem estruturado, compartilhamento de recursos e lideranças. No nível currículo integrado todos os conteúdos de ensino estariam atrelados totalmente às atividades da biblioteca, ou seja, nada que este setor faça estaria desconectado do que ocorre dentro da sala de aula ou dos projetos pedagógicos. E a equipe gestora teria total conhecimento de todo o processo, facilitando-o, por exemplo, possibilitando a flexibilização de horários. Este nível de colaboração exige total compromisso e bastante conhecimento e objetividade para se atingi-lo sem contar os requisitos como boa vontade, empatia, relações interpessoais de qualidade, engajamento, dentre outros.

Não se pode negar, que tenham ocorrido em algum momento, práticas colaborativas dentro da Instituição pesquisada que poderiam estar categorizadas, por algumas de suas características, em mais de um nível, e inclusive nos níveis mais avançados, contudo, observa-se que há uma predominância daquelas que se enquadram com mais precisão nos níveis de coordenação e cooperação.

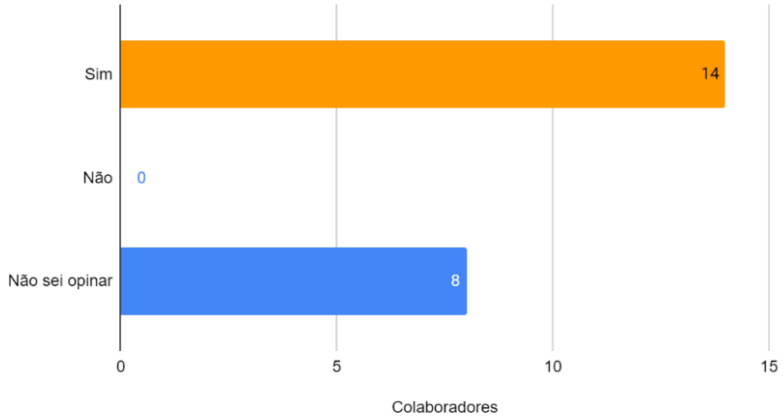
Sendo assim, o cenário do trabalho colaborativo que se descortina na Instituição é o de uma prática espontânea e informal de colaboração, com ocorrência em episódios esporádicos, com temática, muitas vezes, relacionada a temas tratados fora da sala de aula, promovida por inciativas individualizadas e unilaterais, mas já com certo grau de compartilhamento de objetivos, responsabilidades, atribuições e recursos, mas com predominância de liderança de um colaborador sobre o outro. Contudo, essa constatação também aponta para o que as respostas da maioria dos colaboradores também revelam nos questionários de que existe por parte deles um real desejo de que a cultura do fomento ao trabalho colaborativo ganhe força na Instituição.

4.2.2.7 Categoria: implantação da Plataforma *web* de compartilhamento de conteúdos

4.2.2.7.1 Questão 21: uso da Plataforma *web* para fomentar a colaboração

Na Questão 21 foi solicitado aos colaboradores que afirmassem se consideram ou não que a implantação de uma Plataforma *web* de compartilhamento de conteúdo e práticas sobre a temática da pesquisa poderia favorecer o fomento da cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários e consequentemente o ensino e aprendizagem na Instituição. No Gráfico 35 podem ser visualizados esses dados:

Gráfico 35 – Favorecimento do ensino e aprendizagem pelo uso da Plataforma *web* de compartilhamento



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 35 observa-se que 14 dos 22 colaboradores afirmaram que sim e 8 que não saberiam opinar. Entende-se que na percepção dos 14 colaboradores, que consideram que a Plataforma pode favorecer a cultura colaborativa, que eles possam acreditar que o trabalho colaborativo deva acontecer e ser fomentado e que as ferramentas tecnológicas podem auxiliar nestas ações. Já os 8 colaboradores que afirmaram não saberem opinar, podem tê-lo feito por julgarem que seria preciso já ter experimentado o uso de tal ferramenta para fazer tal afirmação. Isto pode ser percebido nas justificativas que muitos deles apresentaram em suas respostas para a Questão 22, que está atrelada à 21. É importante salientar que nenhum dos colaboradores assinalou a alternativa 'Não'. Portanto, pode-se entender que nenhum deles seria convictamente contrário à ideia de que a implantação da Plataforma poderia auxiliar e impactar positivamente no processo de ensino e aprendizagem.

4.2.2.7.2 Questão 22: justificativa para a resposta da Questão 21

Na Questão 22 foi solicitado aos colaboradores que justificassem a opção assinalada na Questão 21, na qual possibilitou-se aos colaboradores que se posicionassem quanto à afirmação de que o uso da Plataforma *web* de compartilhamento possa favorecer o fomento da cultura colaborativa e o ensino e a aprendizagem. Dos 22 colaboradores, 16 apresentaram suas justificativas. As respostas foram agrupadas em quadros individualizados conforme a confluência de seus conteúdos. Elas foram distribuídas em 5 quadros identificados por letras de A até E.

No Quadro 16 observa-se que 4 dos 16 colaboradores que apresentaram sua justificativa, afirmaram não saber opinar por não terem tido ainda contato com a Plataforma ou por não terem conhecimento sobre o assunto:

Quadro 16 – Respostas da Questão 22 – A

Colaborador (a)	Respostas
D2	Desconheço a Plataforma.
D4	Eu não saberia opinar neste momento por não saber muito bem como seria esta Plataforma.
D9	Não sei como a Plataforma será utilizada e se será utilizada.
D10	Não tenho conhecimento e nem prática sobre o assunto para poder dizer sim ou não.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Já no Quadro 17, na justificativa do colaborador D8, pode-se perceber que embora ele afirme não ter conhecimento para opinar sobre a Plataforma, ele acredita que a Plataforma possa ser uma ferramenta de apoio ao fomento de práticas colaborativas.

Quadro 17 – Respostas da Questão 22 – B

Colaborador (a)	Resposta
D8	Não tenho conhecimento sobre como essa Plataforma funcionaria e se ela é/seria eficiente nesse propósito. Mas qualquer iniciativa nesse sentido pode favorecer.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando agora a resposta do colaborador D13, no Quadro 18, a seguir, pode-se depreender que a justificativa para ele não ter opinado é que talvez considere que os interesses e disponibilidades diferenciados dos envolvidos poderiam ser fatores que dificultariam o sucesso dessa implantação.

Quadro 18 – Respostas da Questão 22 – C

Colaborador (a)	Resposta
D13	Diversidade de interesses e disponibilidades dos envolvidos.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Já no Quadro 19 estão apresentadas as respostas dos 8 colaboradores que afirmaram acreditar na efetividade da implantação da Plataforma *web* como ferramenta de fomento à cultura colaborativa e do seu favorecimento ao ensino e a aprendizagem.

Quadro 19 – Respostas da Questão 22 – D

Colaborador (a)	Respostas
D1	É uma maneira de haver um contato mais direto entre docentes e bibliotecários para troca de ideias e experiências.
D3	Traz agilidade ao processo.
D5	Abre a possibilidade de contato mais próximo entre docente e bibliotecário e vice-versa.
D6	Toda iniciativa que promova a integração entre partes, e fomente a cultura colaborativa, no serviço público principalmente, deve ser estimulada.
D7	Se falta espaço para que haja a colaboração no campus, acredito que a ferramenta será importante e dará a liberdade para aqueles que querem realizar o trabalho compartilhado.
D12	A Plataforma poderá ser uma importante ferramenta para a formação de professores e alunos.
D14	É um importante ferramental que viabiliza e formaliza a colaboração.
B15	Nos tempos atuais tecnologia ajudará muito a implementação do projeto.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Quadro 20 observam-se nas falas dos colaboradores D11 e B16, os entendimentos de que a Plataforma pode otimizar a aproximação entre docentes e

bibliotecários e proporcionar a eles contatos que são muitas vezes impossibilitados pela carga horária de trabalho extensa e distanciamento físico em decorrência da localização dos seus setores de atuação em diferentes prédios da Instituição. As falas também apontam que a Plataforma pode sim ser uma ferramenta efetiva desde de que bem divulgada com vistas a dar visibilidade ao papel educativo do bibliotecário e da biblioteca:

Quadro 20 – Respostas da Questão 22 – E

Colaborador (a)	Respostas
D11	Trata-se de uma ferramenta com o potencial para aproximar docentes e bibliotecários que, por dificuldades impostas pelas agendas lotadas e distâncias físicas, não desenvolvem ação em conjunto. Mas é preciso ressaltar a necessidade de um excelente trabalho de divulgação desta ferramenta, para que ela alcance o seu objetivo, rompendo culturas escolares que não veem a biblioteca e o bibliotecário como espaço/agente que podem contribuir para a promoção de aprendizagens significativas por toda a comunidade escolar.
B16	Sim, pois esta ferramenta pode favorecer a estes pares quanto ao trabalho colaborativo possibilitando maior contato e proximidade entre eles. Além disso propicia maior agilidade e otimização dos processos demandados por essa prática, o que favorece a sua efetivação, que muitas vezes é inviabilizada pela extensa carga horária de trabalho de ambos e pelo volume de atividades acadêmicas que precisam ser desenvolvidas e que não permitem a ida regular de docentes à biblioteca ou dos bibliotecários aos prédios escolares. É também uma ferramenta que disponibiliza funcionalidades que vão permitir aos usuários, a produção coletiva e o compartilhamento de conteúdo sobre a temática pesquisada e estes vão ampliar o nível de entendimento e percepção dos docentes e bibliotecários sobre ela. Sendo assim, a cultura colaborativa estaria sendo fomentada com o uso das tecnologias da informação e comunicação.

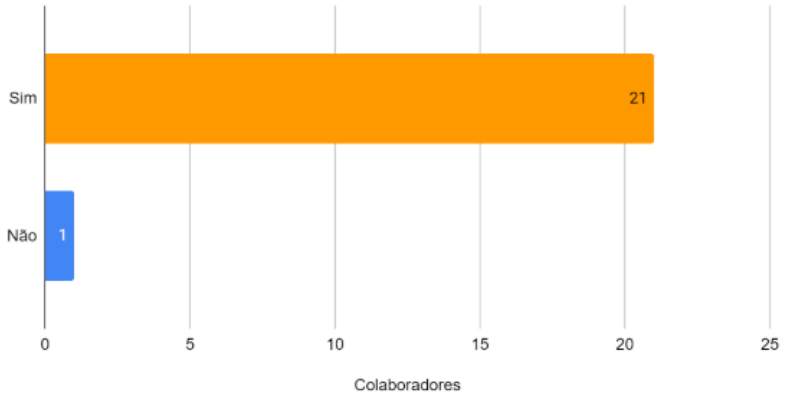
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

4.2.2.8 Categoria: percepções dos colaboradores sobre a pesquisa

4.2.2.8.1 Questão 23: relevância da temática da pesquisa para formação profissional dos colaboradores

Na Questão 23 foi solicitado aos colaboradores que afirmassem se eles consideravam relevante para sua formação profissional e pessoal, adquirir conhecimentos sobre a temática do trabalho colaborativo. No Gráfico 36 podem ser visualizados esses dados:

Gráfico 36 – Relevância do tema da pesquisa para a formação dos colaboradores



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 36 observa-se que dos 22 colaboradores, 21 consideraram como relevantes a aquisição de conhecimentos sobre a temática abordada na pesquisa e apenas 1 colaborador afirmou não considerar esta relevância. Sendo assim percebe-se que a escolha da temática pela pesquisadora pode ser considerada como pertinente e acertada, pois estaria em consonância com os anseios de formação profissional e pessoal dos colaboradores e este entendimento poderia sinalizar para a possibilidade de sucesso de uso da Plataforma *web* como ferramenta de fomento da cultura de colaboração na Instituição.

4.2.2.8.2 Questão 24: sugestões, elogios, críticas ou observações

Na Questão 24 foi solicitado aos colaboradores que apontassem sugestões, críticas, elogios ou observações acerca da pesquisa, considerando sua temática e seu desenvolvimento. As respostas foram agrupadas em quadros individualizados considerando-se as confluências de seus conteúdos. Dos 22 colaboradores, 15 apresentaram suas respostas e 7 não responderam à Questão.

No Quadro 21 – grupo 1 podem ser visualizadas as respostas de 3 colaboradores, os quais seriam, o D1, D8 e D10 que pontuaram não ter o desejo de apresentar nenhum comentário extra a respeito da pesquisa:

Quadro 21 – Respostas da Questão 24 – grupo 1

Colaborador (a)	Respostas
D1	Não.
D8	No momento não.
D10	Não.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Já no Quadro 22 – grupo 2 estão reunidas as respostas de 7 dos 12 colaboradores que fizeram algum tipo de comentário, os quais seriam o D3, D4, D7, D9, D12, D13 e B14, apresentando elogios e felicitando a equipe pela realização do estudo.

Quadro 22 – Respostas da Questão 24 – grupo 2

Colaborador (a)	Respostas
D3	Só parabenizar pela iniciativa e peço que divulgue os resultados do trabalho final.
D4	Parabéns pela pesquisa. Creio que ela pode contribuir muito para aumentarmos a proficiência em leitura dos alunos, além de incentivar e promover o trabalho colaborativo na Instituição.
D7	Apenas desejar boa sorte à pesquisadora, e a seus orientadores. Sucesso!!!
D9	Elogio a maneira que o convite foi feito e como o questionário foi produzido. Me senti muito à vontade em respondê-lo.
D12	Gostaria de parabenizá-los pela pesquisa e desde já agradecer, pois tenho certeza de que será uma grande contribuição tanto para nós professores, quanto para os alunos.
D13	Excelente e importante trabalho.
B14	Parabéns pelo projeto estou torcendo para sucesso dessa empreitada.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Já no Quadro 23 observa-se que 5 dos 12 colaboradores que apresentaram algum tipo de comentário em relação à pesquisa, D2, D5, D6, D11 e B15 pontuaram algumas sugestões para a construção da pesquisa em si.

Quadro 23 – Respostas da Questão 24 – grupo 3

Colaborador (a)	Respostas
D2	Gostaria de entender mais sobre planejamento e os processos de comprar de livros para a Instituição de ensino, uma vez que ao ser implantado novos cursos superiores, creio que haverá necessidades de compras de mais livros antes da visita do MEC.
D5	Poderia haver na Questão 20 um subitem com apenas a primeira parte do quesito, pois não necessariamente quem cumpre a primeira parte também cumpre a segunda. É o meu caso.
D6	**Para colaborar com a pesquisa, creio que seja muito importante ressaltar um desafio: a biblioteca junto aos docentes precisa ir além. A disponibilidade de conteúdo "não oficial" é uma realidade que modifica o papel da biblioteca. Então além das funções tradicionais, a biblioteca deve assumir novos papéis no processo pedagógico.**
D11	Que seja dada, oportunamente, amplia divulgação ao resultado do presente instrumento, dada a importância, para a Instituição, de adotar urgentemente políticas institucionais que promovam a parceria entre docentes e bibliotecários.
B15	**Gostaria que a Plataforma desenvolvida realmente fosse implementada para que além de ser um local de acesso ao conhecimento, a biblioteca também passe a ser vista como um local de produção coletiva de conhecimento.**

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Do quadro 23 podem ser destacadas as falas dos colaboradores D6 e B15 que reforçam a compreensão de que a biblioteca precisa se renovar, se adaptar à presença das tecnologias e que estas devem ser incorporadas no âmbito dessa nova biblioteca e no fazer desse novo bibliotecário. Na fala do colaborador B15 percebe-se que com a Plataforma poder-se-ia compreender que o bibliotecário e docentes juntos seriam não só divulgadores, mas também produtores de conhecimento acerca da temática da colaboração. E na fala do Colaborador D6 está contemplado um desafio apontado por ele, para a equipe da biblioteca, no sentido de que esta tenha que se reinventar. E a necessidade dessa renovação está claramente justificada no que afirma Durban Roca (2010) *apud* Casarin *et al* (2013, p. 368) que “a depender do modelo educacional adotado, a biblioteca de fato é totalmente prescindível [...] visto que as apostilas e o acesso à internet e outros conteúdos digitais suprem as

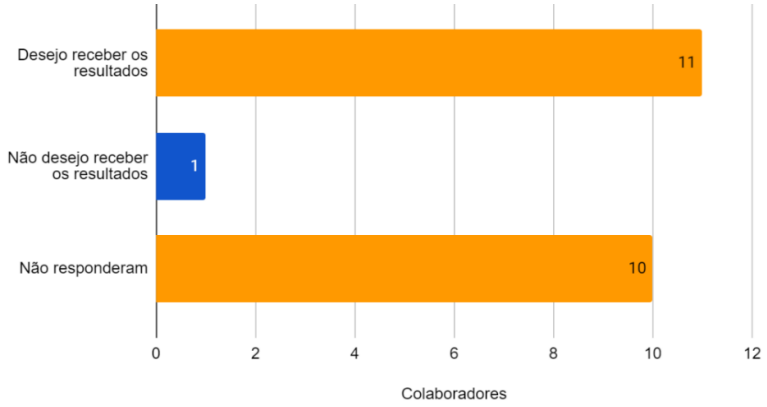
necessidades.” Se não se reinventar, portanto, a biblioteca estaria fadada ao fim. Ainda em relação à fala do colaborador D6, em Antunes; Silva; Reis, (2015, p. 8) pode-se concluir que:

> os bibliotecários devem assumir novas responsabilidades nas bibliotecas. Estas, por sua vez, devem manter um estreito diálogo com professores e estudantes, respondendo a uns e outros. Desejavelmente, a biblioteca assumirá um papel relevante no processo de tutorial na investigação, evidenciando percepções e colmatando necessidades. O papel da biblioteca tem de ser alterado para além do espaço tradicional, articulado com outras disciplinas e alargado à comunidade acadêmica.

4.2.2.9 Categoria: Resultados da Pesquisa

Esta pesquisadora também julgou relevante pontuar os dados obtidos a partir do questionamento que constava no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi solicitado aos colaboradores, neste documento, que informassem se desejavam ou não receber os resultados da pesquisa. No Gráfico 37 podem ser visualizadas as respostas:

Gráfico 37 – Envio dos resultados da pesquisa pelos colaboradores



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 37 observa-se que dos 22 colaboradores, 11 desejam receber os resultados da pesquisa. Considera-se importante analisar as respostas afirmativas quanto a essa solicitação de envio dos resultados, pois elas trazem em si o interesse dos colaboradores pela temática, mesmo que não tenha sido essa a resposta de todo o grupo. Esse pedido pode reforçar o entendimento de que esses 11 colaboradores acreditem na relevância e pertinência dos estudos sobre a temática para o

aprimoramento de seus conhecimentos e na importância da cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários.

Concluindo a apresentação e a análise dos dados coletados através do questionário de caracterização dos pesquisados e das suas práticas e concepções acerca da colaboração, seguem-se as análises dos dados coletados junto aos colaboradores a partir da aplicação do segundo questionário que traz as avaliações dos colaboradores acerca de sua experiência de navegação na Plataforma *web* de compartilhamento, cujo *link* foi disponibilizado a eles.

4.3 Segundo questionário

Neste subitem estão reunidos os dados coletados no segundo questionário aplicado aos colaboradores através do qual deveriam avaliar sua experiência de navegação na Plataforma *web* de compartilhamento. A ferramenta foi desenvolvida a partir dos apontamentos consultados na literatura sobre a temática da colaboração e das análises das respostas apresentadas pelos colaboradores no primeiro questionário, as quais possibilitaram identificar suas demandas quanto ao conjunto de funcionalidades que deveriam ser disponibilizadas na Plataforma.

A Plataforma foi denominada Colabhorar. Nesta etapa buscou-se comprovar, segundo o entendimento dos colaboradores, se ela se confirmaria como uma ferramenta de apoio ao fomento da cultura da colaboração entre docentes e bibliotecários visando-se o favorecimento do processo do ensino e da aprendizagem na Instituição pesquisada.

É importante informar que foram convidados 12 colaboradores entre docentes e bibliotecários para participarem desta segunda etapa. Dente estes 5 enviaram suas respostas através do questionário e 1 enviou sua apreciação sem passar pelo formulário de perguntas. Julgou-se importante apontar aqui a avaliação deste colaborador docente. No Quadro 24 pode ser visualizada sua apreciação:

Quadro 24 – Apreciação de colaborador docente enviada por *app* de mensagem

Colaborador	Resposta
Docente	Boa tarde, queridíssima! Parabéns pela Plataforma maravilhosa! Não terminei toda a navegação, mas pelo que vi já achei excelente! Parabenize seus orientadores também. Acho que será um sucesso só e vai facilitar a nossa vida! Creio que a turma da moda vai toda querer participar.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observa-se no Quadro 24 que a apreciação nele apontada se mostra positiva tanto quanto ao aspecto da experiência de navegação e quanto à importância da Plataforma para o trabalho dos docentes.

Já nos subitens a seguir estão apresentadas as questões e as respostas dos colaboradores reunidas em gráficos e que foram recolhidas no questionário aplicado e as respectivas análises apontadas por esta pesquisadora.

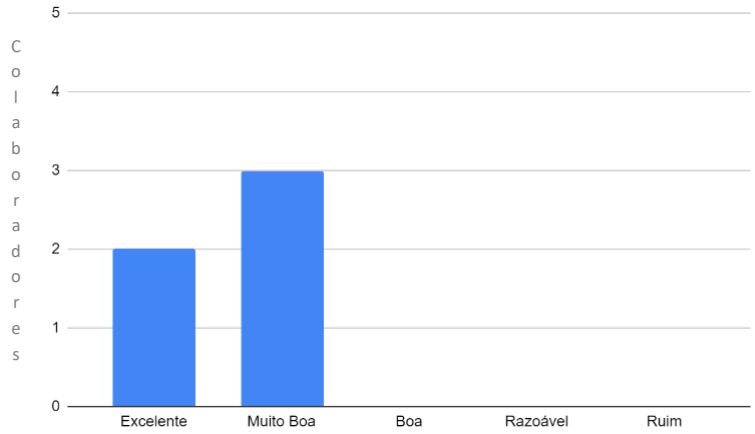
4.3.1 Questão 1: avaliação dos aspectos da Plataforma

Na Questão 1 solicitou-se aos colaboradores que assinalassem 1 dentre as 5 alternativas apresentadas em cada item, apontando assim a sua avaliação dos aspectos da Plataforma. São ao todo 10 itens. Para apresentar as respostas dos colaboradores referentes a cada item foi criado um Gráfico. E as análises foram apostas junto aos gráficos.

4.3.1.1 Aparência visual

No Gráfico 38 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores quanto à aparência visual da Plataforma:

Gráfico 38 – Aparência visual da Plataforma



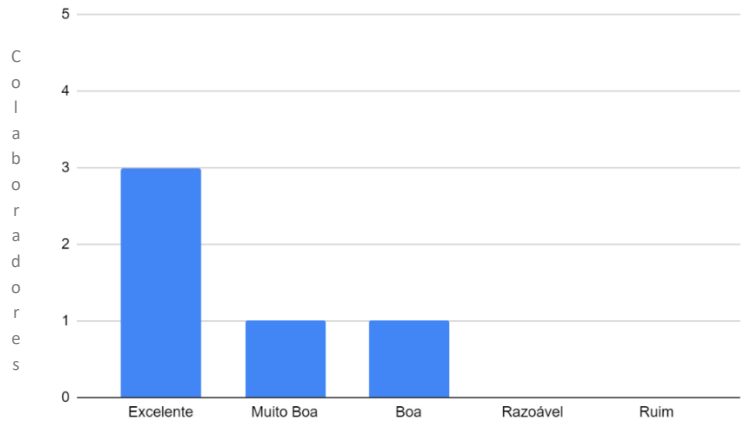
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando-se os dados apresentados no Gráfico 38 pode-se afirmar que dos 5 colaboradores respondentes, 2 consideraram o *layout* da plataforma como excelente e 3 como muito bom, o que pode significar que ela lhes é visualmente agradável e satisfatória. Entende-se que sendo assim, não há indicação de alteração neste item por esse grupo. Nenhum dos colaboradores avaliou negativamente o *layout* da Plataforma.

4.3.1.2 Navegabilidade

No Gráfico 39 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores quanto à navegabilidade da Plataforma:

Gráfico 39 – Navegabilidade



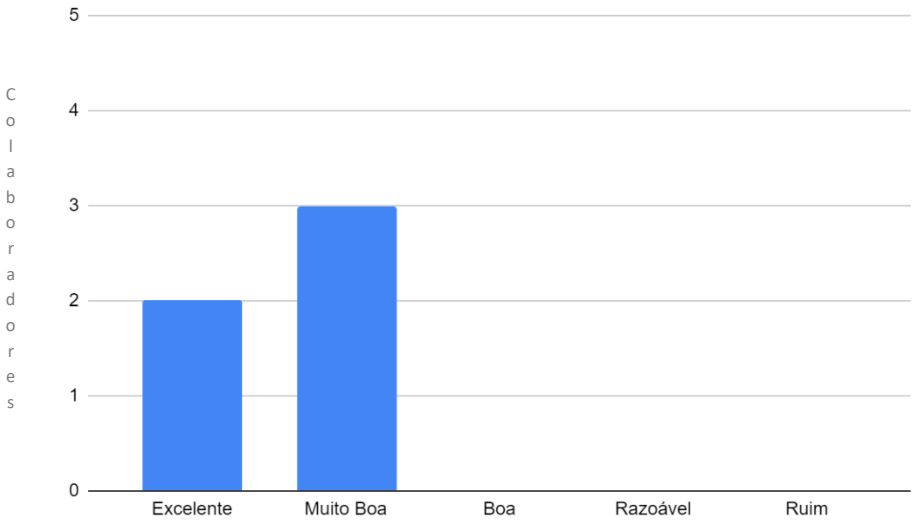
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Analisando os dados que são vistos no Gráfico 39, pode-se dizer que dos 5 colaboradores 3 classificaram a navegabilidade da Plataforma como excelente, 1 como muito boa e 1 como boa. Portanto, pode-se entender que para esse grupo a navegabilidade da Plataforma os atenderia, não havendo necessidade de melhorá-la. Não houve colaborador que avaliasse negativamente a navegabilidade da Plataforma.

4.3.1.3 Interatividade

No Gráfico 40 podem ser visualizadas as respostas dos colaboradores quanto à possibilidade de interatividade na Plataforma:

Gráfico 40 – Interatividade



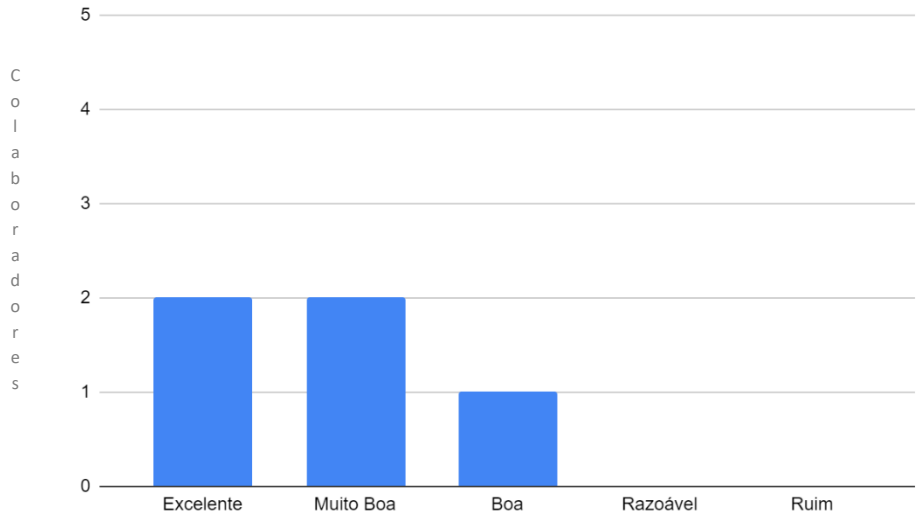
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Visualizando o Gráfico 40, pode-se perceber que dos 5 colaboradores, 2 classificaram a interatividade como excelente e 3 como muito boa. Nenhum dos colaboradores avaliou negativamente este aspecto da Plataforma. Sendo assim, compreende-se que esse grupo considerou que a Plataforma lhes possibilitou uma interatividade satisfatória, não havendo necessidade de readequá-la.

4.3.1.4 Usabilidade

No Gráfico 41 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a usabilidade da Plataforma:

Gráfico 41 – Usabilidade



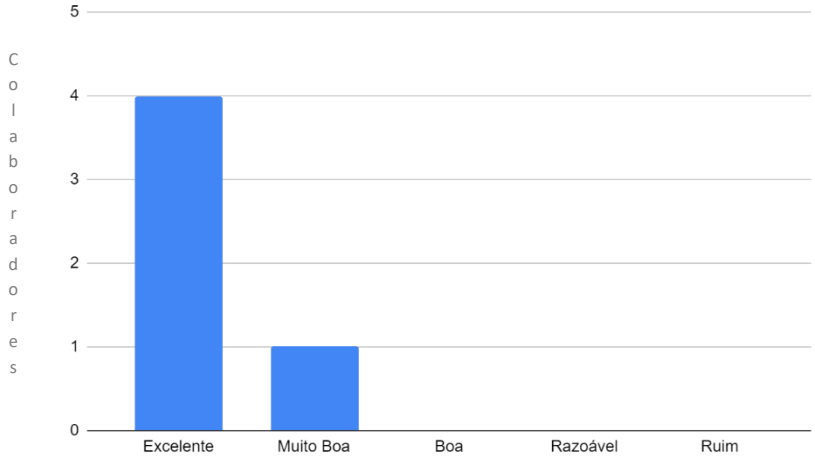
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando o Gráfico 41 pode-se perceber que dos 5 colaboradores, 2 avaliaram a usabilidade da Plataforma como excelente, 2 como muito boa e 1 como boa. Não houve nenhuma avaliação negativa por parte dos colaboradores. Compreende-se, portanto, que a Plataforma, para esse grupo, lhes permite um uso adequado.

4.3.1.5 Eficiência

No Gráfico 42 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a eficiência da Plataforma:

Gráfico 42 – Eficiência



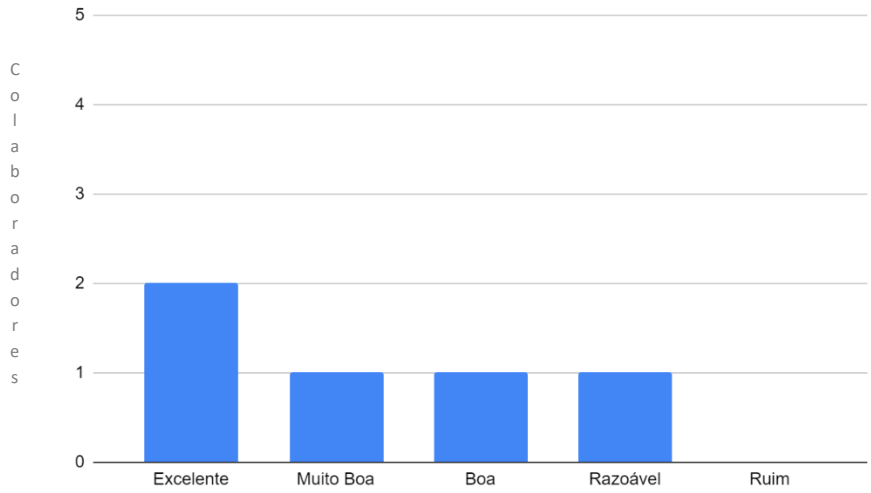
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Avaliando as respostas dos colaboradores visualizadas no Gráfico 42, pode-se afirmar que dos 5 colaboradores, 4 avaliaram a eficiência da Plataforma como excelente e 1 como muito boa. Portanto não houve avaliação negativa por nenhum dos colaboradores quanto a esta característica. Entende-se que o grupo considerou a eficiência da Plataforma como satisfatória.

4.3.1.6 Diversidade de funcionalidades

No Gráfico 43 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a diversidade de funcionalidades da Plataforma:

Gráfico 43 – Diversidade de funcionalidades



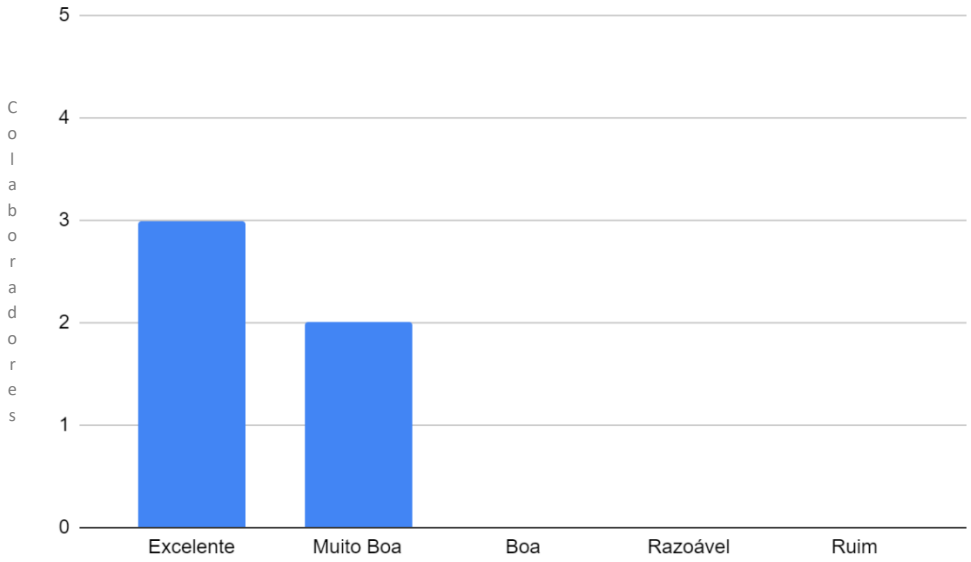
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando o Gráfico 43, pode-se depreender, pelas respostas apresentadas, que dos 5 colaboradores, 2 avaliaram a diversidade de funcionalidades como excelente, 1 como muito boa, 1 como boa e 1 como razoável. Esta característica recebeu dos colaboradores avaliações bem diferentes, o que pode apontar que seja necessária alguma melhoria dela, mesmo que a avaliação ruim não tenha sido apontada. As melhorias podem ser da ordem da disponibilização de um maior número de funcionalidades ou de funcionalidades diferenciadas das que foram disponibilizadas.

4.3.1.7 Utilidade

No Gráfico 44 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a utilidade da Plataforma:

Gráfico 44 – Utilidade



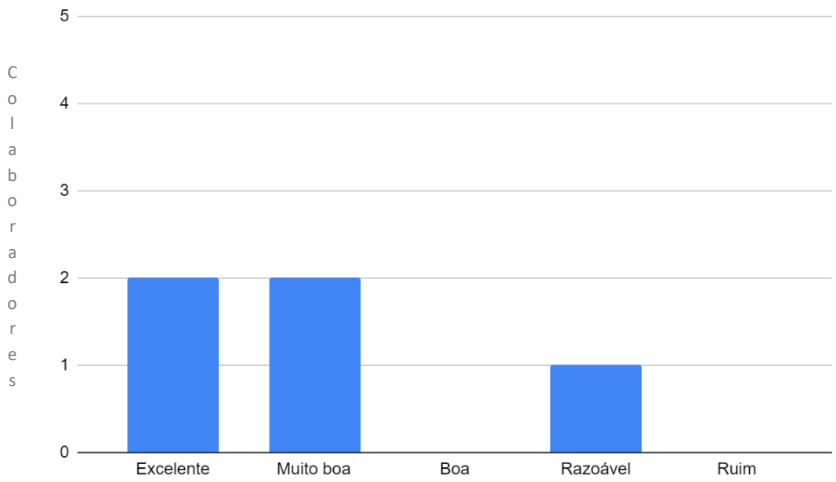
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando as respostas apresentadas no Gráfico 44, pode-se afirmar que dos 5 colaboradores, 3 avaliaram a utilidade da Plataforma como excelente e 2 como muito boa. Sendo assim, entende-se que para eles, a Plataforma é útil para o que se propõe que é ser uma ferramenta de fomento ao trabalho colaborativo.

4.3.1.8 Segurança

No Gráfico 45 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a segurança da Plataforma:

Gráfico 45 – Segurança



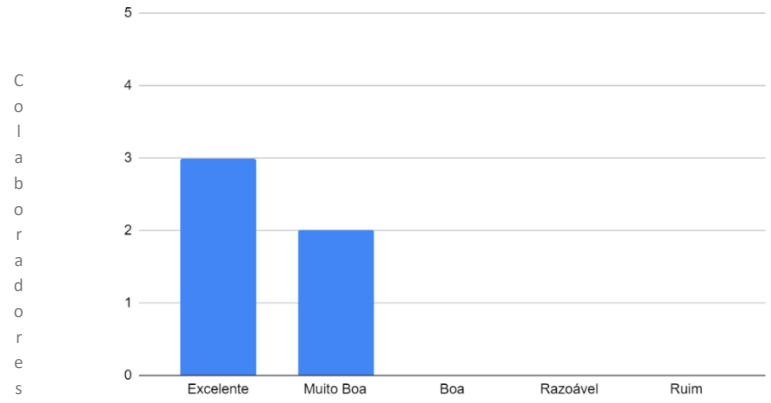
Fonte: Dados da pesquisa (2021

Analisando os dados mostrados no Gráfico 45, pode-se apontar que dos 5 colaboradores, 2 avaliaram a segurança da Plataforma como excelente, 2 como muito boa e 1 como razoável. Em relação à avaliação da segurança como razoável, pode-se entender que para o colaborador que fez esta avaliação é que a segurança deva ser melhorada.

4.3.1.9 Produtividade e alimentação coletiva

No Gráfico 46 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto a produtividade de alimentação coletiva da Plataforma:

Gráfico 46 – Produtividade e alimentação coletiva



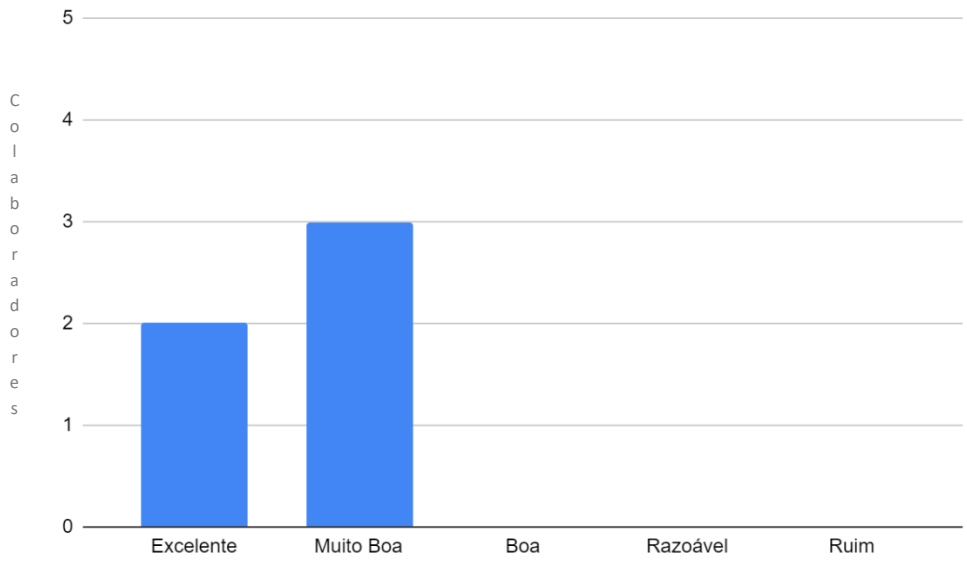
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A partir da análise dos dados que estão disponibilizados no Gráfico 46, pode-se afirmar que dos 5 colaboradores, 3 avaliaram a produtividade de alimentação coletiva da Plataforma como excelente e 2, como muito boa. Portanto, não houve nenhuma avaliação negativa desta característica da Plataforma, o que pode significar que não seja demandada nenhuma melhoria neste quesito.

4.3.1.10 Suporte

No Gráfico 47 estão apresentadas as respostas dos colaboradores quanto ao suporte da Plataforma:

Gráfico 47– Suporte



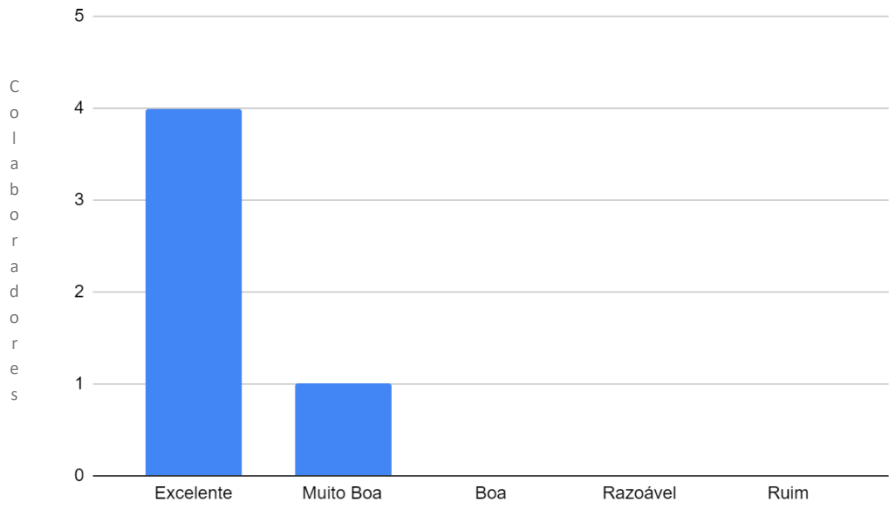
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando as respostas apresentadas no Gráfico 47, pode-se afirmar que dos 5 colaboradores, 2 avaliaram o suporte ofertado pela Plataforma como excelente e 3 como muito bom. Sendo assim, não houve nenhuma avaliação negativa desta característica. Com isso pode-se entender que não seja necessária nenhuma melhoria neste sentido para estes colaboradores.

4.3.2 Questão 2: avaliação da experiência de navegação na Plataforma

Na Questão 2 solicitou-se aos colaboradores que depois de terem navegado na Plataforma, seja com as orientações do vídeo de Navegação Guiada, ou da consulta ao tutorial em *pdf* ou ainda sem o auxílio destes suportes, que avaliassem sua experiência de navegação. Para tal deveriam avaliá-la, assinalando uma das alternativas numa escala crescente que vai de excelente a ruim, identificada por números de 1 a 5 respectivamente. No Gráfico 48 podem ser visualizados estes dados:

Gráfico 48 – Avaliação da navegação na Plataforma



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Percebe-se, ao analisar os dados mostrados no Gráfico 48 que dos 5 colaboradores, 3 avaliaram sua experiência de navegação como excelente e 2 como muito boa. Nenhum dos colaboradores, a avaliou negativamente. Portanto, pode-se entender que a experiência de navegação tenha sido satisfatória para todos os navegadores.

4.3.3 Questão 3: Considerações sobre a experiência de navegação

Na Questão 3 solicitou-se aos colaboradores que apontassem, caso, desejassem alguma consideração sobre sua experiência de navegação na Plataforma. No Quadro 25 podem ser visualizadas estas respostas:

Quadro 25 – Considerações sobre a Plataforma

Colaborador (a)	Respostas
D1	Achei a Plataforma de fácil uso com ferramentas bastante úteis e bem pensadas que permitem o compartilhamento de saberes e o trabalho colaborativo entre todos os participantes da Instituição. Trata-se de um excelente espaço para que todos tomem conhecimento dos projetos que estão sendo desenvolvidos e participem das ações.
D2	Parabéns pela proposta. Muito interessante.
D3	Muito proveitosa
D4	Excelente Plataforma, completa e fácil de navegar
B1	Efetuei os 3 tipos de navegação na Plataforma assistindo o vídeo e lendo o guia em *pdf* e não encontrei dificuldades em fazê-lo. A Plataforma é bem simples de ser navegada e oferece ferramentas que já são do conhecimento da grande maioria dos usuários potenciais, o que favorece sua utilização.

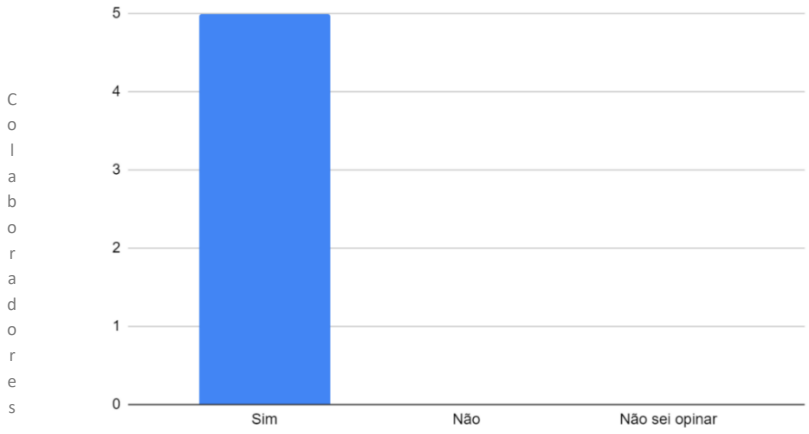
Fonte: Dados de pesquisa (2021)

Observando as respostas apresentadas no Quadro 25, pode-se perceber que os 5 colaboradores apontaram em suas falas que suas experiências na Plataforma foram satisfatórias e proveitosas, e que a navegação se deu de modo descomplicado.

4.3.4 Questão 4: adequação da Plataforma ao uso proposto

Na Questão 4 solicitou-se aos colaboradores que se pronunciassem em relação à adequação do uso da Plataforma ao que para ela foi proposto. No Gráfico 49 podem ser visualizadas as respostas:

Gráfico 49 - Adequação da Plataforma ao uso proposto



Fonte: dados da pesquisa (2021)

Observa-se nos dados do Gráfico 49 que todos os 5 colaboradores assinalaram com unanimidade que a Plataforma está de acordo com o uso que foi projetado para ela.

4.3.5 Questão 5: justificativa para a afirmação de não adequação da Plataforma

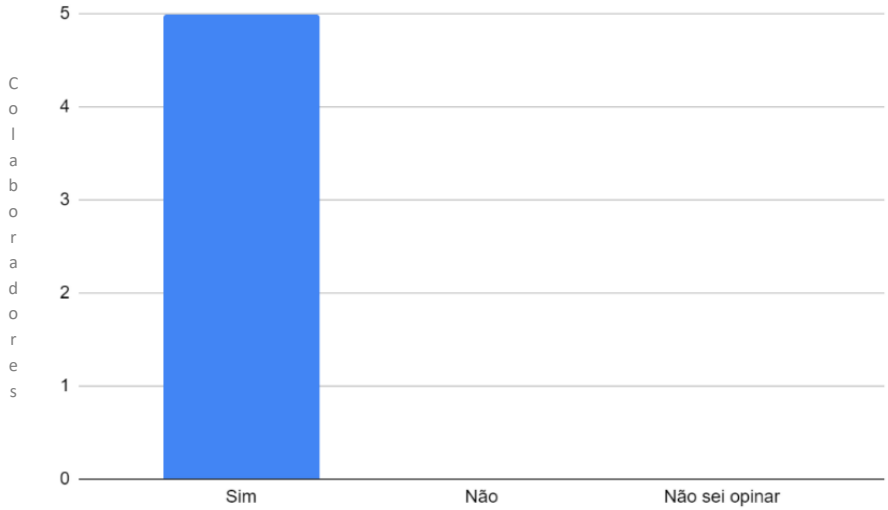
Na questão 5 solicitou-se aos colaboradores que caso discordassem da adequação da Plataforma ao uso proposto que apontassem alterações no intuito de melhorá-la.

Nenhum dos colaboradores fez qualquer afirmação de que a Plataforma não se adequa ao uso proposto. Com isso, eles não fizeram nenhuma sugestão de readequação dela.

4.3.6 Questão 6: avaliação dos conteúdos se serem tratados na Plataforma

Na Questão 6 solicitou-se aos colaboradores que assinalassem uma das 3 alternativas disponíveis no sentido de afirmar, negar, ou não saber opinar sobre a relevância dos conteúdos que serão tratados na Plataforma para a ampliação da compreensão de docentes e bibliotecários quanto à colaboração. No Gráfico 50 estas respostas podem ser conhecidas:

Gráfico 50 – Relevância dos conteúdos da Plataforma para compreensão da colaboração



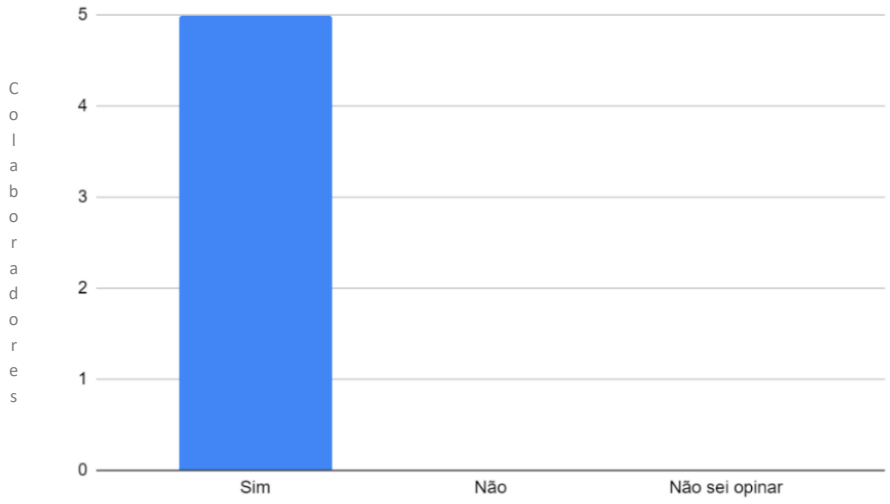
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Observando o Gráfico 50, pode-se notar que os 5 colaboradores avaliaram como pertinentes os conteúdos que serão disponibilizados na Plataforma para que docentes e bibliotecários aprimorem seus entendimentos e ampliem seus conhecimentos sobre o trabalho colaborativo entre eles.

4.3.7 Questão 7: pertinência das funcionalidades para a produção e interação

Na Questão 7 solicitou-se aos colaboradores que informassem se consideram que as funcionalidades da Plataforma lhes permitirão realizar de maneira produtiva e eficiente a construção coletiva sobre a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários para o fomento da cultura colaborativa na Instituição. No Gráfico 51 podem ser visualizados esses dados:

Gráfico 51 – Pertinência das funcionalidades



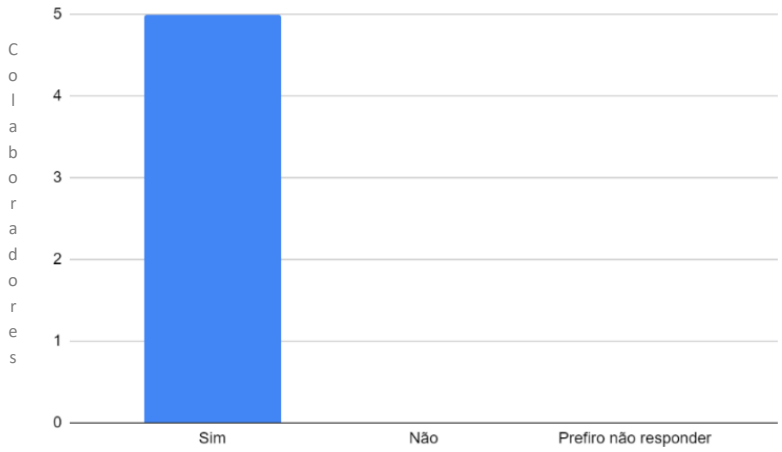
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A partir dos dados que podem ser visualizados no Gráfico 51, pode-se afirmar que os 5 colaboradores consideraram que as funcionalidades da Plataforma podem favorecer a produção eficiente de conteúdo acerca da colaboração entre docentes e bibliotecários e isso possibilita o fomento dessa atuação conjunta.

4.3.8 Questão 8: pretensão de uso da Plataforma

Na Questão 8 solicitou-se aos colaboradores que informassem se pretendiam fazer uso da Plataforma como ferramenta de fomento à cultura da colaboração entre docentes e bibliotecários. No Gráfico 52 estas respostas podem ser visualizadas:

Gráfico 52 – Uso da Plataforma para fomentar a colaboração



Fonte: dados da pesquisa (2021)

No Gráfico 52 observa-se que os 5 colaboradores afirmaram que pretendem utilizar sim a Plataforma como ferramenta de fomento à cultura da colaboração.

4.3.9 Questão 9: sugestão, críticas, elogio e observações

Na Questão 9 solicitou-se aos colaboradores que apontassem sugestões, elogios, críticas ou observações a respeito da Plataforma. No Quadro 27 esses apontamentos podem ser visualizados:

Quadro 26 – Sugestões, críticas, elogios ou observações

Colaborador (a)	Respostas
D1	Parabéns pelo trabalho! Vislumbrei várias possibilidades de uso desta Plataforma para facilitar a interação entre nós docentes e a bibliotecária no programa de leitura que pretendemos desenvolver. Acredito também que será uma Plataforma que, se usada pelos docentes, trará grandes benefícios para a Instituição e facilitará a realização de trabalhos e projetos interdisciplinares. A sugestão que faço é que seja amplamente divulgada a todos os docentes em um evento de apresentação

	da Plataforma e de suas variadas possibilidades de uso. Foi um trabalho muito bem realizado e creio que trará muitos bons frutos.
D2	Não respondeu.
D3	Ferramenta que muito irá contribuir com o ensino e nosso trabalho
D4	Excelente proposta de Plataforma. Sugestão: solicitar liberação do Moodle do CEFET para armazenar a Plataforma, evitando assim ter que pagar para manter a *url* de acesso.
B1	Considero que esta Plataforma projetada para ser utilizada como uma ferramenta para o fomento do trabalho colaborativo tem reais possibilidades de ser efetiva nesta ação se todos os usuários potenciais se dispuserem a colaborar a partir de suas funcionalidades. Sendo ela uma construção coletiva tanto de conteúdos quanto de funcionalidades, esta tem chances de se tornar ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem já que docentes e bibliotecários estreitarão laços e saberes.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Nas respostas apresentadas no Quadro 26, pode-se observar que apenas o colaborador D2 não apresentou apontamento. Os outros 4 colaboradores fizeram pontuações elogiando a construção da Plataforma, afirmando que ela será efetiva. Também fizeram sugestões que se referem à implementação da Plataforma na rede da Unidade pesquisada e que se divulgue amplamente a ferramenta.

Concluindo-se as análises das respostas apresentadas pelos colaboradores a respeito de sua experiência de navegação na Plataforma percebe-se que elas apontam para a concordância entre eles de que ela apresenta as caraterísticas e funcionalidades necessárias para o início imediato de sua utilização. Eles também concordam que ela pode favorecer o fomento da cultura de colaboração entre docentes e bibliotecários e que estariam dispostos a utilizá-la, alimentando-a com conteúdos e interagindo entre eles, através dela. Os colaboradores se mostraram desejosos de que a implementação da Plataforma da rede da Instituição ocorra de forma bem-sucedida, pois percebe-se que acreditam em seu potencial. Portanto, a Plataforma estaria, no entendimento dos colaboradores, validada por eles por estar adequada ao uso a que foi proposto para ela.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção está descrito detalhadamente o produto educacional desenvolvido nesta pesquisa. Este se configura como uma Plataforma *web* de compartilhamento denominada Colabhorar. Ela foi desenvolvida a partir das análises das respostas apontadas pelos colaboradores nos questionários, nas quais estão contidas as demandas destes para o que seria a construção ideal da referida ferramenta. Além disso as observações desta pesquisadora, relatadas nesta dissertação e os seus estudos e buscas bibliográficas e documentais sobre a temática de sua pesquisa também fundamentaram tal criação. No subitem **5.2 Caracterização da Plataforma Colabhorar** estão descritas detalhadamente as características da ferramenta.

5.1 Produto educacional: uma Plataforma *web* de compartilhamento

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC´s) estão sendo cada vez mais inseridas no contexto das instituições de ensino. E do seu uso inicialmente administrativo passou-se a incorporá-las também, no âmbito das atividades pedagógicas. Dentre elas estão as Plataformas digitais. Essas Plataformas se constituem em um conjunto de ferramentas agrupadas em um mesmo sistema que proporcionam aos seus usuários experiências de acesso diferenciados a conteúdos disponibilizados em vários formatos de mídias. Por esse seu grande número de opções elas permitem interações que são potencialmente importantes para os atores envolvidos no ensino e aprendizagem. Sendo assim, a tecnologia é uma importante aliada da educação e veio para ficar, mas trouxe consigo demandas e exigências que envolvem mais investimentos por parte de governos, novos posicionamentos e contínua busca por formação por parte dos educadores para que seus usos sejam mesmo otimizados em favor dos discentes.

Portanto, nesta pesquisa, o Produto Educacional (PE) que se apresenta configurou-se como uma Plataforma *Web* de Compartilhamento (PWC) que está categorizada como Software/Aplicativo com disponibilização de mídias educacionais segundo o Relatório do Grupo de Trabalho Produção Tecnológica da CAPES (BRASIL 2019b). É importante justificar que o desenvolvimento desse PE atendeu ao que está contemplado no Regulamento do Curso de Mestrado Profissional em Educação

Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) que prevê que “o Trabalho de Conclusão de Curso constitui-se em um produto educacional que possua aplicabilidade imediata, considerando a tipologia definida pela Área de Ensino” e deve ser acompanhado de dissertação ou artigo (BRASIL, 2015, p. 4). A pesquisa e o PE inserem-se na linha de pesquisa Práticas Educativas em EPT, Macroprojeto 1: Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT, onde estão incluídos projetos relacionados à “elaboração e experimentação de propostas de ensino inovadoras em espaços diversos (sala de aula, laboratórios, campo, museus, setores produtivos, internet, entre outros)” (BRASIL, 2015, p. 4).

Neste ínterim, é importante reiterar que a proposição de um PE no formato digital fundamentou-se na tendência do contexto atual, já pontuada neste projeto anteriormente, na qual se observa que cada vez mais, usos dessa natureza aconteçam nos ambientes educacionais. A sociedade cogitará sempre mais o uso das TDIC´s para reinventar-se, mantendo assim, os indivíduos conectados e próximos, para colaborativamente construírem os novos saberes que estão sendo demandados. Procurou-se construir um PE adequado a esse contexto relatado acima. Em Moran (2007), essa opção por esse PE encontra respaldo:

> “as mudanças que estão acontecendo na sociedade, mediadas pelas tecnologias em rede, são de tal magnitude que implicam, a médio prazo, em reinventar a educação como um todo, em todos os níveis e de todas as formas.”

Também Lévy (2000) *apud* Blattmann; Silva (2007, p. 191), e Silva (2003) *apud* Mendonça (2014) ressaltam a atualidade, relevância e pertinência dessa prática:

> A existência de uma Internet colaborativa possibilita a disseminação da inteligência coletiva. Seu pensamento nos conduz à reflexão de que a Internet é um canal pelo qual flui uma grande quantidade de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Trata-se de um espaço interativo, de trocas, de criação e geração, além de armazenamento de informações, tornando-se uma importante ferramenta de colaboração entre os participantes do mundo digital on-line. (LÉVY, 2000 *apud* BLATTMANN; SILVA, 2007, p. 191).

> Um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos, logo, a aprendizagem. Entendemos por aprendizagem todo processo sociotécnico em que os sujeitos interagem na e pela cultura, sendo esta, um campo de luta, poder, diferença e significação, espaço para construção de saberes e conhecimento. As tecnologias digitais podem potencializar e estruturar novas sociabilidades e consequentemente novas aprendizagens (SILVA, 2003, *apud* MENDONÇA, 2014, p. 223).

5.2 Caracterização da Plataforma Colabhorar

A Plataforma constitui-se em ambiente digital criado para possibilitar aos docentes e bibliotecários o compartilhamento de conteúdo e práticas acerca da temática do trabalho colaborativo. Pretende-se que ela funcione tanto como um repositório de conteúdo já consolidado sobre a colaboração, quanto como um espaço de escrita e produção coletiva por docentes quanto por bibliotecários e até mesmo posteriormente por alunos.

Com o seu uso objetiva-se fomentar o estabelecimento de uma rede de trocas de saberes e práticas pedagógicas e colaborativas, o que se acredita, possa favorecer a consolidação da cultura colaborativa entre esses pares, o que resultará, espera-se, no aprimoramento da aprendizagem dos discentes.

A Plataforma foi pensada para atender inicialmente à comunidade interna do CEFET-MG Unidade Divinópolis, considerando-se os parâmetros especificados de navegação para cada grupo de usuários potenciais.

Para a escolha do nome e a criação da logomarca da Plataforma considerou-se a junção dos conceitos colaborar e hora. Optou-se então, para compor o nome, por fundir o verbo "colaborar" e o substantivo "hora" em um único vocábulo inserindo-se o H logo após o B. E para destacar a presença do conceito "hora", dentro deste novo vocábulo, utilizou-se para grafá-la, uma fonte com caracteres digitais, a "*DS-Digital*", inserindo-se como camada de fundo para o conceito, uma figura geométrica representativa de um display de relógio digital. Além disso, foi utilizada uma outra fonte, a "*Impact*" para as letras "colab" e o "r". Esta escolha se deu por ser um tipo de fonte impactante como seu próprio nome diz. A opção pelas cores vermelha, azul e branca fundamentou-se no que estas comunicam visualmente: paixão, harmonia e paz. Toda essa simbologia sinaliza aos docentes e bibliotecários de que o momento de trabalhar colaborativamente é agora. Estes são elementos fundamentais para a consolidação de uma cultura de colaboração. Na Figura 1 pode-se visualizar a logomarca:

Figura 1 – Logomarca da Plataforma

Fonte: imagem do acervo da pesquisadora (2022)

A Plataforma Colabhorar foi desenvolvida no Moodle que é um sistema de código aberto muito utilizado mundialmente para a criação de sites no âmbito do ensino.

A Colabhorar foi idealizada para ser uma ferramenta de apoio no fomento à cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários visando-se o favorecimento da aprendizagem dos discentes.

Nela foram disponibilizados campos nos quais podem ser inseridas mídias como vídeos, áudios, material textual, imagens, conteúdos referentes à temática pesquisada e que serão ali compartilhados tanto pelos seus gestores quanto pelos docentes e bibliotecários que desejarem ser também seus alimentadores.

Dentre suas funcionalidades estão menus, *chat*, fórum, *blog*, agenda, calendário, videoconferência, biblioteca virtual, *wiki,* glossário, tarefas*, links* para *download e upload* de arquivos, acesso ao site da Biblioteca da Instituição e suas redes sociais, e outras que ampliarão o leque de possibilidades de uso coletivo da Plataforma. Tudo foi disponibilizado primando-se por promover a interatividade através de sua fácil usabilidade, com o objetivo de conectar docentes e bibliotecários para que seja fomentada a cultura colaborativa entre esses pares.

Através da Plataforma, bibliotecários e docentes poderão efetivar, por exemplo: o agendamento do espaço da biblioteca para atividades pedagógicas; a divulgação de eventos pedagógicos e os promovidos pela Biblioteca; a utilização do *chat* para efetuar pedidos de suporte e/ou coparticipação nas atividades a serem desenvolvidas; a escrita coletiva em um *blog*; a criação de uma editora virtual no formato *wiki,* com a edição de livros; os debates em um fórum; a construção de um glossário; o agendamento de participações em videoconferência, em reuniões pedagógicas e em reuniões na biblioteca; as postagens de artigos e *upload e download* de arquivos sobre o conteúdo da Plataforma, etc.

A Plataforma foi pensada para ser uma construção de todos. A dinâmica do processo de ensino e aprendizagem é que vai demandar a participação coletiva. Com isso a Plataforma terá possibilidades reais de se estabelecer como uma ferramenta de compartilhamento do conhecimento.

Com o seu uso será possível reunir dados, informações, relatos e experiências colaborativas entre docentes e bibliotecários para dar visibilidade a essas práticas, contribuindo-se assim para que mais educadores tenham acesso a elas e as possam

incorporar em suas atividades, vindo assim a também compartilhar as suas próprias experiências que devem sair de dentro dos limites de suas salas de aula e bibliotecas e ganhar o mundo.

Na Figura 2, a seguir, pode-se visualizar a tela inicial projetada para a Plataforma. Nesta imagem podem ser vistos os menus de navegação, de *login* e alguns dos botões de acesso aos espaços de interação e produção, os quais são ao todo 16.

Figura 2 - Tela Inicial da Plataforma Colaborar

Fonte: imagem do acervo da pesquisadora (2022)

Na Figura 2 observam-se os 4 menus superiores que trazem as informações sobre a Plataforma, a pesquisa, a temática da pesquisa e a biblioteca da Unidade pesquisada. Além disso, ela traz também o menu de *login* e criação de cadastro e o menu sanduíche que mostra os submenus da página inicial que são Tutorial, Dúvidas Frequentes, Suporte e Revista.

Para auxiliar os navegadores foram disponibilizados um vídeo de navegação guiada e um tutorial em *pdf* no menu Tutorial. Tanto o arquivo de texto quanto o de vídeo trazem todas as instruções necessárias para a navegação na Plataforma da maneira mais adequada. Estes são os *links* que podem ser acessados tanto para a consulta ao tutorial em *pdf*: https://tinyurl.com/d3mersuu quanto para a visualização do vídeo: https://tinyurl.com/2s3kbwdv .

Já na Figura 3 pode ser vista a imagem da tela onde estão os botões que dão acesso aos espaços de interação e produção coletiva da Plataforma. São 16 funcionalidades que vão permitir o trabalho de alimentação coletiva deste ambiente digital.

Figura 3 – Tela com os botões dos espaços de interação e produção

Fonte: imagem produzida pela pesquisadora (2022)

No Quadro 27 apresentam-se resumidamente as funções de cada espaço colaborativo:

Quadro 27 – Espaços colaborativos e suas funções

Espaço Colaborativo	Função
Acervo	Composição de acervo, em pastas, com conteúdo sobre a temática da pesquisa nos formatos *pdf, doc, jpg, mp3*, *mp4* e outros.
Base	Alimentação de uma base de dados com conteúdo sobre a temática da pesquisa nos formatos *pdf, doc, jpg*, mp3, mp4 e outros.
Bibliowiki	Editoração coletiva de uma biblioteca digital.
Chat	Interação em tempo real com a equipe da Plataforma e da biblioteca da Unidade.
Colablog	Interação dos colaboradores em um *blog*.
Editora	Editoração coletiva de um ou mais livros.

Enquete	Participação em pesquisa de opinião sobre a partir de questões referentes à temática da colaboração.
Fórum	Interação dos colaboradores em um fórum.
Galeria	Postagem de imagens referentes aos projetos desenvolvidos em colaboração
Glossário	Editoração de um glossário com termos referente à temática da colaboração.
Live	Realização de reuniões, videoconferências no ambiente da Plataforma, sem a necessidade de buscar outra ferramenta para tal.
Mindmap	Construção coletiva de mapas mentais.
Podcast	Inserção de áudios com conteúdo referente à temática da colaboração.
Post-it	Postagem de recados, lembretes, informações rápidas.
Práticas	Disponibilização de conteúdo referente às práticas e projetos realizados em colaboração nos formatos de áudio, vídeo, imagens e textos.
Submissão	Submissão de artigos sobre a temática da colaboração para comporem a edição digital da Revista Colabhorar.

Fonte: autoria da pesquisadora (2022)

Quanto aos conteúdos que podem ser disponibilizados na Plataforma, acredita-se que estes trarão em si a importante e significativa participação de cada pesquisador, docente ou bibliotecário que compartilhar seus saberes. A temática será sempre a da colaboração, vista dos pontos de vista teórico e prático.

Ao acessar a Plataforma os usuários podem fazer dois tipos de interação. Um deles é consultar as publicações sem que seja necessário se cadastrar, podendo assim navegar pelos menus e *links* de acordo com o conteúdo que mais lhes interessar. O outro é a possibilidade de interação na qual o usuário pode participar da alimentação coletiva da Plataforma, ao enviar conteúdo pronto ou produzir os mesmos diretamente no seu ambiente. Neste caso, se faz necessário o cadastro prévio do usuário com a criação de *login* e a senha para esse tipo de acesso.

Para dar ciência aos usuários das regras estabelecidas para o envio, compartilhamento e produção de materiais digitais, será disponibilizado, a eles, um termo de responsabilidade, cujo texto trará as regras de participação na Plataforma. Este deverá ser assinado pelo usuário ingressante, que estará concordando em interagir, inserir e produzir conteúdo dentro da ética e respeito esperados.

Sabe-se que para viabilizar a implantação de uma Plataforma todas as demandas de infraestrutura e tecnológicas têm que ser consideradas. E isto foi feito para a construção da Colabhorar. Dentre as demandas estão as que se referem ao

ambiente de desenvolvimento da mesma e seu posterior gerenciamento para assim poder disponibilizar as ferramentas desejadas, que possibilitariam aos colaboradores a inserção de conteúdo e a interação. Também foi preciso considerar: a necessidade de inserção de *plugins* que permitiram instalar funcionalidades específicas ao uso da Plataforma; a oferta de suporte; a criação do domínio na internet e a hospedagem da Plataforma. Este é este o *link* da Plataforma: https://colabhorar.bib.br/. Não menos importante, se deu o cuidado com a escolha da arquitetura de informação, a busca e inserção dos conteúdos a serem compartilhados inicialmente, a divulgação da Plataforma e outras. Essas atividades foram efetivadas durante o processo de desenvolvimento do produto.

Para a etapa de verificação e validação da Plataforma foi enviado um *link* de navegação a 12 colaboradores. Após a navegação, estes colaboradores foram convidados a responderem a um questionário, no qual puderam avaliar sua experiência com a Plataforma, apontando suas percepções. Este questionário pode ser visualizado na integra no Apêndice D.

Segundo Bastos *et al* (2007) *apud* Gomes (2015):

> a verificação é o processo de determinar se a saída de uma fase está de acordo com os requisitos especificados na fase anterior. Verificar não é demonstrar que a saída de uma fase do desenvolvimento é correta, mas averiguar se o software está de acordo com as especificações estabelecidas. A validação é o processo de confirmar que a especificação de uma fase ou do sistema completo é apropriada e consistente com os requisitos dos stakeholders.

Portanto, a verificação permitiu avaliar se o produto foi desenvolvido estruturalmente e a validação possibilitou saber se o produto construído estava adequado para a demanda apresentada. Esse questionário também foi aplicado para que uma otimização da Plataforma pudesse ser efetivada, caso fossem sugeridas alterações antes de sua implementação final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta pesquisadora se propôs a realizar este estudo objetivava conhecer e compreender, com maior profundidade, o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis, bem como identificar qual seria o seu nível, segundo a Teoria da Colaboração de Montiel-Overall, e quais seriam os entendimentos destes educadores acerca desta temática. Isto lhe permitiria também conhecer suas próprias concepções sobre a colaboração para então saber que ações devem compor este pacote de fomento a essa cultura numa Instituição de ensino. Este questionamento surgiu para ela a partir de suas observações e vivências nesta Instituição já nos primórdios de sua carreira como servidora pública e bibliotecária, quando de seu ingresso em 2010.

O desejo crescente desta pesquisadora em trabalhar junto aos docentes para além das atividades administrativas que o setor biblioteca demanda a conduziram a realizar esta pesquisa, pois através dela lhe foi possível confirmar que o seu entendimento de que a Instituição pesquisada se configurava como um campo fértil para se desenvolver atividades colaborativas entre docentes e bibliotecários era de fato comprovável, o que ficou claro com os dados coletados e posteriormente analisados.

É claro que esta pesquisadora estava ciente e consciente de que os resultados obtidos poderiam ser diversos dos que ela esperava porque são muitos os fatores que influem diretamente sobre a questão do trabalho colaborativo e muitas vezes não são facilmente identificáveis.

Esta pesquisadora também sempre soube das limitações que seu estudo apresentaria, já que houve uma baixa adesão à participação por parte dos sujeitos pesquisados, que no entendimento dela em primeiro lugar, pode ter ocorrido por questões ligadas à pandemia de Covid-19, que levou todo o processo de coleta de dados para a modalidade *on-line*, o que impossibilitou o contato direto pesquisadora-pesquisados. Em segundo pelo impacto desse isolamento sobre as observações participantes e anotações desta pesquisadora, limitando-as às que ela já havia feito antes da paralisação das atividades presenciais e em terceiro pelo provável não interesse pela temática identificado junto aos sujeitos convidados a participarem da pesquisa e que não o fizeram. Este posicionamento também é esperado em uma

pesquisa, pois esta pode impactar em suas vidas de modo a demandar-lhes mudanças em suas atuações, as quais não lhes seriam cogitáveis. Para tentar minimizá-las esta pesquisadora buscou realizar uma análise cuidadosa e atenta tanto nos dados obtidos junto aos pesquisados quanto das suas anotações e interações, com estes, no período que lhe foi possível fazê-lo, confrontando-os com a literatura tomada como referência.

Inicialmente esta pesquisadora aponta nesta sessão para o que considera o mais relevante destacar entre os dados obtidos tanto nos questionários quanto os presentes em seus relatos que seriam a compreensão do seu entendimento e dos docentes e bibliotecários acerca do trabalho colaborativo, a identificação do nível em que esta prática vem se dando na Instituição pesquisada e a proposta da implementação da Plataforma como ferramenta de fomento a esse trabalho.

A compreensão apresentada por docentes e bibliotecários e identificada a partir das análises dos dados coletados configurou-se como bastante diversa, pois diverso é o grupo pesquisado considerando-se idade, gênero, formação acadêmica, tempo e áreas de atuação na Instituição. Também se mostraram diferentes as compreensões que o grupo tem do que seriam os níveis de colaboração nos quais se pode classificar práticas colaborativas dentro de uma Instituição de ensino, segundo o que preconiza o modelo TLC de Montiel-Overall. Contudo, essas diversidades não podem ser consideradas como fatores impeditivos para o fomento do trabalho colaborativo, pois identificou-se neste estudo que a Instituição pesquisada apresenta sim níveis de colaboração entre docentes e bibliotecários, os quais seriam iniciais, mas que já apontariam para a necessidade de se aprimorar as práticas colaborativas já efetivadas e ampliá-las para os níveis mais avançados.

Analisar as respostas assinaladas, para identificar acertadamente o nível de colaboração da Instituição pesquisada não foi uma tarefa simples, pois esta análise perpassou pela compreensão que os colaboradores pesquisados têm de suas próprias práticas. Existem muitos fatores a serem considerados para tal. Foi preciso comparar e confrontar toda a narrativa encontrada nas respostas dadas às questões e nos relatos desta pesquisadora com o referencial teórico que a fundamenta, baseando-se especificamente no modelo TLC de Montiel-Overall (2005-2013) para se identificar o mais adequadamente este nível ou níveis de colaboração percebidos na realidade laboral da Instituição pesquisada.

Observou-se que dos 22 pesquisados, 16 apontam para entendimentos diferenciados acerca dos níveis de colaboração indicados no referido modelo TLC e de sua relação e identificação com a realidade do trabalho colaborativo na Instituição. Percebeu-se que não houve um consenso nestas percepções, o que não impediu, mas dificultou essa identificação. Essas escolhas sinalizaram para compreensões não muito objetivas do que seja cada nível, ficando assim perceptível que elas têm muito da subjetividade de cada colaborador em relação ao que percebem intimamente como sendo o trabalho colaborativo. Pode-se entender a partir destas respostas que existe um desconhecimento científico considerável por parte dos colaboradores a acerca da temática abordada, especificamente das características fundamentais de cada nível, transparecendo assim, que as respostas podem ter muito de senso comum e intuição. Pelas práticas relatadas por esta pesquisadora e pelos colaboradores corrobora-se este entendimento. É importante que se reitere, contudo, que embora possa ser mínimo o conhecimento científico dos colaboradores sobre a Teoria da Colaboração de Montiel-Overall e o seu modelo TLC, a partir das respostas apontadas pode-se vislumbrar a compreensão configurada na Instituição quanto ao trabalho colaborativo antevendo-se ações que podem e devem ser pensadas e efetivadas como práticas colaborativas dando-se ênfase na ampliação dos níveis de colaboração que já foram identificados.

Logo, a partir de tal entendimento, parece adequado afirmar que a coordenação e cooperação, apontados pelos colaboradores, podem ser os níveis que melhor identificam a colaboração na Instituição, já que parecem ser aqueles que reúnem as características que mais se aproximam do que acontece em termos de trabalho colaborativo em seu âmbito.

De acordo com Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32) estes dois níveis iniciais são os mais observáveis nas instituições de ensino porque as ações demandam menor envolvimento, vindo a acontecer, muitas vezes, espontaneamente, sem planejamento prévio ou em conjunto, podendo evoluir para aquelas com um maior nível de intencionalidade, ou seja, com divisão de tarefas, mesmo que ainda não haja compartilhamento de planos e liderança. São, portanto, níveis de colaboração de alcance fácil, mas não menos importantes, porque eles sinalizam que existe na Instituição um campo fértil para o fomento da cultura da colaboração, e consequentemente para a evolução desta colaboração para os níveis mais

avançados, que seriam a instrução integrada e o currículo integrado. Estes dois níveis, para Montiel-Overall (2005-2013) são mais complexos de serem alcançados porque, ao contrário dos dois anteriores, demandam maior envolvimento, exigindo inclusive a participação de todo o corpo docente, bibliotecários e equipe gestora, planejamento bem estruturado, compartilhamento de recursos e lideranças. No nível currículo integrado todos os conteúdos de ensino estariam atrelados totalmente às atividades da biblioteca, ou seja, nada que este setor faça estaria desconectado do que ocorre dentro da sala de aula ou dos projetos pedagógicos. E a equipe gestora teria total conhecimento de todo o processo, facilitando-o, por exemplo, possibilitando a flexibilização de horários. Este nível de colaboração exige total compromisso e bastante conhecimento e objetividade para se atingi-lo sem contar os requisitos como boa vontade, empatia, relações interpessoais de qualidade, engajamento, dentre outros.

Não se pode negar, que tenham ocorrido em algum momento, práticas colaborativas dentro da Instituição pesquisada que poderiam estar categorizadas, por algumas de suas características, em níveis mais avançados, contudo, observa-se que há uma predominância daquelas que se enquadram com mais precisão nos níveis de coordenação e cooperação.

Sendo assim, o cenário do trabalho colaborativo que se descortina na Instituição é o de uma prática espontânea e informal de colaboração, com ocorrência em episódios esporádicos, com temática, muitas vezes, relacionada a temas tratados fora da sala de aula, promovida por inciativas individualizadas e unilaterais, mas já com certo grau de compartilhamento de objetivos, responsabilidades, atribuições e recursos, mas com predominância de liderança de um colaborador sobre o outro. Contudo, essa constatação também aponta para o que as respostas da maioria dos colaboradores também revelam nos questionários de que existe por parte deles um real desejo de que a cultura do fomento ao trabalho colaborativo ganhe força na Instituição.

Também é preciso pontuar nesta sessão a questão da proposta de implementação da Plataforma Colabhorar na Instituição, como ferramenta tecnológica de fomento à cultura da colaboração. A partir da navegação possibilitada a um grupo de colaboradores nesta Plataforma foram coletadas respostas que evidenciaram com clareza a concordância entre eles de que a Plataforma apresenta as caraterísticas e funcionalidades necessárias para o início imediato de sua utilização e que ela pode

favorecer sim o fomento da cultura de colaboração entre docentes e bibliotecários, Estes estariam dispostos a utilizá-la, alimentando-a com conteúdos e interagindo entre eles, através dela. Os colaboradores se mostraram desejosos de que a implementação da Plataforma na rede da Instituição se efetive pois é perceptível seu entendimento de que acreditam em seu potencial. Portanto, a Plataforma estaria validada por eles por estar adequada ao uso a que foi proposto para ela.

Portanto, entende-se que com o trabalho proposto esta pesquisadora atingiu-se um de seus objetivos que seria o de conclamar docentes e bibliotecários, despertando-lhes o desejo de construírem coletivamente um ensino mais reflexivo e significativo que gere uma aprendizagem igualmente reflexiva e significativa para o discente a partir da ampliação das práticas colaborativas que já acontecem na Instituição com a implementação de uma ferramenta tecnológica que pode contribuir para a elevação desses níveis de colaboração já identificados.

Concluindo para esta pesquisadora mesmo que muitas ações colaborativas efetivadas nas Unidades do CEFET-MG possam não estar ainda entre as classificadas como sendo de nível mais avançado, que seria o do currículo integrado, segundo o modelo TLC de Montiel-Overall, "*pero que las hay, las hay*". Sendo assim, ela acredita que somente com o fomento à cultura da colaboração, cotidianamente é que se alcançará esse sonhado nível de interação entre docentes e bibliotecários que transbordará de seus limites para desfazer as limitações existentes e insistentes em suas vidas e na vida dos discentes.

Sugere-se que outros estudos venham a ser efetivados com ênfase nesta temática para que cada vez mais se ampliem os entendimentos e percepções sobre a colaboração entre docentes e bibliotecários com vistas ao favorecimento de todos os que estão envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem. E como não poderia deixar de ser, que esta ampliação no montante das pesquisas ocorra no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, que é um campo de ensino, que por suas características vem se mostrando como sendo um contexto propício e favorável às práticas cada vez mais colaborativas entre os educadores que nele atuam.

Espera-se que tão logo seja possível, a implementação da Plataforma Colabhorar aconteça na Instituição para que se possa, com esta ação, dar continuidade ao trabalho de fomento à cultura da colaboração, prática almejada por doentes e bibliotecários, segundo o que apontam os dados coletados, as compreensões e os desejos percebidos nesta pesquisa

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria da Luz; SILVA, Carina; REIS, Cláudia. Uma cultura de colaboração ente professores e bibliotecários: a orientação tutorial de estudantes de radiologia em Moçambique. *In*: CONGRESSO NACIONAL BAD, 12, 2015, Lisboa. *12º Congresso Nacional BAD...,* Lisboa: BAD, 2015. Disponível em: https://pt.slideshare.net/mlantunes/uma-cultura-de-colaborao-entre-professores-e-bibliotecrios-a-orientao-tutorial-de-estudantes-de-radiologia-em-moambiquecao-iscisa. Acesso em: 12 out. 2021.

ARAÚJO, Helena Cristina dos Santos de. *Biblioteca escolar e trabalho colaborativo*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012, p. 1-18. Disponível em: https://www.rbe.mec.pt/np4/file/1286/bibliotecarbe6.pdf. Acesso em:17 fev. 2020.

_____, Helena Cristina dos Santos de. *Projetos de leitura e trabalho colaborativo: conceções e práticas de professores e professores bibliotecários*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012, 187 p. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2349/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20%20Helena%20Ara%c3%bajo%20VERSAO%20FINAL.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

BAHIA, Mônica Mansur; LAUDARES, João Bosco. A engenharia e a inserção feminina. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10. *Anais Eletrônicos*, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373325907_ARQUIVO_Aengenhariaeainsercaofeminina-.pdf. Acesso em: 5 out. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*; tradução de Luís Antero, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf. Acesso em:

BLATTMANN, Úrsula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa. Colaboração e interação na *Web* 2.0 e biblioteca 2.0*. Revista ACB:* Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.12, n.2, p. 191-215, jul./dez., 2007. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530/664. Acesso em: 2 jan. 2020.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. *Biblioteca Escolar em Revista*, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 41-54, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106585/105180. Acesso em 11 out. 2021.

BOAVIDA, Ana Maria; PONTE, João Pedro da. *Investigação colaborativa*: potencialidades e problemas. 2002. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4069/1/02-Boavida-Ponte%20(GTI).pdf. Acesso em: 7 fev. 2021.

BRASIL, CAPES. *Relatório de Grupo de Trabalho Produção Técnica*. Brasília, 2019b.

_____; IFES, Instituto Federal do Espírito Santo. *Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica em rede nacional: anexo ao regulamento*. 2015. Disponível em:https://www.profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/anexoregulamentogeral. Acesso em: 2 jan. 2020.

_____. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L9394.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. *Lei n. 13709, de 14 de agosto de 2018*. Dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm. Acesso em: 23 mar 2021.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. *Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa* - Versão 1.0. Brasília: CONEP/CNS/MS, 2020. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_DireitosParticipantes_de_Pesquisa_2020.pdf#:~:text=A%20Cartilha%20dos%20Direitos%20dos%20Participantes%20de%20Pesquisa,como%20esses%20que%20inspiraram%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20da%20cartilha. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. *Lei n. 10.406 de 10 de janeiro de 2002*. Institui o código civil. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa*. Orientações para Procedimentos em Pesquisas com qualquer etapa em Ambiente Virtual/2021*. Disponível em: http://www.cep.cefetmg.br/2021/03/12/comunicado-conep-orientacoes-para-pesquisas-com-etapa-realizada-em-ambientes-virtuais/
Brasília, DF. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012***.** Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016.* Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

CASARIN, Helena de Castro S. *et al.* Colaboração entre bibliotecários e professores no contexto escolar. *Ensino em Re-vista*, v.20, n.2, p. 367-380, jul./fez, 2013. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23713. Acesso em: 12 out. 2021.

CEFET-MG. 2020. *Página da Instituição*. Disponível em: https://www.cefetmg.br/instituicao/historia/. Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. *Projeto Pedagógico Institucional:* 2016 – 2020. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2016. Disponível em: https://www.avaliacao.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/224/2019/06/3-PPI-PROJETO-PEDAG%C3%93GICO-INSTITUCIONAL-2016-2020.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto Pedagógico para implantação do Curso em Design de Moda no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.sig.cefetmg.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=16534260. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto Pedagógico para implantação do Curso em Engenharia da Computação no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.eng-computacao.divinopolis.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/205/2019/03/PPC-Divin%C3%B3polis_Padrao_CGRAD-Final.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto Pedagógico para implantação do Curso em Engenharia Mecatrônica no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.eng-mecatronica.divinopolis.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/195/2020/02/PPC-Engenharia-Mecatronica-Divinopolis.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Edificações no CEFET-MG Unidade de Curvelo*. Disponível em: https://www.decmcv.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/48/2019/05/4.-PPC-Edificacoes-Curvelo-_-ultimo.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Eletrotécnica no CEFET-MG Unidade de Curvelo*. Disponível em: https://www.deecv.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/49/2020/02/PPC_ELETROTECNICA_CURVELO-2016.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para implantação do Curso em Engenharia Civil no CEFET-MG Unidade de Curvelo*. Disponível em: https://www.dec.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/04/Projeto-Pedagogico-EPC-2014.pdf. Acesso em: 12. dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Informática no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.digddv.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/52/2019/04/PPC_Informatica_Div_2016.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para reestruturação do Curso Técnico em Produção de Moda no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.digddv.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/52/2019/05/PPC-Prod.-Moda-INTEGRADO.pdf. Acesso em; 12 dez. 2021.

_____. *Projeto pedagógico para implantação do Curso Técnico em Mecatrônica no CEFET-MG Unidade de Divinópolis*. Disponível em: https://www.demdv.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/54/2019/08/PPC-T%C3%A9cnico-Mecatr%C3%B4nica-Final-30-08-20163.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

DIRECTRIZES DA IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. 2006. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

FELTCHER, Carla Denize Ott; FERREIRA, André Luis Andrejew; FOLMER, Vanderlei. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no facebook. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 12, n. 7, 2017. p. 6. Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID419/v12_n7_a2017.pdf. Acesso em: 30 set. 2021.

FONSECA, Ana; SPUDEIT, Daniela. O trabalho cooperativo entre bibliotecários e professores para o desenvolvimento da competência em informação*:* criação de um programa voltado para alunos do ensino médio. *Bibl. Esc. Em R*., Ribeiro Preto, v.5, n.1, p.36-63, 2016. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/112482. Acesso em: 16 fev. 2020.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. *Processo de consentimento livre e esclarecido*. Disponível em: https://www.far.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/05/Instru%C3%A7%C3%A3o-para-elabora%C3%A7%C3%A3o-TCLE.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) *Métodos de pesquisa*. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Série Educação a Distância. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806. Acesso em: 28 maio 2020. 120 p.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4.ed. São Paulo, Atlas, 2002. p. 55. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B1EIl1g8FdfUOEMtQzRCdUFUX2c/view. Acesso em: 7 fev. 2021.

GOMES. Vanessa. *Verificação e validação de teste.* 2015. Disponível em: https://www.tiespecialistas.com.br/verificacao-e-validacao-de-teste/. Acesso em: 7 fev. 2021.

GONZAGA, Maria Marismene. Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico: um estudo de caso. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150624/gonzaga_mm_me_prud.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 12 out. 2021.

LOERTSCHER, D. *Taxonomies of the school library program*. Salt Lake City,UT: HiWillow Research & Publishing, 2000. Disponível em: https://ils.unc.edu/daniel/242/Taxonomies.html. Acesso em 17 fev. 2020.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, 1999. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

MENDONÇA, Gilda Aquino de Araújo. *As tecnologias na educação a distância*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. 2014. Disponível em: http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/115.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. Toward a theory of collaboration for teachers and librarians. *School Library Media Research*. 2005. Disponível em: http://www.ala.org/aasl/sites/ala.org.aasl/files/content/aaslpubsandjournals/slr/vol8/SLMR_TheoryofCollaboration_V8.pdf. Acesso em: 17. fev. 2020.

MORAN, José Manuel. *Os modelos educacionais na aprendizagem on-line*. São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/modelos.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social*: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 7 fev. 2021.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.345. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira). Disponível em: https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha. Acesso em: 8 jun. 2022.

PEREIRA, Gleice. *A colaboração no contexto da função educativa do bibliotecário*. 2016. 150 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE7FXB. Acesso em: 2 jan. 2020.

_____; CAMPELLO, Bernadete Santos. Compreendendo a colaboração entre bibliotecário e professor: a prática dos estudos de Patrícia Montiel-Overall e do Modelo TLC. *Brazilian Journal of Information Studies*: research trends. n. 10, fev. 2016, p. 4-13. Disponível em:

http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/5491. Acesso em: 16. fev. 2020.

PICH. Roberto Hofmeister. Thomas Reid sobre concepção, percepção e relação mente-mundo exterior. *Veritas*, v. 55, n. 2, maio/ago. 2010, p. 144-175. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/10238/7377. Acesso em: 13 out. 2021.

ROLDÃO, Maria do Céu. Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. *In*: Dossier: trabalho colaborativo dos professores. *Revista Noesis*, n. 71, 2007, p. 24-29. Disponível em: https://issuu.com/therockim/docs/noesis71. Acesso em: 7 fev. 2021.

SALA, Fabiana; MILITÃO, Sílvio César Nunes. *Biblioteca escolar e formação docente:* o trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores. UNESP: Campus Presidente, 2017. p. 2247-2256. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341_12045.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Maria Lucília Marques dos. *Bibliotecas escolares*: que colaboração? O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores. Estudo de Caso. 2010, 147 f. v. 1. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares). Departamento de Ciências da Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta, Lisboa, 2010. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1574/1/BEsColabora%C3%A7%C3%A3oLSantosVol.I.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

SHEPHERD, Murray. *Library collaboration*: what make it work? 2004. Disponível em: https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1710&context=iatul. Acesso em: 7 fev. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa cientifica. 2009. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Série Educação a Distância. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806. Acesso em: 28 maio 2020.

SMALL, Ruth V. *Developing a collaborative culture*. 2002. Disponível em: http://projectenable.syr.edu/data/Developing_a_Collaborative_Culture1.pdf. Acesso em: 7 fev. 2021.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO[1]

Projeto CAAE: 44379921600008507 aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em 15 de abril de 2021.

Prezado (a) Docente:

Prezado (a) Bibliotecário:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A Colaboração entre Docentes e Bibliotecários na Educação Profissional Tecnológica: um estudo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) - Unidade Divinópolis”.

Este convite se dá pelo fato de você trabalhar como bibliotecário ou docente no CEFET-MG Unidade Divinópolis, e sua atuação estar diretamente relacionada com a temática do trabalho colaborativo abordada nesta pesquisa.

A pesquisadora responsável pelo estudo é Maria Inês Passos Pereira Bueno, sob orientação do professor Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias, e coorientação do professor Dr. Rodrigo Alves dos Santos, para o Curso de Pós-Graduação stricto sensu, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) realizado através do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Maria Inês Passos Pereira Bueno, além de aluna do PROFEPT/CEFET-MG-Unidade de Divinópolis é servidora nessa Unidade estando lotada como Bibliotecária.

Esta pesquisa tem como objetivo geral desenvolver uma Plataforma *web* que possibilite o compartilhamento de pesquisas, concepções, reflexões e práticas relacionadas ao trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários, visando-se o fomento da cultura de colaboração entre esses pares e o favorecimento do ensino e da aprendizagem.

Sua realização justifica-se, pois, acredita-se que ela possa contribuir na busca pelo entendimento e compreensão do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem.

Sua participação nesta pesquisa se dará de forma voluntária, portanto, não se prevê nenhuma compensação financeira para tal. Ela acontecerá em meio virtual, em formato não presencial através do acesso a links enviados por e-mail em etapas diferentes. Ela consistirá em você:

a) dar o aceite virtual a este Termo se desejar participar da pesquisa.

b) responder a um questionário online com 24 questões abertas, fechadas e mistas sobre a temática do trabalho colaborativo entre bibliotecários e docentes; o tempo estimado para respondê-lo é de 8 a 12 minutos. Saiba que você não é obrigado a responder a nenhuma Questão.

c) acessar a Plataforma *web* de compartilhamento para verificação e validação de sua construção e uso;

d) responder a um segundo questionário online com 8 questões abertas, fechadas e mistas. Nele será avaliada a sua experiência de navegação na Plataforma *web* de compartilhamento; o tempo estimado para respondê-lo é de 3 a 6 minutos. Saiba que você não é obrigado a responder a nenhuma Questão.

[1] Para Ciência do CEP: O link para acessar o TCLE online é: https://forms.gle/Pq1xKAM1EpKE9jWZ6

Por estarem no formato eletrônico, os questionários poderão ser acessados no momento e local de sua preferência, não sendo obrigatório responder a todas as perguntas se assim desejar. Não há necessidade de explicação ou justificativa para tal decisão.

Sabe-se que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, você pode experimentar algum desconforto como cansaço e estresse ao preencher os questionários e ao navegar na Plataforma. Como forma de eliminar estes desconfortos, caso você deseje, assegure-se de que tem total liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Basta apenas comunicar à pesquisadora sua decisão. Você pode fazer isso clicando no link a seguir https://forms.gle/U6YBQuk4i9DFhsLt8, preenchendo os campos indicados para informar sua decisão.

Saiba que você poderá contar com o acompanhamento e a assistência, por parte da pesquisadora, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, e os receberá de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa. Para tal faça contato com a pesquisadora por e-mail ou telefone informados ao final deste Termo.

Outro risco provável é o da quebra de sigilo ou anonimato, ainda que involuntária e não intencional, já que a sua participação será virtual, havendo assim possibilidade de vazamento de informações. Por se tratar de uma pesquisa “online”, ela não está isenta de falhas técnicas. Para impedir tal acesso aos questionários e as informações neles contidas, a pesquisadora compromete-se a adotar o uso de linguagem criptográfica para a segurança e proteção de dados virtuais. A pesquisadora garante que além dela, somente o orientador da pesquisa terá permissão para acessar diretamente os dados coletados. Portanto, tudo será feito para que o sigilo, o anonimato, a privacidade, confidencialidade sejam integralmente preservados.

As informações coletadas serão utilizadas apenas na pesquisa em Questão. Se esta for apresentada em encontros ou publicada em revistas científicas, o que será apresentado serão apenas os resultados obtidos. Uma vez concluída a coleta de dados, a pesquisadora responsável compromete-se a fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer Plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Também se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo físico ou digital privado, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. (Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD – nº 13.709/2018; Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual disponibilizadas pelo Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e Resoluções 466/2012 - Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Saiba que todos os danos sofridos por você durante a participação na pesquisa serão indenizados de acordo com o que estabelece o Código Civil Brasileiro (Lei 10.406 de 2002), sobretudo nos artigos 927 a 954, dos Capítulos I (Da Obrigação de Indenizar) e II (Da I (Da Obrigação de Indenizar), Título IX (Da Responsabilidade Civil) e o que preveem as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, além dos direitos anteriormente reportados, também é garantido a você:

1 - a observância de todas as práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;

2 - o acesso aos resultados da pesquisa;

3 - o ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa;

4 - o acesso a este Termo, que está configurado no formato digital.

Você não terá benefícios diretos ao participar da pesquisa, mas ela pode auxiliar a compreensão e o entendimento sobre a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis, e isso pode favorecer o fomento da cultura colaborativa entre esses pares, podendo gerar melhorias nas suas relações de trabalho e no ensino e aprendizagem. A pesquisadora não terá nenhum benefício pessoal/financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica dele decorrente.

O professor Dr. Thiago Magela Rodrigues Dias, enquanto orientador, também responde por este documento, comprometendo-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconizam as Resoluções 466/2012 e 510/16. Este documento foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora por e-mail ou telefone a qualquer momento. Para tal utilize o endereço de e-mail: **inespassos@cefetmg**.br ou o postal: Rua Iolanda Gomes da Silva, 120, Bairro Belvedere, CEP 35501-330 – Divinópolis-MG. O contato também pode ser feito por telefone: **(37) 99834-2394.**

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Você poderá também acessar a página do CEP, disponível em**:<http://www.cep.cefetmg.br> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n° 5855 - Campus Gameleira; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004** ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras das 12h às 16h e às quintas-feiras das 12h às 16h.

Se você desejar obter maiores informações sobre a Legislação para Pesquisas com Seres Humanos clique nos links a seguir:

RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012
https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf

RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016
http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf

Orientações para Procedimentos em Pesquisas com qualquer etapa em Ambiente Virtual/2021
http://www.cep.cefetmg.br/2021/03/12/comunicado-conep-orientacoes-para-pesquisas-com-etapa-realizada-em-ambientes-virtuais/

Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) nº 13709/2018
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13709.htm

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
http://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep

Código Civil Brasileiro- Lei nº 10406/2002

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm

Para dar o seu consentimento ou não em participar da pesquisa, assinale uma das opções apresentadas a seguir:

( )Sim, eu aceito participar da pesquisa.
( )**Não, eu não desejo participar da pesquisa.**

Depois digite seu **nome completo:**

_____

Preencha o campo **data:**

____/____/_____

Logo que sua resposta for recebida pela pesquisadora, será enviado a você um e-mail de confirmação deste recebimento. Caso você tenha dado o seu consentimento para participar da pesquisa, será dado prosseguimento às etapas da coleta de dados e da navegação na Plataforma. Os links para responder aos questionários e para o acesso à Plataforma serão encaminhados por e-mail individualizado. Todas as instruções estarão contidas nestes e-mails.

Orienta-se que você guarde uma cópia deste Termo em seus arquivos digitais ou impressos para posterior consulta ou para poder acessar o link de retirada de consentimento que consta deste Termo, caso queira desistir de participar da pesquisa. Informe se deseja ou não receber os resultados da pesquisa:

( ) Desejo receber os resultados.
( ) Não desejo receber os resultados.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 1: A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS

Prezado (a) Docente:

Este questionário objetiva reunir dados sobre você, suas concepções e práticas acerca da temática do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis.

Não é obrigatório que você responda a todas as perguntas. Contudo o preenchimento de todo o formulário contribuirá para o bom êxito da pesquisa e para o alcance dos resultados esperados.

Deseja-se a você uma ótima experiência.

A - Caracterização dos respondentes:

1 – Qual é a sua idade?_____
2 – Sexo: ( ) feminino ( ) masculino
3 – Qual é a sua formação acadêmica superior:
( ) Graduação
( ) Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado
( ) Pós-Doutorado
4 –Tempo de atuação na Instituição _____

5 - Informe em qual (quais) curso (s), série (s) e período (s) leciona:
( ) técnico integrado em informática
( ) 1ª série ( ) 2ª série ( ) 3ª série ( ) N.R.A.
( ) técnico integrado em produção de moda
( ) 1ª série ( ) 2ª série ( ) 3ª série ( ) N.R.A.
( ) técnico integrado em mecatrônica
( ) 1ª série ( ) 2ª série ( ) 3ª série ( ) N.R.A.
( ) técnico em informática para internet
( ) 1ª série ( ) 2ª série ( ) N.R.A.
( ) técnico em Eletromecânica
( ) 1ª série ( ) 2ª série ( ) N.R.A.
( ) graduação em Engenharia Mecatrônica
( ) 1º período ( ) 2º período ( ) 3º período
( ) 4º período ( ) 5º período ( ) 6º período
( ) 7º período ( ) 8º período ( ) 9º período
( ) 10º período ( ) N.R.A.
( ) graduação em Design de Moda
( ) 1º período ( ) 2º período ( ) 3º período
( ) 4º período ( ) 5º período ( ) 6º período
( ) 7º período ( ) 8º período ( ) N.R.A.
( ) graduação em Engenharia de Computação
( ) 1º período ( ) 2º período ( ) 3º período

( ) 4º período ( ) 5º período ( ) 6º período
( ) 7º período ( ) 8º período ( ) 9º período
( ) 10º período ( ) N.R.A.
( ) Especialização em Sistemas e Dispositivos Mecatrônicos
( ) Mestrado Profissional PROFEPT
( ) N.R.A.

6 - Informe qual (quais) a (s) disciplina (s) que você leciona:_____

B - Trabalho colaborativo: concepções e práticas

7 - Você tem algum conhecimento sobre o tema abordado nesta pesquisa?
( ) Sim. ( ) Não

8 - Se respondeu sim, descreva brevemente a percepção que você tem de trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários?
_____

9 - Assinale com um X o grau de concordância em relação aos seguintes conjuntos de tópicos que procuram caracterizar a colaboração:

No seu entendimento, o trabalho colaborativo pressupõe:	**Discordo Totalmente**	**Discordo**	**Não discordo nem concordo**	**Concordo**	**Concordo Totalmente**
Cooperação e Planejamento informais; Partilha esporádica de recursos; não há riscos associados.					
Existência de Planejamento e Canais de comunicação; Reconhecimento da Partilha de recursos e liderança como necessárias; Cada colaborador assume uma função específica.					
Planejamento e Objetivos em comum; Relações bem definidas; Recursos partilhados; Benefícios para todos; Riscos assumidos por todos.					

Fonte: Araújo (2012, Anexo II, p. V)

10 - Dentre as alternativas a seguir assinale as três, que na sua opinião, apontam para os benefícios mais relevantes do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Favorece a inserção de novas práticas pedagógicas.
( ) Aprimora as competências pedagógicas de docentes e de bibliotecários.
( ) Eleva a autoconfiança.
( ) Estimula o respeito pelos colegas.
( ) Possibilita a partilha de ideias.
( ) Desenvolve as competências de autoavaliação.
( ) Intensifica a motivação para o trabalho em equipe.
( ) Outro.
Qual?_____

11 – Dentre as alternativas a seguir assinale as quatro, que na sua opinião, apontam para os fatores que mais dificultam o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Falta de tempo, devido a carga horária extensa.
( ) Aumento do volume de atividades de trabalho.
( ) Diferentes percepções sobre essa prática.
( ) Reuniões de caráter burocrático.
( ) Ausência de envolvimento nas decisões.
( ) Falta de liderança efetiva
( ) Não proximidade entre docentes e bibliotecários.
( ) Desconhecimento, por parte do docente e do bibliotecário, sobre o papel um do outro.
( ) Oposição a parcerias.
( ) Outro.
Qual?_____

12 – Dentre as alternativas a seguir assinale as seis, que na sua opinião, apontam para os fatores que mais facilitam o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Possibilidade de ter horários de planejamento em conjunto.
( ) Criação de equipes entre os departamentos.
( ) Formação específica para tal atuação.
( ) Relações interpessoais de boa qualidade.
( ) Criação de equipes de trabalho com números menores de integrantes.
( ) Estabelecimento de objetivos em comum.
( ) Flexibilização de horários não letivos para os docentes.
( ) Contratação de auxiliares de biblioteca para possibilitar ao bibliotecário participar do planejamento e gestão das ações colaborativas.
( ) Compartilhamento das decisões.
( ) Participação dos bibliotecários nas reuniões pedagógicas.
( ) Participação dos docentes nas reuniões da biblioteca.
( ) Compreensão por parte do docente do papel educativo do bibliotecário.
( ) Ciência por parte do bibliotecário do seu papel educativo.
( ) Outro.
Qual?_____

C - Categorização do nível de colaboração entre bibliotecários e docentes do CEFET-MG Unidade Divinópolis.

13 – Você e o bibliotecário promovem práticas colaborativas?
( ) Sim. ( ) Não

14 - Se você respondeu sim à questão anterior, cite qual (quais) prática (s) seria (m) esta (s)? Se você respondeu não, justifique por quê.

---

15 - Para você que respondeu SIM à questão 13, informe com que frequência essa (s) prática (s) colaborativa(s) ocorre(m), entre vocês. Para você que respondeu NÃO,

assinale a alternativa ESTA QUESTÃO NÃO SE APLICA A MIM nas questões 16, 17 e 18:

( ) diariamente.
( ) uma ou duas vezes por semana.
( ) uma ou duas vezes por mês.
( ) uma ou duas vezes por período.
( ) esta questão não se aplica a mim
( ) outros.

16 - Essa colaboração ela é:
( ) uma imposição da equipe gestora.
( ) regida pela formalidade do calendário e do quadro de horários inflexíveis.
( ) baseada na confiança e no respeito.
( ) espontânea.
( ) essa questão não se aplica a mim.

17 - Como você avalia sua experiencia de trabalho colaborativo com os bibliotecários:
( ) muito positivo.
( ) positivo.
( ) pouco positivo.
( ) negativo.
( ) muito negativo
( ) essa questão não se aplica a mim.

18 - Você que já colabora, pretende continuar?
( ) sim
( ) não
( ) essa questão não se aplica a mim.

19 - Você que ainda não trabalha em conjunto com o bibliotecário pretende participar de ações que venham a promover a cultura colaborativa entre vocês? Justifique sua resposta.

---

20 - Dentre as alternativas abaixo, estão elencados os prováveis níveis de colaboração que podem ser percebidos entre docentes e bibliotecários segundo definem os estudos de Montiel-Overall, estudiosa que construiu a Teoria da Colaboração entre esses pares (2005-2013). A partir de sua compreensão, em que nível você considera que se categoriza o trabalho colaborativo entre professores e bibliotecários no CEFET-MG Unidade Divinópolis? (Assinale apenas UMA alternativa)

( ) coordenação: docentes e bibliotecários se reúnem, esporadicamente, quando têm interesse em auxiliarem um ao outro para tornar o seu trabalho mais eficiente. Organizam eventos em conjunto, mas, cada um age individualmente. O seu envolvimento é mínimo, sem compromissos e relações formais. Se dá em curto prazo de tempo. O foco recai sobre a eficiência.

( ) cooperação: docentes e bibliotecários concordam em trabalhar em conjunto e podem ter objetivos comuns, que exijam acordos formais entre eles. Pode haver

compartilhamento de responsabilidades, e maior envolvimento na realização das atividades, contudo o comprometimento, a comunicação e planejamento conjunto não são profundos e nem intensos. Ocorre a predominância da decisão de um sobre a do outro. Não há compartilhamento de autoridade. Cada parceiro fica responsável por uma parte da atividade. A relação é unilateral. O foco recai no produto final.

( ) Instrução integrada: docentes e bibliotecários planejam, criam e implementam atividades que objetivam trabalhar a aprendizagem dos conteúdos pedagógicos. Eles mantêm seu foco na socialização dos seus conhecimentos e experiências visando proporcionar aprendizagens significativas aos discentes, auxiliando-os no desenvolvimento do seu potencial. Docentes e bibliotecários têm conhecimento do trabalho um do outro e tem objetivos em comum. Eles trabalham lado a lado no planejamento das atividades e na sua avaliação. Contudo isso não ocorre ainda entre todos os docentes e bibliotecários da Instituição. O foco recai nos resultados da aprendizagem.

( ) Currículo integrado: neste nível ocorre o que foi apontado no nível anterior, o da instrução integrada, contudo já se dá com a integração de todos os conteúdos de ensino, preconizados no currículo, às atividades da biblioteca, contando-se com a participação integral de todos os docentes e bibliotecários da Instituição. Além disso, a gestão da escola, comprometida com esta rede de colaboração, flexibiliza horários, distribui recursos, incentiva a interação cotidiana entre a sala de aula e a biblioteca. Ela reconhece o papel educativo do bibliotecário considerando-o capaz de participar do desenvolvimento e implementação do currículo na Instituição. O ensino não é só compromisso do docente, mas também do bibliotecário. Essas atribuições são de docentes e bibliotecários na mesma medida de responsabilidade. Docentes e bibliotecários não só conhecem melhor o trabalho um do outro, como o reconhecem. Demanda maior tempo e maior energia de todos os envolvidos nas atividades. O foco recai sobre o ensino e a aprendizagem, onde equipe gestora, docentes, bibliotecários e discentes são igualmente favorecidos.

( ) Não sei responder.

D – Avaliação da Plataforma

21 - Você considera que a implementação da Plataforma *Web* de Compartilhamento, sobre a temática da colaboração pode favorecer o fomento da cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários e consequentemente ao ensino e à aprendizagem no CEFET-MG Unidade Divinópolis?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei opinar

22 - Justifique a opção assinalada por você na questão anterior.

E – Avaliação da pesquisa

23 - Você considera relevante para sua formação pessoal e profissional, adquirir conhecimentos sobre o tema abordado nesta pesquisa?

( ) Sim ( ) Não

_____

24 - Há alguma sugestão, crítica, elogio, observação que você gostaria de apresentar?

_____

Muito obrigada
por sua gentil participação.
Ela é fundamental para o
desenvolvimento desta pesquisa

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 2: A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS

Prezado bibliotecário:

Este questionário objetiva reunir dados sobre você, suas concepções e práticas acerca da temática do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis.

Não é obrigatório que você responda a todas as perguntas. Contudo o preenchimento de todo o formulário contribuirá para o bom êxito da pesquisa e para o alcance dos resultados esperados.

Deseja-se a você uma ótima experiência.

1 - Caracterização dos respondentes:

1 – Qual é a sua idade?_____
2 – Sexo: ( ) feminino ( ) masculino
3 – Qual é o nível de sua formação acadêmica superior:
( ) Graduação
( ) Especialização
( ) Mestrado
( ) Doutorado
( ) Pós-Doutorado
4 - Tempo de atuação na Instituição _____

5 - Você tem cargo de chefia na biblioteca?
( ) Sim. ( ) Não ( ) Já teve

6 - Você já atuou como docente em algum momento de sua vida profissional?
( ) Sim. ( ) Não

7 - Você tem algum conhecimento sobre o tema abordado nesta pesquisa?
( ) Sim. ( ) Não

8 - Se respondeu sim, descreva brevemente a percepção que você tem de trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários?
_____

2 – Trabalho colaborativo: concepções e práticas

9 – Assinale com um X o grau de concordância em relação aos seguintes conjuntos de tópicos que procuram caracterizar a colaboração:

No seu entendimento, o trabalho colaborativo pressupõe:	Discordo Totalmente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Totalmente

Cooperação e Planejamento informais; Partilha esporádica de recursos; Não há riscos associados.					
Existência de Planejamento e Canais de comunicação; Reconhecimento da Partilha de recursos e liderança como necessárias; Cada colaborador assume uma função específica.					
Planejamento e Objetivos em comum; Relações bem definidas; Recursos partilhados; Benefícios para todos; Riscos assumidos por todos.					

Fonte: Araújo (2012, Anexo II, p. V)

10 – Dentre as alternativas a seguir assinale as três, que na sua opinião, apontam para os benefícios mais relevantes do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Favorece a inserção de novas práticas pedagógicas.
( ) Aprimora as competências pedagógicas de docentes e de bibliotecários.
( ) Eleva a autoconfiança.
( ) Estimula o respeito pelos colegas.
( ) Possibilita a partilha de ideias.
( ) Desenvolve as competências de autoavaliação.
( ) Intensifica a motivação para o trabalho em equipe.
( ) Outro.
Qual?_____

11 – Dentre as alternativas a seguir assinale as quatro, que na sua opinião, apontam para os fatores que mais dificultam o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Falta de tempo, devido a carga horária extensa.
( ) Aumento do volume de atividades de trabalho.
( ) Diferentes percepções sobre essa prática.
( ) Reuniões de caráter burocrático.
( ) Ausência de envolvimento nas decisões.
( ) Falta de liderança efetiva
( ) Não proximidade entre docentes e bibliotecários.
( ) Desconhecimento, por parte do docente e do bibliotecário, sobre o papel um do outro.
( ) Oposição a parcerias.
( ) Outro.
Qual?_____

12 – Dentre as alternativas a seguir assinale as seis, que na sua opinião, apontam para os fatores que mais facilitam o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários:
( ) Possibilidade de ter horários de planejamento em conjunto.
( ) Criação de equipes entre os departamentos.
( ) Formação específica para tal atuação.
( ) Relações interpessoais de boa qualidade.
( ) Criação de equipes de trabalho com números menores de integrantes.
( ) Estabelecimento de objetivos em comum.
( ) Flexibilização de horários não letivos para os docentes.

( ) Contratação de auxiliares de biblioteca para possibilitar ao bibliotecário participar do planejamento e gestão das ações colaborativas.
( ) Compartilhamento das decisões.
( ) Participação dos bibliotecários nas reuniões pedagógicas.
( ) Participação dos docentes nas reuniões da biblioteca.
( ) Compreensão por parte do docente do papel educativo do bibliotecário.
( ) Ciência por parte do bibliotecário do seu papel educativo.
( ) Outro.
Qual?_____

_____

3. Categorização do nível de colaboração entre bibliotecários e docentes do CEFET-MG Unidade Divinópolis.

13 – Você e os docentes promovem práticas colaborativas?

14 - Se você respondeu sim à questão anterior, cite qual (quais) prática (s) seria (m) esta (s)? Se você respondeu não, justifique por quê.

15 - Para você que respondeu SIM à questão 13, informe com que frequência esta (s) prática (s) colaborativa(s) ocorre(m), entre vocês. Para você que respondeu NÃO, assinale a alternativa ESTA QUESTÃO NÃO SE APLICA A MIM nas questões 16, 17 e 18.

( ) Diariamente.
( ) Uma ou duas vezes por semana.
( ) Uma ou duas vezes por mês.
( ) Uma ou duas vezes por período.
( ) Raramente.
( ) Outro. Qual?

16 - Essa colaboração ela é:
( ) uma imposição da equipe gestora.
( ) regida pela formalidade do calendário e do quadro de horários inflexíveis.
( ) Baseada na confiança e no respeito.
( ) Espontânea.
( ) esta questão não se aplica a mim.

17 - Como você avalia sua experiencia de trabalho colaborativo com os bibliotecários:
( ) muito positivo.
( ) positivo.
( ) pouco positivo.
( ) negativo.
( ) muito negativo
( ) esta questão não se aplica a mim.

18 - Você que já trabalha com os docentes, pretende continuar?
( ) Sim
( ) Não
( ) esta questão não se aplica a mim.

19 - Você que ainda não trabalha em conjunto com os docentes pretende participar de ações que venham a promover a cultura colaborativa entre vocês? Justifique sua resposta.
( ) Sim ( ) Não

_____

20 - Dentre as alternativas abaixo, estão elencados os prováveis níveis de colaboração que podem ser percebidos entre docentes e bibliotecários segundo definem os estudos de Montiel-Overall, estudiosa que construiu a Teoria da Colaboração entre esses pares (2005-2013). A partir de sua compreensão, em que nível você considera que se categoriza o trabalho colaborativo entre professores e bibliotecários no CEFET-MG Unidade Divinópolis? (Assinale apenas UMA alternativa)

( ) coordenação: docentes e bibliotecários se reúnem, esporadicamente, quando têm interesse em auxiliarem um ao outro para tornar o seu trabalho mais eficiente. Organizam eventos em conjunto, mas, cada um age individualmente. O seu envolvimento é mínimo, sem compromissos e relações formais. Se dá em curto prazo de tempo. O foco recai sobre a eficiência.

( ) cooperação: docentes e bibliotecários concordam em trabalhar em conjunto e podem ter objetivos comuns, que exijam acordos formais entre eles. Pode haver compartilhamento de responsabilidades, e maior envolvimento na realização das atividades, contudo o comprometimento, a comunicação e planejamento conjunto não são profundos e nem intensos. Ocorre a predominância da decisão de um sobre a do outro. Não há compartilhamento de autoridade. Cada parceiro fica responsável por uma parte da atividade. A relação é unilateral. O foco recai no produto final.

( ) Instrução integrada: docentes e bibliotecários planejam, criam e implementam atividades que objetivam trabalhar a aprendizagem dos conteúdos pedagógicos. Eles mantêm seu foco na socialização dos seus conhecimentos e experiências visando proporcionar aprendizagens significativas aos discentes, auxiliando-os no desenvolvimento do seu potencial. Docentes e bibliotecários têm conhecimento do trabalho um do outro e tem objetivos em comum. Eles trabalham lado a lado no planejamento das atividades e na sua avaliação. Contudo isso não ocorre ainda entre todos os docentes e bibliotecários da Instituição. O foco recai nos resultados da aprendizagem.

( ) Currículo integrado: neste nível ocorre o que foi apontado no nível anterior, o da instrução integrada, contudo já se dá com a integração de todos os conteúdos de ensino, preconizados no currículo, às atividades da biblioteca, contando-se com a participação integral de todos os docentes e bibliotecários da Instituição. Além disso, a gestão da escola, comprometida com esta rede de colaboração, flexibiliza horários, distribui recursos, incentiva a interação cotidiana entre a sala de aula e a biblioteca. Ela reconhece o papel educativo do bibliotecário considerando-o capaz de participar do desenvolvimento e implementação do currículo na Instituição. O ensino não é só compromisso do docente, mas também do bibliotecário. Essas atribuições são de docentes e bibliotecários na mesma medida de responsabilidade. Docentes e bibliotecários não só conhecem melhor o trabalho um do outro, como o reconhecem. Demanda maior tempo e maior energia de todos os envolvidos nas atividades. O foco recai sobre o ensino e a aprendizagem, onde equipe gestora, docentes, bibliotecários e discentes são igualmente favorecidos.

( ) Não sei responder.

---

21 - Você considera que a implementação da Plataforma *Web* de Compartilhamento, sobre a temática da colaboração pode favorecer o fomento da cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários e consequentemente ao ensino e à aprendizagem no CEFET-MG Unidade Divinópolis?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei opinar

22 - Justifique a opção assinalada por você na Questão anterior.

---

23 - Você considera relevante para sua formação pessoal e profissional, adquirir conhecimentos sobre o tema abordado nesta pesquisa?

( ) Sim ( ) Não

---

24 - Há alguma sugestão, crítica, elogio, observação que você gostaria de apresentar?

Muito obrigada
por sua gentil participação.
Ela é fundamental para o
desenvolvimento desta pesquisa

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO: AVALIAÇÃO DA PLATAFORMA *WEB* DE COMPARTILHAMENTO

1. O questionário a seguir possibilita a você realizar uma avaliação da Plataforma *Web* de Compartilhamento e de sua experiência ao acessá-la. Assinale uma entre as cinco alternativas apresentadas em cada item referente à sua avaliação das características da Plataforma:

Aparência visual
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Navegabilidade
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Interatividade
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Usabilidade
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Eficiência
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Diversidade de funcionalidades
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Utilidade
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Segurança
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Produtividade e alimentação coletiva
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim
Suporte
( ) Excelente ( ) Muito boa ( ) Boa ( ) Razoável ( ) Ruim

2. Depois de navegar diretamente na Plataforma ou assistir ao vídeo de Navegação Guiada, ou ainda consultar o tutorial em *pdf*, como você avalia sua experiência com a Plataforma?

( ) 1 Excelente ( ) 2 Muito boa ( ) 3 Boa ( ) 4 Razoável ( ) 5 Ruim

3. Aponte aqui, se desejar, alguma consideração sobre esta experiência:
_____

4. Você considera que a Plataforma está adequada ao uso a que ela se propõe?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei opinar

5. Se respondeu que a Plataforma não está adequada, o que sugere como alteração para melhorá-la?
_____

6. Você considera que os conteúdos que virão a ser tratados e postados na Plataforma podem possibilitar a docentes e bibliotecários, o contato com conhecimentos que lhes auxiliem na compreensão do que seja o trabalho colaborativo?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei opinar

7. Você considera que as funcionalidades disponibilizadas na Plataforma vão permitir de maneira produtiva e eficiente a construção coletiva sobre a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários e o fomento da cultura colaborativa na Instituição?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei opinar

8. Você pretende fazer uso da Plataforma Colabhorar como ferramenta de fomento à cultura da colaboração entre docentes e bibliotecários?

( ) Sim ( ) Não ( ) Prefiro não responder

9. Faça aqui sua sugestão, crítica, elogio ou observação a respeito da Plataforma Colabhorar.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS -

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A COLABORAÇÃO ENTRE DOCENTES E BIBLIOTECÁRIOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS(CEFET-MG) - UNIDADE DIVINÓPOLIS

Pesquisador: MARIA INES PASSOS PEREIRA BUENO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 44379921.6.0000.8507

Instituição Proponente: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.651.284

Apresentação do Projeto:

Projeto de MESTRADO (2a entrada) do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, do Campus de Divinópolis/MG. Os pesquisadores pretende estudar a população composta de servidores que atuam como docentes e bibliotecários no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) - Unidade Divinópolis. São ao todo 81 participantes naquela unidade (79 professores e 2 bibliotecários) sujeitos que serão convidados a participar da coleta de dados através de questionários com questões abertas, fechadas e mistas e também a acessar e avaliar a plataforma web de compartilhamento proposta como produto educacional neste projeto.

Apresentação do Tema:

Colaborar, na atualidade, é fundamental para que as organizações obtenham sucesso e se consolidem nos contextos e ramos de atividades aos quais se dedicam. E no âmbito da Educação isso não é diferente. É cada vez maior o consenso de que o trabalho colaborativo favorece o ensino e a aprendizagem, e consequentemente a todos os atores envolvidos nesse processo. Sendo assim, o presente projeto tem como temática o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica; como questão central: quais são

as concepções e práticas dos docentes e bibliotecários do CEFET-MG quanto ao trabalho colaborativo.

A hipótese central, é de se a colaboração entre docentes e bibliotecários pode favorecer o ensino e a aprendizagem. Quanto à abordagem a pesquisa se configura como qualitativa e, quanto à sua natureza, é aplicada. Por seus objetivos, é descritiva e exploratória, tendo como campo de estudo a Unidade Divinópolis do CEFET-MG. A população 'potencial' a ser pesquisada compõe-se de todos os docentes e bibliotecários que atuam na referida unidade, que são em número de 81 servidores. Quanto aos procedimentos é pesquisa participante, pois a autora deste projeto integra esse grupo a ser pesquisado, já que atua como bibliotecária no CEFET-MG.
Para a coleta de dados serão utilizados questionários com questões abertas, mistas e fechadas e observação participante.

Espera-se como escopo da pesquisa, que uma vez realizada, contribua com os estudos sobre a temática nela abordada, que o estudo e a abordagem dos temas encontre identificação junto aos pesquisados, que a implantação da plataforma obtenha aceitação e vá ao encontro das necessidades e anseios dos pesquisados, sendo assim favorecido o ensino e a aprendizagem com o fomento da cultura colaborativa entre bibliotecários e docentes.

Objetivo da Pesquisa:
A hipótese levantada, é de que forma a colaboração entre docentes e bibliotecários pode favorecer o ensino, e consequentemente a aprendizagem dos discentes.

Objetivo geral
Desenvolver uma plataforma web que possibilite o compartilhamento de pesquisas, concepções, reflexões e práticas relacionadas ao trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários, visando-se o fomento da cultura de colaboração entre esses pares e o favorecimento do ensino e da aprendizagem dos discentes.

Objetivos específicos:
a) identificar as concepções e práticas dos docentes e bibliotecários.
b) categorizar o nível das práticas colaborativas entre docentes e bibliotecários a partir dos parâmetros definidos no modelo de Montiel-Overall

indicado em sua Teoria da Colaboração;
c) planejar e implementar uma plataforma web para o compartilhamento de dados, informações, percepções, reflexões, práticas e construção
coletiva de conhecimentos sobre a temática abordada nesta pesquisa. Essa plataforma se configura como o produto educacional nesta pesquisa;
d) averiguar as percepções dos docentes e bibliotecários sobre a experiência de utilização da plataforma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos a pesquisadora qualifica que podem ser o desconforto como cansaço e estresse ao preencher os questionários e ao navegar na plataforma, ou risco provável da quebra de sigilo ou anonimato, ainda que involuntária e não intencional, já que a sua participação será virtual.
Como forma de eliminar estes desconfortos, caso você deseje, a pesquisador assegura que o participante terá total liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Basta apenas comunicar à pesquisadora sua decisão. Por se tratar de uma pesquisa "online", ela não está isenta de falhas técnicas. Para impedir tal acesso aos questionários e as informações neles contidas, a pesquisadora compromete-se a adotar o uso de linguagem criptográfica para a segurança e proteção de dados virtuais. A pesquisadora garante que além dela, somente o orientador da pesquisa terá permissão para acessar diretamente os dados coletados. Portanto, tudo será feito para que o sigilo, o anonimato, a privacidade, confidencialidade sejam integralmente preservados.

O participante não terá benefícios diretos ao participar da pesquisa, mas ela pode auxiliar a compreensão e o entendimento sobre a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários no âmbito do CEFET-MG Unidade Divinópolis, e isso pode favorecer o fomento da cultura colaborativa entre esses pares, podendo gerar melhorias nas suas relações de trabalho e no ensino e aprendizagem. A pesquisadora não terá nenhum benefício pessoal/financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica dele decorrente. A pesquisa segundo os autores oferece portanto, elevada possibilidade de gerar conhecimentos que contribuam; com a formação continuada de docentes e bibliotecários; com a promoção da cultura colaborativa entre esses pares; e com o favorecimento da aprendizagem discente ao longo de sua vida pessoal e profissional.

Continuação do Parecer: 4.651.294

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Quanto aos procedimentos metodológicos deste projeto de pesquisa, trata de um estudo empírico de natureza qualitativa e aplicada, em que a autora por atua na instituição como bibliotecária, portanto, segundo ela tem contato cotidiano com os sujeitos a serem pesquisados, estando assim diretamente envolvida nas questões relacionadas à temática que aborda.

O escopo da pesquisa é a proposta de um Produto Educacional (PE) que se configure como uma Plataforma Web de Compartilhamento, que está categorizada como Software/Aplicativo com disponibilização de mídias educacionais. Essa plataforma web se conforma como um ambiente digital para a consulta e o compartilhamento de conteúdos e práticas acerca da temática do trabalho colaborativo, funcionando assim
tanto como um repositório como quanto um espaço de escrita e produção coletiva. Objetiva segundo a pesquisadora, com o seu uso, fomentar a cultura colaborativa entre docentes e bibliotecários, o que se espera resultará, no favorecimento, e consequente aprimoramento do processo do ensino e da aprendizagem.

O projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEFET-MG, via plataforma Brasil, somente poderá iniciar as coletas após a aprovação do projeto pelo CEP, conforme descrito no Projeto de Pesquisa, "Aplicação dos instrumentos de coleta de dados e
liberação do acesso ao pré-teste da plataforma", para maio/2021.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão disponíveis os documentos de apresentação obrigatória: folha de rosto, projeto de pesquisa, TCLE, termo de anuência (CEFET/MG), orçamento e questionários on line para o público-alvo com o objetivo de avaliar a qualidade do Produto Educacional (PE), ou seja a Plataforma Web de Compartilhamento.

Recomendações:

Reitera-se cuidado com o método de análise dos dados (apontamentos de Laurence Bardin), que será utilizado na fase de interpretação dos conteúdos empíricos da pesquisa, e suas inferência relativas às condições de contorno da TLC (Teoria da Colaboração entre Docentes e Bibliotecários), visando uma ampla divulgação do conhecimento adquirido no escopo da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As correções das 5 dependências e/ou modificações sugeridas anteriormente foram executadas

Endereço: Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gameleira (Campus VI), 1º andar, sala do
Bairro: Gameleira **CEP:** 30.510-000
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br

pela pesquisadora (vide Carta Resposta).

A pesquisa à priori, atende regularmente aos princípios da bioética (estabelecidos nas Resoluções 466 e 510 do CONEP): autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

Considerações Finais a critério do CEP:

O(A) pesquisador(a) deve atentar-se aos seguintes pontos:

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos.
4. O pesquisador deve apresentar relatórios semestrais e ao final da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1696749.pdf	03/04/2021 15:02:31		Aceito
Outros	CartaRespostaMariaInesPassosPereiraBueno.docx	03/04/2021 14:56:50	MARIA INES PASSOS PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMariaInesPassosPereiraBueno.pdf	03/04/2021 14:44:25	MARIA INES PASSOS PEREIRA BUENO	Aceito
Cronograma	CronogramaMariaInesPassosPereiraBueno.pdf	03/04/2021 14:44:15	MARIA INES PASSOS PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMariaInesPassosPereiraBueno.pdf	03/04/2021 14:44:03	MARIA INES PASSOS PEREIRA BUENO	Aceito
Orçamento	OrcamentoMariaInesPassos.pdf	01/03/2021 14:18:27	MARIA INES PASSOS PEREIRA	Aceito
Outros	TermodeanuenciaMariaInes.pdf	01/03/2021 14:16:33	MARIA INES PASSOS PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoMariaInes.pdf	26/02/2021 10:27:49	MARIA INES PASSOS PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

BELO HORIZONTE, 15 de Abril de 2021

Assinado por:
LAISE FERRAZ CORREIA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Amazonas, 5855, Prédio principal (único) do Campus Gameleira (Campus VI), 1º andar, sala do
Bairro: Gameleira **CEP:** 30.510-000
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3379-3004 **E-mail:** cep@cefetmg.br